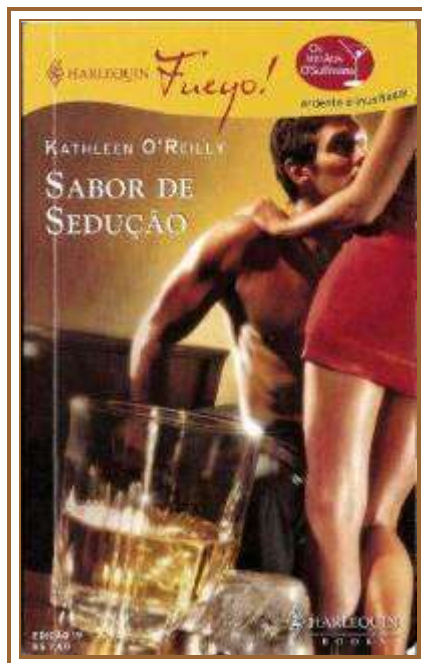


Sabor de Sedução

Titulo original: SEX, STRAIGHTUP

Kathleen O'Reilly

Os Irmãos O'Sullivans 02



Uma dose de atração, duas doses de pecado.

Encontrar um homem lindo e solitário em uma praia deserta foi como ser atingida por um raio. Um fim de semana ardente com Daniel O'Sullivan foi o suficiente para deixar Catherine Montefiori atordoada com um maravilhoso coquetel de sol, mar e sexo.

Subitamente, no entanto, a diversão acaba quando a casa de leilões da sua família dela é envolvida em um escândalo. Catherine está disposta a resolver tudo, mas espera que Daniel a ajude nisso. Afinal, ele é o homem certo para o trabalho, e ela, mesmo contrariando o bom senso, não consegue mais se afastar dele...

Digitalização: Pam

Revisão: Simone





Querida leitora,

Essa é uma história que tenho na cabeça há muito tempo. Nós morávamos no Texas em setembro de 2001, e, em 11/09, eu tive a mesma reação de tristeza que o resto das pessoas. No entanto, as vidas perdidas naquele dia ganharam um significado impressionante para nós quando nos mudamos para os subúrbios de Nova York pouco mais de um ano depois.

Quando meu filho começou a jogar na liga mirim de beisebol, eu fui a muitos jogos na escola, e notei uma placa perto da arquibancada. Ela é pequena, de bronze, e fica pregada em uma parede de madeira do ginásio. Foi feita em memória de um senhor que administrava a liga mirim da cidade e morreu no 11/09. Ela não fala dos ataques, não diz como ele morreu, mas como ele viveu e contribuiu para a liga. Nesse momento, o que antes era uma tragédia infinita e quase inimaginável se tornou muito, muito real.

Uma vida. Um homem comum treinando crianças em um campinho de beisebol, que não esperava morrer assim tão cedo, e as pessoas a quem ele tocou. Não um país inteiro, não uma lista interminável de vítimas no jornal, mas uma família e uma pequena comunidade lidando com a perda de uma única pessoa em meio à tragédia de tantas.

*Respeitosamente,
Kathleen.*

Kama Sutra

Ingredientes:

1/3 de conhaque
1/3 de licor de café
1/3 de café forte levemente adoçado
Chantilly spray achocolatado
Canudo
Cereja ao marasquino
Copo com asa tipo Irish Coffee

Modo de Preparo:

No copo ou caneca de porcelana previamente esquentada com água quente, coloque o conhaque. Em seguida, despeje lentamente o licor de café e, sobre este, o café bem quente. Não há necessidade de mexer. Mergulhe o canudo e complete com chantilly spray até a borda. Com uma cereja dê o toque final!

PUBLICADO SOB ACORDO COM HARLEQUIN ENTERPRISES II B.V./ S.à.r.l.

Todos os direitos reservados.

Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios.

Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: SEX, STRAIGHTUP

Copyright 2008 by Kathleen Panov

Originalmente publicado em 2008 por Harlequin Blaze

Projeto gráfico de capa:
Núcleo & designers associados

Arte-final de capa:
Isabelle Paiva

Editoração Eletrônica:
ABREU'S SYSTEM
Tel.: (55 XX 21) 2220-3654/2524-8037

Impressão:
RR DONNELLEY

Tel.: (55 XX 11)2148-3500
www.rrdonnelley.com.br

Distribuição exclusiva para bancas de jornais e revistas de todo o Brasil:
Fernando Chinaglia Distribuidora S/A
Rua Im Teodoro da Silva, 907
Grajaú — Rio de Janeiro, RJ — 20563-900

Para solicitar edições antigas, entre em contato com o
DISK BANCAS: (55 XX 11)2195-3186/2195-3185/2195-3182



CAPÍTULO UM

Desde o verão em que completara 11 anos, Daniel O'Sullivan acordava todas as manhãs do mesmo jeito. Com uma ereção dolorida. Depois que se casou, a primeira luz do dia se tornou seu horário favorito. Ele virava-se, as mãos impacientes procurando pela esposa. Após fazer amor com ela, tomava banho, se barbeava e, juntos, eles pegavam o metrô para o trabalho. Que mais um homem poderia querer?

Mas então, numa manhã ensolarada de setembro, sete anos atrás, tudo explodiu, juntamente a dois aviões, dois edifícios e 2740 pessoas... uma das quais era sua esposa.

Morta.

Durante os cinco anos seguintes, ele rolava na cama, as mãos impacientes procurando cegamente, e ela não estava lá. E então a ereção permanecia.

Mas uma mudança começara os poucos, tão gradualmente que no início ele não notou. Naqueles momentos iniciais que despertava, tinha parado de procurar a mulher, as mãos ansiosas não mais tentando tocar alguém que não estava lá.

Ele começava a esquecer.

Outras pessoas poderiam considerar isso saudável, mas não Daniel. Amor era para sempre. Uma promessa era para sempre, e então, dois anos atrás, mudara a fotografia do casamento para o criado-mudo, como um lembrete do quanto a esposa significara para ele.

Não ajudou.

Independentemente do que fizesse, do que dissesse a si, naqueles primeiros segundos do dia as mãos ficavam teimosamente enterradas embaixo do travesseiro. Aquela traição à memória dela o chocava quase tanto quanto sua morte.

Então a ereção continuava.

Daniel não olhava para outras mulheres, não flertava, e certamente não dormia com outras mulheres. Talvez a mente sonolenta pudesse traí-la, mas o corpo não a trairia.

A vida de solteiro seguia um padrão tedioso que ele não ousava mudar. Por essa razão, quando o verão chegava a Manhattan, Daniel não viajava, como muitas pessoas de Nova York faziam.

Julho em Manhattan era terrível. Quente, úmido, o ar denso pairando sobre os rios, espalhando uma sombra amarelada pela ilha inteira. O clima insuportável era a principal razão pela qual a maioria das pessoas deixava a cidade para o paraíso de praias afastadas.

O clima insuportável era o principal motivo pelo qual Daniel O'Sullivan estava determinado a ficar, independentemente do que seus dois irmãos desejavam.

— Eu não vou — ele disse a Sean e Gabe usando o tom mais sério. E, caso eles não tivessem entendido, Daniel virou-se para o computador, ignorando-os. Os irmãos normalmente não conspiravam contra ele. Na verdade, até aquele momento, isso *nunca* tinha acontecido.

Teimosamente, Daniel estudou a tela diante de si. Faturas e depósitos mostravam saldo credor. No geral, excelente notícia.

O bar, atualmente conhecido como Prime, ficava na esquina da rua 47 com a rua 10 havia quase oito anos e vinha sendo dirigido por um O'Sullivan pelo mesmo tempo. Gabe o dirigia agora, com Sean e Daniel atuando como sócios passivos, exceto aos sábados, quando os três O'Sullivan trabalhavam... Gabe e Sean atendendo no bar, e Daniel fazendo a contabilidade.

Depois que o tio deles, o dono anterior, falecera, Gabe tinha pagado todos os impostos atrasados do lugar, contrariando o conselho de Daniel. Um bar em Manhattan era um investimento instável, mas Gabe era guiado mais pelo desejo de ver o legado da família restaurado ao velho esplendor do que por qualquer aspecto financeiro. Portanto Daniel havia colocado uma mesa e um computador na despensa do porão, de modo que pudesse ajudar com a contabilidade. O pequeno recinto mal acomodava uma pessoa. Quando havia três homens lá, como agora, o lugar ficava sufocante.

— Seria bom para você sair da cidade, conhecer pessoas — disse Gabe, encostando-se contra uma pilha de caixas de rum. Gabe, o mais novo dos três, era um ótimo barman, uma pessoa sociável e comunicativa, que não entendia o conceito de estar sozinho.

— E você poderia fazer sexo — contribuiu Sean, que evitava complicações na vida amorosa.

Sean tinha uma abordagem oposta a de Daniel. Com as mulheres, era sempre honesto e direto sobre as necessidades sexuais, e não tentava se desculpar por isso. Illogicamente, as mulheres nunca pareciam se importar, o que Daniel nunca entendera. Talvez isso se devesse ao diploma em Direito de Sean, ou talvez ao alinhamento dos planetas no momento de seu nascimento. Daniel não sabia ou perdia o sono por isso, mas às vezes aquela atitude arrogante de quem sabia tudo o irritava.

— Você não faz sexo desde que Michelle morreu, não é? — perguntou Sean.

Gabe o olhou, poupando Daniel de uma resposta.

— Você disse que trataria o assunto com sensibilidade.

— Isso é sensibilidade — defendeu-se Sean. — Eu poderia ter apontado o que ele está perdendo, mas fiquei com pena.

— Saiam daqui — ordenou Daniel, mas nenhum dos dois se moveu. Um dia, eles tinham ouvido e respeitado o irmão mais velho. Mais uma coisa que mudara depois de 11 de setembro. Ele voltou-se para o computador.

Sean se aproximou do irmão e desligou o monitor.

— Acho que você precisa repensar nessa estratégia de monge, Daniel. Não está funcionando. Você está tenso, melancólico. Pense no passado, quando você era...

— Tenso e melancólico — completou Gabe.

— Isso não é da conta de vocês — exclamou Daniel, olhando para a tela agora preta.

— Você não pode passar a vida inteira trancado — insistiu Gabe. — Além disso, é somente um fim de semana.

O "fim de semana" era numa casa em Hamptons que Sean tinha alugado para o verão, juntamente a outros dez advogados com muito dinheiro e tempo livre nas mãos. Haveria mulheres bronzeadas de biquíni e muita quantidade de álcool.

Daniel meneou a cabeça, ligou o monitor de novo e voltou ao trabalho. Ignorá-los geralmente funcionava, e presumiu que aquilo tinha acabado, até que ouviu passos na escada.

Então a namorada de Gabe, Tessa, apareceu, os irmãos tinham levado a artilharia pesada.

Daniel praguejou silenciosamente quando Tessa se colocou ao lado de Gabe, bloqueando a última rota de fuga.

— Você tem de ir, Daniel. Preciso verificar uma casa aproximadamente a um quilômetro da praia.

Tessa falava com uma voz suave, os olhos tão inocentes e sinceros comparados aos dos dois irmãos maquiavélicos.

— Acho que seria perfeito para um de meus clientes, mas para sentir o lugar você precisa estar lá e vê-lo durante o dia e durante a noite. Seria um grande favor se me fizesse isso, Daniel.

Tessa trabalhava como corretora de imóveis e vivia e respirava aquilo como outras pessoas inalavam oxigênio.

E, oh, as paredes estavam se fechando. Daniel esfregou a nuca, tentando agir como se não estivesse sentindo-se pressionado. Uma coisa era negar um pedido dos irmãos, uma

outra bem diferente, desapontar uma mulher. Dos três O'Sullivan, Daniel era o educado, o cortês, o cavalheiro. No momento, sentia-se apenas frustrado.

— Trazendo sua namorada para lutar suas batalhas agora, Gabe?

Gabe passou um braço ao redor de Tessa.

— É um fim de semana, Daniel, não uma mudança de estilo de vida.

— Por que você não vai, Sean? — perguntou Daniel desconfiado.

Sean manteve-se fiel à história.

— Decidi que seria melhor se nós o mandássemos. Uma oportunidade de nos separarmos por alguns dias. Seria bom para você.

Daniel olhou para o irmão. Se fosse Gabe falando, teria acreditado. Mas aquele era Sean.

— Qual é o motivo verdadeiro?

Sean suspirou, sabendo que fora pego.

— Ashley me convidou para ir a Miami. O grupo que alugou a casa precisa de um homem para equilibrar o número de casais. Há regras para o nosso acordo de aluguel e qualquer um que as viole, é expulso da ilha. Uma vez que Gabe precisa trabalhar, você é o único irmão que resta.

Agora *aquilo* se parecia com Sean.

— Eu não quero salvá-lo.

— Só estou pensando em você — disse o irmão, a expressão inocente.

Gabe pigarreou.

— Não exagere, Sean.

Sean estreitou os olhos.

— Vai ficar sentado e deixá-lo apodrecer aqui? Não sei quanto a você, mas quero meu irmão de volta. Três anos se passaram e mantive a boca fechada. Cinco anos se passaram e continuei de boca fechada. Agora, sete anos se passaram e estou cheio de ficar calado.

— Não estamos todos gratos por isso? — zombou Gabe.

Sean apontou um dedo para ele.

— Cale-se.

Daniel olhou para os dois irmãos, esfregou os olhos e descobriu uma nova culpa. Estava provocando discórdia na família. Três irmãos. Como tais, eles sempre tinham sido unidos, apoiado um ao outro. E, sim, brigavam, porque eram normais, mas não daquela forma e não por causa dele. Daniel era o modelo, o responsável. Ou costumava ser. Como

todas as outras escolhas feitas ultimamente, aquela não lhe agradava. Não queria ir, mas não queria ver os irmãos brigando por causa dele, também.

— Eu seria uma companhia horrível — disse ele, desanimado.

— Ninguém vai notar — argumentou Sean. — Todos os rapazes são do escritório. Não o conhecem. Frank está levando quatro mulheres de uma agência de publicidade em Chelsea. Elas vão achar que você é misterioso e pensativo. Será ótimo. Uma delas pode ser sua alma gêmea.

Alma gêmea? Aquilo era uma piada. Um homem não encontra almas gêmeas duas vezes na vida. Alguns nem mesmo tinham a sorte de encontrar uma única vez.

— Não sei — murmurou Daniel, mas Gabe parecia tão feliz, e Sean estava até começando a sorrir. Daniel percebeu há quanto tempo não fazia os irmãos felizes. Parecia uma eternidade.

Gabe ergueu um dedo.

— Há uma regra. Você não pode usar sua aliança, Daniel. Mulheres que procuram homens de aliança...

— Não vou tirar minha aliança — protestou Daniel, esfregando o ouro pesado no dedo como um talismã.

Tessa assentiu.

— Gabe está certo. Você não pode usar a aliança. As mulheres vão achá-lo desprezível. São três dias, Daniel. Que mal isso pode fazer?

Com Sean e Gabe ele podia lidar, mas nunca gostara de dizer não a uma mulher. Aquela era sua maior fraqueza, a qual os irmãos estavam explorando sem piedade.

Três dias. Somente três dias na praia.

Daniel olhou para eles. Aquilo parecia um complô. E achavam que estavam lhe fazendo um favor?

Tudo bem. Ele iria... Com a aliança guardada na mochila. Se fosse, aquilo faria Tessa feliz, assim como Sean e Gabe, e depois, poderia retornar à vida bem ordenada e todos pensariam que as coisas estavam melhorando.

Havia um deus grego sentado na praia dela. Ele estava lá há horas, quase imóvel em contraste com o jogo de vôlei acontecendo na areia em frente à casa ao lado. Catherine Montefiore estava sentada junto à janela da casa de praia do avô em Hamptons, e o visual era tão interessante quanto qualquer coisa já pintada por um artista.

Daquele ângulo, podia vê-lo apenas de perfil. Um maxilar forte que parecia esculpido. Ele olhava para as águas acinzentadas do Atlântico, com o sol brilhando na pele bronzeada. Os cabelos eram curtos e escuros, com algumas mechas desalinhadas se curvando no pescoço. Cílios pretos e espessos eram claramente visíveis, mesmo a distância.

E isso tudo era somente acima dos ombros... E que ombros! Na profissão de Catherine, ela via muitos homens nus e conhecia ombros esculpidos quando os via.

Ela o estudou por inteiro, as mãos se flexionando, ansiosa para explorar, para esboçar. Incapaz de resistir por mais tempo, pegou o bloco de desenho e o lápis, e os dedos deslizaram, guiados tanto pelo lado artístico quanto pela luxúria.

Quando o formato começou a ser revelado no papel, pensou que ele parecia um Odisseu procurando pelo lar do outro lado do oceano. Fervorosamente, Catherine esboçou-lhe o semblante, desenhando agora de memória. A testa fazia uma sombra no rosto bonito e havia uma tristeza inerente na expressão. Ela podia sentir a solidão que existia nele, desesperado para ver a família.

Os dedos rápidos de Catherine esboçaram o corpo de um guerreiro, mas a posição em que ele estava sentado na espreguiçadeira obstruía parte da visão. Precisava de um outro ângulo, de maior proximidade. Silenciosamente, abriu as portas francesas que davam num deque de madeira, cuidando para que ele não a ouvisse e fosse perturbado.

Havia quatro cadeiras no terraço, um guarda-sol listrado de verde e branco que sombreava a maior parte da área, e algumas plantas espalhadas ao redor.

Depois de se acomodar debaixo do guarda-sol e ajustar a espreguiçadeira para uma posição sentada, Catherine pegou bloco e lápis e olhou em direção ao horizonte. Era o quadro inocente de uma mulher desenhando o sol sobre o oceano... não de uma mulher fantasiando com um homem que estava parado na praia. Inclinando um pouco a cabeça, conseguiu a visão perfeita.

O peito dele era poderoso e largo, um abrigo em qualquer tempestade, delineado por músculos abdominais fortes e sólidos. A pele bronzeada brilhava no sol. Uma pequena quantidade de pêlos formava uma linha estreita na parte anterior do tórax, descendo para... para... Catherine sorriu. Havia arte ali, e então havia *arte humana*.

Culpada, secou uma gota de saliva que pingara no esboço.

Catherine não era nada senão um produto do meio... do ambiente de trabalho, na verdade. Seu avô era Charles Montefiore, dono da Casa de Leilão Montefiore, uma das primeiras e mais importantes casas de leilão de arte e antigüidades, e Catherine, que

começara como assistente, então passara a avaliadora profissional, e agora ajudava o avô em projetos especiais, principalmente em leilões conhecidos pelo público.

Não que vivesse na sombra do nome da família. Tinha se graduado com mérito em Artes, entretanto, de várias maneiras, sabia que era um desapontamento para a família. Não possuía o estilo da mãe ou a capacidade de comandar do avô. Ela freqüentara o colégio mais prestigioso de Manhattan, passara férias na Europa, mas uma educação clássica não resolvia defeitos de personalidade. A mãe a chamava de introvertida. Catherine preferia o rótulo mais elegante de "artista solitária", mas, tecnicamente, ambos estavam corretos.

Estudou o esboço com olhos críticos. Como artista, era a forma humana que capturava a imaginação. O poder por trás disso, a força, mas, infelizmente, a maioria dos homens com quem trabalhava ou eram gays ou estavam perto da aposentadoria. Nos últimos oito anos, ela tivera dois relacionamentos no sentido estrito da palavra. Um com Leon, que havia acabado rapidamente porque ele era, bem... desprezível, e o relacionamento com Antônio, o qual terminara quando ele percebeu que era uma mulher aprisionada no corpo de um homem.

Depois do fiasco com Antônio, Catherine se deparou com uma escolha. Ser dinâmica e procurar homens solteiros em seu *habitat*: bares. Ou resignar-se a passar dias avaliando torsos masculinos e noites sonhando com isso. Escolhera homens bidimensionais em um bloco de desenho ou em uma tela. Era mais fácil para o ego.

Enquanto se ocupava com o esboço, uma loira de biquíni aproximou-se dele. Catherine franziu o cenho, porque um Odisseu não deveria ser perturbado por seios obviamente falsos balançando diante do rosto. Felizmente, a expressão dele não mudou quando olhou para a mulher, e a solidão nos olhos permaneceu.

A loira, não apreciando a rara obra de arte na areia, acenou alegremente e partiu. Catherine voltou ao trabalho, esboçando, apagando, corrigindo, até que finalmente terminou.

Por um momento, perdeu o fôlego diante da imagem no papel. Estava bom. Muito bom. Ela sorriu, porque não era uma sensação que tinha com freqüência. Até mesmo o avô ficaria orgulhoso daquele desenho. Os esboços eram mais um *hobby* do que alguma coisa para ser levada a sério. Quando se lida com Van Gogh diariamente, os retratos da forma masculina sempre lembrarão um desenho de jardim da infância. O desenho de uma criança talentosa, mas ainda assim, de uma criança.

Mas não aquele esboço em particular. Ali, havia capturado o sentimento de solidão do homem, o cansaço justaposto a uma qualidade aristocrática. Quanto mais olhava para o homem, o homem de verdade, mais intrigada se sentia. Nunca vira um ser humano ficar imóvel por tanto tempo, um mestre em autocontrole. As pessoas em Nova York nunca pareciam solitárias. Como você podia ficar sozinha entre oito milhões de pessoas? Entretanto, Catherine sabia que isso era possível. Talvez por isso aquele homem a intrigasse tanto.

Ela fechou o bloco, colocou os óculos escuros e se levantou. Ainda estava sorrindo quando ele se virou, e rapidamente ficou séria, caso ele confundisse aquilo com um convite. Catherine não tinha o corpo perfeito como a loira de biquíni. Apesar de também ser loira, estava seis quilos acima do peso. Tinha levado apenas um maiô que parecia diminuir-lhe o tamanho do traseiro, que era onde a maior parte do peso se acomodava quando exagerava nos doces... O que freqüentemente fazia nos dias que estava triste.

Ele a olhou, estudando-a, não de uma maneira sexual, mas observando os detalhes da redondeza, da qual ela na uma parte. Catherine lutou contra a vontade de se cobrir. Era melhor ignorá-lo, como se ele fosse uma pintura na parede e nada mais. Ele começou a andar, obviamente indeciso, na direção dela.

Quando ele se aproximou, Catherine olhou para baixo, certificando-se de que o bloco estava fechado no chão.

— Espero não estar atrapalhando — disse ele.

Ela meneou a cabeça.

— Você é bem-vindo a esta praia.

De perto, podia ver os olhos dele. Escuros, acinzentados. O olhar era distante, não de uma maneira fria, mas vazio e sem vida, como as pessoas capturadas nas pinturas de Piero.

— Pensei que este lugar estivesse vazio. Vim para cá porque a porta ao lado parece uma casa de loucos — disse ele, automaticamente encantando-a, porque ela *sabia* que a porta ao lado era uma casa de loucos. Pessoas lindas e felizes rindo, jogando-se na piscina.

— Por favor, não se desculpe — Catherine falou graciosamente, imitando o jeito seguro da própria mãe. — Fique.

Irrequieto, ele mudou de posição, deixando claro que não queria ficar, mas falou, obviamente por educação:

— Sou Daniel.

— Catherine. — Ela ergueu uma das mãos para sombrear os olhos do sol e pôde ver a simetria perfeita na estrutura facial dele.

Oh, sim, iria desenhá-lo. Capturar a pequena covinha no queixo, os pêlos curtos que despontavam no maxilar.

— Obrigado, Catherine.

— O prazer foi meu — respondeu ela, porque era verdade.

Tendo cumprido as obrigações de boas-maneiras, Daniel voltou para a cadeira e lá ficou até o sol se pôr.

Catherine continuou na espreguiçadeira, bebendo chá e fingindo cochilar. E em nenhuma vez ele entrou na água.

CAPÍTULO DOIS

Na manhã seguinte, depois de apenas três horas de sono, Daniel se levantou, esfregando os olhos cansados. Tinha esquecido as infinitas alegrias de uma casa de verão. As longas horas de bebedeira, pessoas dormindo até tarde, as infinitas piadas sem graça. A procura de paz e tranqüilidade, ele tentara dormir na espreguiçadeira do lado de fora, mas quando Chelsea e Bill saíram para nadar nus de madrugada, Daniel desistiu, movendo-se para o deque de Catherine, antes de finalmente dormir em uma das cadeiras.

Sean iria lhe pagar por isso, pensou irritado. Apenas mais dois dias, lembrou-se, esfregando o dedo que estava sem a aliança agora. Com o dedo vazio o buraco interior parecia infinitamente maior. Algumas coisas não deviam ser deixadas para trás.

Após alongar o corpo, ele voltou para a casa de loucos onde estava hospedado e se acomodou em uma das espreguiçadeiras do lado de fora. Alguns minutos depois, Catherine apareceu no deque. Ela acenou, ele acenou de volta, e eles se ignoraram pela maior parte da manhã, até que um jogo de bola começou a acontecer ao redor. Com um suspiro irritado, Daniel fugiu para a praia de Catherine, rezando para que ela não se importasse.

Levou uma hora para ela se aproximar.

— Você está tendo problemas naquela casa, não está? — perguntou, sentando na areia, ao lado dele.

Daniel riu com pouco humor.

— Sim. Eu adoraria ir embora se pudesse, mas os advogados iriam contar para meus irmãos, e eu teria de voltar aqui num outro fim de semana.

— Advogados? — Catherine tirou os óculos escuros.

— O pessoal da firma de meu irmão. Uma longa história. Você não ia querer ouvir. Ela o olhou, olhou para o mar, então para a casa vizinha. Finalmente, voltou a fitá-lo.

— Por que você *está* aqui?

— Não por escolha.

— Posso ver isso — disse Catherine, tão baixinho que ele mal a ouviu. Era isso que gostava nela. Era uma pessoa discreta, desde o tom de voz até o maio inteiro, feito para nadar, não para se exhibir. Os cabelos loiros eram longos e naturais, caindo além dos ombros. E não parecia estar usando maquiagem.

Ele gostava dos olhos dela... Grandes, castanhos, que o observavam com firmeza. Mas quando Daniel lhe encontrou os olhos, Catherine desviou os dela, enrubescendo de leve. Na porta ao lado, um dos advogados perseguia uma mulher pela praia, até que ela virou-se e se deixou ser pega.

Por que todos tinham de ser tão barulhentos? Daniel meneou a cabeça. Notou Catherine observando os vizinhos.

— Você quer ir lá?

Rapidamente, ela meneou a cabeça.

— Oh, não. Estou confortável aqui. E quanto a você?

— Sinto-me mais feliz à distância. Dessa forma posso estudar as pessoas.

— Ah, um zoólogo — murmurou ela com um sorriso.

— É muito fácil analisar as pessoas.

— Verdade? — Catherine perguntou ceticamente, levantando as pernas e enterrando os pés na areia.

— Oh, sim — respondeu ele como se fosse o maior especialista em psicologia.

— Então, fale-me sobre o homem de calção azul.

Daniel pensou por um segundo. Não conhecia aquelas pessoas, mas conhecia bem o tipo.

— Anthony. Ele é um palhaço, preguiçoso, não leva nada a sério.

— E o sujeito branco, aquele que vai ficar ardendo pelo sol amanhã?

— Bill, acho. Ele é um pouco estranho. Bebe muito, trabalha demais.

— E quanto à garota de cabelos escuros abraçada a ele?

— Chama-se Chelsea. Ambiciosa e determinada.

— Então, por que Chelsea, ambiciosa e determinada, está perdendo tempo com o estranho Bill, quando realmente quer Anthony?

— De jeito nenhum — replicou Daniel, mas então olhou para Chelsea e percebeu que Catherine tinha razão. Chelsea podia passar as noites com Bill, mas não tirava os olhos de Anthony. Aquilo não fazia sentido. — Supondo que você esteja certa, por que ela está perdendo tempo com Bill?

— Ela não quer ficar sozinha e não acredita que Anthony a queira. Muitas pessoas aceitam qualquer coisa só para evitar a solidão.

Daniel achava difícil acreditar naquilo. Tinha passado os últimos sete anos sozinho sem grandes problemas.

— É ótimo sentir-se bem consigo, sabendo do que você é capaz e do que não é — continuou Catherine. — Dessa forma, não passa a vida fingindo.

A calma voz da razão. Daniel gostava cada vez mais dela.

— Você é psicóloga ou algo assim?

Ela riu.

— Não, nada parecido.

— Então, como sabe tanto?

— Como você falou, é fácil analisar as pessoas.

Daniel a olhou novamente, procurando por detalhes que pudesse ter perdido. Ela o surpreendia, de uma maneira boa. Não que ele fosse anti-social, mas a maioria das pessoas que conhecia era fútil e não dizia nada de proveitoso... Ou assim pensava Daniel. Entretanto lá estava, tendo uma conversa fútil, que não o acrescentava em nada... Ou acrescentava?

A teoria de Catherine explicava muita coisa. Por que Warren, do escritório, ia tomar um drinque todas às quintas-feiras com Thom, quando não suportava o sujeito? Por que Kim almoçava com Madeline às sextas, uma vez que Madeline lhe roubara o cargo de gerência? Era tão difícil comer sozinho?

— Você tem amigos carentes assim? — indagou ele, curioso.

— Uma amiga que continua vendo o ex-namorado, que a faz sofrer terrivelmente.

— Ela inclinou-se para frente, os cabelos roçando contra os seios, e fazendo Daniel olhar por um longo minuto antes de desviar a atenção.

— Talvez ela o ame — murmurou ele, a voz rouca. O calor o estava deixando zozinho, com a pele quente.

Catherine colocou os óculos escuros, enterrando ainda mais os pés na areia.

— Ela não o ama. Nem mesmo gosta dele.

— As pessoas são estranhas. — Daniel focou nas ondas do mar até que recuperasse o controle.

— Concordo plenamente.

A conversa continuou, mudando de um tópico para outro, mas Daniel definitivamente gostava daquilo. De vez em quando eles ficavam em silêncio. Um silêncio agradável e perfeitamente equilibrado com o barulho relaxante das ondas.

Catherine pigarreou após uma longa pausa.

— Você pode dormir aqui se quiser.

Daniel arqueou as sobrancelhas com o convite, em choque, e algo além do que um pouco de medo. Ela não poderia ter notado o interesse dele. Quando se tratava de esconder sentimentos, ele era especialista.

Então ela o olhou, viu a expressão chocada e riu.

— Não dessa maneira. Temos muitos quartos na casa, e não jogo vôlei ou faço nada que chame a atenção. Seus irmãos nunca saberiam.

Ele suspirou. Aliviado.

— Não há nada a temer. Eu prometo — disse ela, e ele acreditou. A oferta era muito tentadora. A casa de Catherine era um paraíso de serenidade comparada à casa ao lado. Como se Deus soubesse e estivesse rindo, um dos advogados levou um aparelho de karaokê para fora e aumentou o volume, imitando Bob Dylan aos gritos.

— Não sei. Seria uma grande imposição sobre uma estranha — murmurou ele, mas ouviu o desejo na própria voz.

— Não sou realmente uma estranha — replicou ela seriamente, cimentando a decisão dele. Qualquer coisa era melhor do que pessoas bêbadas cantando em total desafinação.

— Tem certeza de que não se importa?

Ela meneou a cabeça.

— Absoluta. Desenho muito aqui fora, então, se tudo que você quiser fazer for ficar sentado na praia, olhando para o mar, isso não vai me incomodar de maneira alguma.

— Você desenha? — perguntou Daniel, curioso.

— Não muito bem. — Catherine pôs os óculos novamente, mas não antes que ele visse a insegurança nos olhos dela.

— Ainda assim, é alguma coisa.

— O que você faz?

— Sou contador.

— Emocionante — murmurou ela.

Daniel conseguiu sorrir.

— Não minta.

Ela o olhou através das lentes.

— Na verdade, combina com você.

— A maioria das pessoas diz isso como um insulto.

— Não, você parece muito tranquilo, metódico e eficiente. Acho que essas são qualidades que um contador deve ter.

Ela soava completamente séria.

— Ainda assim, tedioso é tedioso. E você, o que faz?

— Sou avaliadora de artes.

— Viu? Isso é emocionante.

— Sim — concordou Catherine. — Geralmente é. Descobrimos um Picasso perdido no ano passado.

— Isso é muito melhor do que contabilidade.

— Mas você adora seu trabalho, não é?

Daniel não tentou mentir. Verdadeiramente, amava o trabalho. O mundo precisava de contadores, como precisava de cientistas e lixeiros.

— Nasci para isso. Existe um equilíbrio em contabilidade. Muita precisão. Não há espaço para erros. No fim de um dia, você sabe exatamente sua posição.

Ela sorriu então e ele notou que Catherine tinha um sorriso bonito. Lábios carnudos, dentes brancos e perfeitos.

— Por que seus irmãos o mandaram para cá?

— Para que eu me divertisse.

Catherine riu. Tinha uma risada bonita, também. O som o fez sorrir, e queria rir junto com ela, mas não o fez.

— Eu não deveria rir — disse ela, cobrindo a boca.

— Acho que deveria.

— Então você vai sofrer terrivelmente e provar a eles que estavam errados, certo?

— Não está sendo tão ruim — replicou ele honestamente. Desde que a encontrara, estava sentindo-se bem, sem a obrigação de ser engraçado, espirituoso ou charmoso, ou nenhuma daquelas características das quais tinha se esquecido há muito tempo.

— Não vou contar nada aos seus irmãos — sussurrou ela.

— Obrigado.

— Então, você faz alguma coisa além de contabilidade?

Daniel hesitou porque não contava para muitas pessoas sobre o bar. Havia expectativas em relação a um dono de bar, mas Catherine era o tipo de pessoa que convidava confidências, que não exigia ou julgava, e fazia muito tempo que ele não tinha uma conversa comum com alguém.

— Sou sócio em um bar.

Os óculos de sol saíram de novo e ele desejou que ela não os pusesse mais. Possuía olhos tão expressivos, tão contentes.

— Nunca conheci um dono de bar antes. Você não parece o tipo.

Desta vez, Daniel riu.

— É do meu irmão. Ele é o tipo.

— Você deve ser muito próximo da família.

— Quando eles não estão brincando de terapeutas.

Catherine sorriu.

— Vamos almoçar?

Ele consultou o relógio. Estavam conversando há quase duas horas e nem notara.

— Não quero incomodar.

— Você é meu hóspede agora. Que tipo de anfitriã eu seria se não o alimentasse?

Daniel vestiu a camiseta e a seguiu pelas portas francesas para o interior da casa. Uma vez do lado de dentro, suspirou contente. Aquela era uma verdadeira casa de praia. Não havia televisão, aparelho de som, apenas um sofá diante das janelas, duas cadeiras de madeira, uma parede de livros raros, e o que Daniel supunha ser arte boa na parede.

— Esta é uma ótima casa.

— É do meu avô. Peço emprestada com frequência. — Catherine abriu a geladeira e olhou para dentro. — Ovos, salada, atum e algumas frutas.

— Muito saudável.

— Tenho doces e salgadinhos na despensa.

— Não vou julgar. Prometo.

— Obrigada. Na verdade, eu não deveria comê-los — disse ela, levando as mãos aos quadris. Não era um movimento sedutor, mas o olhar de Daniel seguiu as mãos dela e ele sentiu uma onda momentânea de calor.

Desviou os olhos e Catherine nem notou.

Depois que o almoço acabou, ele pegou um livro de suspense e sentou-se na praia, enquanto Catherine desenhava. Estava curioso para ver o trabalho dela, mas não ousou pedir. Esperou até que os advogados da casa ao lado saíssem para jantar e foi apanhar a mochila.

Ninguém notara o desaparecimento dele. Excelente.

Quando entrou pelas portas francesas, mochila na mão, ela olhou por cima do livro que estava lendo no sofá.

— Tem certeza de que não se importa? — perguntou ele.

— Está brincando? Não se preocupe.

Depois disso Daniel parou de se preocupar e simplesmente se divertiu. O jantar estava delicioso e, quando a noite começou a cair, Catherine abriu uma garrafa de vinho e serviu dois cálices.

— Vovô tem uma adega muito boa. — Ela sentou-se ao lado dele no sofá, cruzando as pernas embaixo do corpo.

O vinho parecia um final perfeito de um dos melhores dias que Daniel tinha em muito tempo. Sete anos, na verdade. Naquela casa silenciosa, com o som do oceano e a companhia agradável de Catherine, ele sentiu paz.

— Foi um dia bom. Obrigado.

— Você não espera muito. Eu gosto disso. — Ela o olhou e Daniel esqueceu o que ia dizer. Podia sentir o calor sob o colarinho, a leve pulsação do sangue nas veias e o sexo enrijecendo contra o short, enquanto se encontrava fascinado pelo par de olhos castanhos à frente.

Pare com isso, O'Sullivan.

Antes que pudesse desviar os olhos, Catherine o fez. Hora de ir para a cama. *Sozinho.*

Ele deu um gole do vinho, pôs o copo sobre a mesa e se levantou.

— Acho que vou dormir. Não dormi muito na noite passada. — Precisava sair dali. Catherine provavelmente estava inconsciente das idéias que de repente lhe preenchiam o cérebro.

Ela endireitou o corpo no sofá e ele se encontrou olhando para frente do maiô, o qual, até aquele ponto, parecera discreto. Não parecia agora... Não quando um homem estava olhando tão de perto e vendo carne macia e suave.

Ela ergueu os olhos e o fitou inocentemente, fazendo a excitação de Daniel aumentar para um nível perigoso. Por nada. Apenas por um par de cílios escuros. E os seios. E a pele de aparência macia e flexível... Hora de partir.

Daniel disse a si para se mover, mas era tarde demais.

Ela se levantou do sofá.

Ele parou de respirar.

Então Catherine o beijou.

CAPÍTULO TRÊS

Daniel se afastou dela.

— Preciso ir — disse ele, constrangendo-a completamente.

Oh, Deus, ela pensara... Estivera tão envolvida no raro momento de proximidade com um homem tão incrível, e agora estragara tudo. Por que pensou que ele queria beijá-la?

Conversa, sim. Sexo, *nem pensar*.

— Desculpe. Eu não devia ter feito isso. Quero dizer... Não deveria ter invadido seu espaço sem um convite explícito. Foi rude.

— Não acho que foi rude — respondeu ele, tentando fazê-la sentir-se melhor. E conseguindo.

— Certo, talvez não rude, mas errado.

— Não foi errado, também.

— Eu não devia ter feito isso. Vamos esquecer o assunto — disse Catherine, tentando sair da situação com um pouco de orgulho intacto.

— Não, eu acho que você devia ter feito isso.

Naquele ponto, ela decidiu fazê-lo voltar à realidade.

— Foi por isso que eu o assustei tanto e o fiz recuar? — As palavras eram cheias de sarcasmo.

Daniel meneou a cabeça.

— Não chegou a ser um grande susto. Mas algo muito mais primitivo.

A voz dele estava tão rouca e sensual que ela quase ficou sem palavras.

Quase. Catherine não ousou olhar para cima, mas sentiu a mudança no ar. Não era o sal do mar ou o efeito do vinho. Aquilo era desejo, puro e forte.

— Então, está tudo *bem*? — perguntou ela, ofegante.

Ele passou a mão ao redor da cintura dela, os dedos acariciando de leve entre as costas nuas e o elástico do maiô, fazendo-a tremer.

Havia alguma coisa tão privada, tão pessoal sobre os olhares de um homem e uma mulher se encontrando, e Catherine não fazia isso com frequência. As pessoas a consideravam tímida, mas covarde seria uma melhor descrição. Com o coração batendo descompassado, ergueu os olhos para seu Odisseu. Desejo brilhava nos olhos acinzentados, e ele não parecia mais solitário. Ela não pôde desviar os olhos. Não agora. Provavelmente nunca poderia.

Catherine estendeu o braço, tocando a camiseta de algodão que cobria o peito poderoso. Um toque para senti-lo. Finalmente.

Abriu a mão sobre o coração dele e pôde sentir as batidas aceleradas.

Pele quente era tão melhor do que arte. Os contornos do corpo de Daniel eram sólidos, os músculos poderosos. Ela se considerava especialista em corpos masculinos na teoria, mas não tinha muita experiência quando se tratava da coisa real. Naquele momento, estava tremendo como uma criança. Gentilmente, ele a puxou para si, até que os corpos de ambos ficassem perfeitamente alinhados. Pélvis contra pélvis, homem e mulher.

Bênção.

Então Daniel abaixou a cabeça, cobrindo-lhe os lábios com os dele.

Catherine não era virgem, já tinha sido beijada, mas nunca daquela forma. Aconchegando-se ao corpo forte, rendeu-se. O beijo foi profundo, erótico, maravilhoso.

As mãos dela exploravam e não podia acreditar que aquele homem, que mais parecia uma obra de arte, estava vivo. A ereção contra a coxa era prova suficiente. Queria aquela prova dentro de si.

Então Daniel levantou a cabeça, a respiração ofegante, e ela achou que ele iria deixá-la.

— Você vai ficar comigo? — perguntou ela, insegura.

O rosto dele estava comprimido de tensão, os dedos enterrados na curva do quadril dela, mas Catherine não se importava. Queria aqueles toques, e agora o desejo tinha superado o medo, o orgulho, a dignidade. O corpo dela precisava daquilo.

— Cama.

Catherine assentiu porque falar era impossível. Com o corpo pulsando de desejo, conduziu-o para o quarto.

Ele iria amá-la, tocá-la, beijá-la, e estava zozza com tal pensamento. Aquele corpo incrível, atualmente coberto por roupas, seria dela. Pelo menos por uma noite.

— Posso despir você? — perguntou ela.

— É isso que você quer?

Como se as mulheres não lhe pedissem para despi-lo todos os dias, pensou ela.

— Desculpe. Eu não devia ter dito isso. — Ele iria pensar que ela era obcecada por sexo. Mas estava ansiosa para vê-lo nu e saber se a imaginação atualmente exacerbada estava certa.

— Catherine, você não precisa se desculpar por tudo.

— É que... Eu não queria vê-lo exatamente pelo motivo que você está pensando. Sabe que eu desenho e, bem... Seu corpo é perfeito para ser esboçado. — Catherine enrubescou, sabendo que aquilo podia soar estranho, mas era melhor parecer estranha do que devassa.

— Verdade? — disse ele como se não a achasse estranha... Ou devassa. Na verdade, parecia... satisfeito.

— Certamente. — E então, porque ele a estava olhando com tanta intensidade, Catherine lhe tirou a camiseta, esforçando-se para ser a artista que lhe dissera ser.

— Veja esta linha aqui. É o eixo de seu corpo, dividindo os músculos com perfeição... E estas são... Hum... Pequenas ondas. — Ela usou o indicador para traçar o caminho e quase suspirou, mas isso estragaria a imagem de "artista" que estava tentando passar.

— Se você diz, eu acredito.

— Deveria. Faço isso para viver.

— É mesmo? — perguntou ele, provocando-a.

— Não isto, mas — ela traçou uma linha ao longo dos ombros dele, sentindo os músculos saltarem onde tocava —, isto.

Então as mãos alisaram-lhe o peito, absorveram a maciez dos pêlos, os mamilos enrijecidos, e soube que nunca poderia capturar aquela vitalidade e força no papel. Apenas nas mãos.

Catherine seguiu a trilha de pêlos, descendo, e soube o momento que ele parou de respirar. Com ousadia, deslizou os dedos por debaixo do short, então parou de respirar, também.

Mas a curiosidade não a permitiria parar. Lentamente, o short escorregou pelas coxas musculosas e então...

Ela olhou. E por um segundo não pode tirar os olhos da masculinidade impressionante, então ergueu a cabeça para estudar o rosto dele.

Daniel não parecia feliz. Parecia nervoso.

— Posso ver você? — perguntou ele, e ela assentiu, mas então lembrou-se de que não chegava nem perto da perfeição que ele era.

— Não sou tão simétrica.

Ele abaixou as alças do maiô.

— Esta é uma declaração totalmente subjetiva. Acho que você é muito simétrica.

— Sou muito pesada.

Daniel deslizou o maiô pelos quadris dela e ao longo das pernas, e estudou-a por um longo tempo, aquele olhar intenso a deixando nervosa. Ele não estava perdendo nada. Estava vendo as imperfeições que o excesso de doces fazia, e que nenhuma quantidade de exercícios podia corrigir.

— Viu? — disse ela, certa de que ele iria lhe colocar o maiô de volta. Na verdade, tinha tanta certeza disso que começou a puxar o maiô sobre as coxas, até que ele lhe segurou as mãos e ordenou:

— Não se mova.

Catherine notou o maxilar contraído de Daniel, os olhos repletos de desejo, e começou a relaxar. Finalmente, ele suspirou.

— Estou melhor agora.

— Você está nervoso também? — perguntou ela, curiosa.

— Não no momento. Amanhã, talvez. Mas agora estou bem.

Ele a beijou de novo, então, acomodou-a sobre a cama e se posicionou por cima dela. Era muito estranho ter um homem perfeito sobre o corpo, beijando-a, tocando-a Mas Catherine sabia que não era um sonho. A dor entre as pernas a convenceu disso... Assim como o modo que ele a tocava, quase com desespero.

Ela o beijou ardentemente, os dedos curiosos refazendo as linhas que tinham traçado no papel, mas o papel era frio comparado à temperatura da pele. Nenhum pintor, nenhum escultor poderia capturar aquela vida, aquele calor. Acariciou as partes que apenas imaginara, e quando o ouviu gemer, ela sorriu.

— Não tenho um preservativo — disse Daniel, erguendo-se sobre os braços. — Não acredito que me esqueci disso.

Ele iria deixá-la? Oh, não. Instantaneamente, quase em pânico, Catherine falou:

— Estou tomando pílulas. Regula meus ciclos menstruais...

Ele a calou com um beijo. Ela lhe circulou o pescoço com os braços e inalou profundamente. O aroma de Daniel era de sândalo e vinho, e ela deleitou-se no perfume rico, querendo guardá-lo na memória. Uma noite roubada que lembraria para sempre.

— Você tem certeza? — perguntou ele, e Catherine podia sentir a masculinidade rígida posicionada contra sua abertura. Mais do que qualquer coisa, queria-o dentro de si.

— Absoluta — respondeu, e foi preenchida numa única investida.

Catherine ficou tensa.

— Você está bem? Desculpe, não faço isso há muito tempo.

Ela meneou a cabeça.

— O problema é comigo.

Daniel olhou-a novamente.

— Você nunca fez isso antes?

— Oh, sim — replicou ela, como se quatro vezes significasse muita coisa, mas quando o corpo se ajustou, o desconforto deu lugar ao prazer.

Então ele começou a se mover, e a sensação melhorou cada vez mais, enlouquecendo-a de prazer. Os quadris acompanharam os movimentos de Daniel, enquanto os corpos unidos alcançavam um ritmo alucinante.

Nervosa, Catherine fitou-lhe os olhos porque ele estava muito quieto. Descobriu-o observando-a com uma intensidade que quase a assustou. Tudo aquilo... *Por ela.*

Sentiu o olhar sedento sobre os lábios, e querendo sentir a boca de Daniel, beijou-o. Foi exatamente como antes, a língua dele lhe provocando a boca, seduzindo os lábios, a pele, todo o ser, até que ela não pensou em mais nada, apenas sentiu. Abraçou as costas poderosas e o sentiu preenchendo-a, completando-a.

Aquilo era o paraíso.

Catherine sentiu o ritmo dos movimentos acelerar, sentiu os músculos de Daniel se comprimirem, assim como os próprios músculos, de uma forma que nunca conhecera.

Aquilo era melhor do que o paraíso. Muito melhor. Parecia estar flutuando.

Não podia falar. Ela abriu os olhos quando o mundo começou a desmoronar ao seu redor.

Então sentiu a mão máscula entre as pernas delicadas, e o mundo não desmoronou, mas explodiu como uma estrela colorida.

As pernas dela tremiam... Na verdade, o corpo inteiro tremia.

Ele tombou sobre ela, as costas escorregadias pela transpiração, o peito perfeito se expandindo e se contraindo em grandes ondas.

— Sinto muito. Isso foi rápido demais — disse ele, e enterrou o rosto nos cabelos dela.

Rápido? O que acontecia quando não era rápido? Não era de se admirar que as pessoas adorassem sexo.

As mãos de Catherine se curvaram ao redor das costas dele, fascinada pela maneira com que os músculos se moviam sob os dedos. Adorava aquela liberdade de senti-lo, de tocá-lo, de aprender verdadeiramente como era o corpo masculino.

— Achei que foi perfeito — murmurou ela com um suspiro contente.

Daniel levantou a cabeça, e quando a olhou, ela viu algo diferente nos olhos dele. Estavam pretos como carvão, um sorriso de satisfação se curvava na boca sensual.

— Você não viu nada ainda — disse ele, rolando para o lado e fazendo-a sentir falta do peso magnífico sobre seu corpo.

— Está me dizendo que isso pode ficar melhor?

— Muito melhor — replicou ele, acariciando-lhe os cabelos. — Isso pode fazer nosso mundo girar.

— Você acha que podemos fazer o mundo girar? — perguntou ela, impressionada.

Daniel sorriu.

— Sim, acho que chegaremos lá antes que o fim de semana acabe.

E Catherine se aconchegou ao peito largo, sentindo o mundo se transformar de tons pastéis para um rico colorido impressionista, porque antes que o fim de semana acabasse, eles fariam amor de novo, e o mundo dela já estava começando a girar.

CAPÍTULO QUATRO

Na maior parte da noite, Daniel não fechou os olhos, mas manteve Catherine abraçada junto ao corpo. Fazia tanto tempo que não tinha uma mulher nos braços. Não queria dormir porque estava com medo de acordar e se ver sozinho novamente. Medo de que aquilo fosse um sonho.

Ele não deveria ter feito isso. *Realmente* não deveria, mas havia alguma coisa nos olhos dela que tornara impossível dizer "não" ao momento.

E era esse conhecimento que diminuía sua culpa. Tinha se aproveitado de uma situação.

Do lado de fora, os sons de vida começaram a surgir. Logo, pessoas estariam andando, mas tudo estava tão silencioso, tão pacífico. Ele não queria perturbar aquele momento, queria apenas vivê-lo.

Sentiu o perfume de Catherine e o aroma almiscarado de sexo no ar. Era maravilhoso. Daniel não sabia que sentira tanta falta disso. Até agora.

Ela se movimentou, roçando a coxa entre as pernas dele, e excitando-o de imediato. Catherine dormia tão pacificamente que não poderia acordá-la por um motivo tão egoísta. Mas então ela deslizou sobre o peito de Daniel e abriu os olhos.

Olhos sonolentos que continham amor.

Daniel soube que não poderia continuar vivendo sem ver aquele olhar novamente.

Ele a penetrou, viu os olhos de Catherine se arregalarem, e sentiu uma onda momentânea de culpa, mas então ela sorriu, roçando os cabelos contra o rosto dele, e toda a culpa desapareceu. O prazer começou.

O sol nasceu no leste, como sempre fazia. Daniel acordou excitado, como sempre acontecia, mas havia uma mulher ao lado. Uma mulher nua e sexualmente disposta.

Ele sorriu e estendeu uma das mãos para lhe tocar o seio. Diferentemente de Michelle, Catherine era alta, com curvas deliciosas que lhe preenchiam as mãos perfeitamente, mãos que nunca tinham sentido-se vazias até então. Na opinião dele, ela possuía o corpo de uma deusa, somente designado para lhe dar prazer. A pele delicada era rosada, macia e quente.

Ele lhe acariciou os mamilos, sentindo-os reagir, e deleitou-se com aquele pequeno milagre. A reação do corpo de uma mulher. Ela suspirou, o corpo arqueando contra a mão dele.

A luz do sol lançou uma sombra sobre o dedo sem aliança e Daniel sentiu uma onda de culpa, mas a combateu. Não hoje. Hoje iria viver. Era sábado. O último dia na ilha, e não iria perdê-lo. Quando partisse, suportaria o peso da aliança novamente, mas agora queria viver como um homem normal.

Catherine acordou do mesmo jeito que ele imaginava que fossem as outras ações dela. Lenta e metodicamente, com incrível propósito. Os cílios se moveram, as pálpebras se ergueram, então ele se encontrou mergulhando naqueles olhos mais uma vez. Ela era tão serena, tão simples, tão irresistível.

Daniel a tocou, circulando-lhe os seios, sentindo as batidas fortes do coração dela. O corpo estava tenso, ainda desconfortável por causa da nudez, mas ele daria um jeito naquilo.

Roçou-lhe os lábios com sensualidade.

— Alguma coisa errada?

— Não. Quando você tem de partir? — perguntou Catherine, lembrando-o quanto tempo lhe restava.

— Vou pegar o último trem — replicou ele, sem a menor pressa de ir embora.

— Ótimo. — Ela relaxou.

Ele pensara que Catherine fosse tímida, mas parecia adorar olhar para o corpo dele, tocá-lo, e que homem em seu juízo perfeito faria objeções?

Ela traçou uma linha sobre o peito dele, os olhos brilhando. Daniel também adorava observá-la, ver-lhe a expressão de desejo.

Fazia tanto tempo.

O corpo dele ganhou vida e Catherine sorriu.

Só restava mais um dia.

Daniel não esperou. Rolou por cima dela e a preencheu, saboreando aquele segundo quando tudo no interior dele se convergia em um único ponto, o instante em que o corpo todo ganhava vida.

Os cílios de Catherine se fecharam e ele viu o sol se infiltrar pelas persianas, lançando linhas alternadas de luz clara e escura nos seios volumosos.

Daniel investiu mais fundo dentro dela, e gemeu. Um som rouco e profundo que nunca ouvira antes. E amou-a até que a mente estivesse vazia, os olhos estivessem cegos, porque o corpo necessitava daquilo.

Continuou movimentando-se, cada vez mais rápido, cada vez mais fundo, precisando senti-la, precisando tocá-la, precisando... Respirar.

Ele precisava respirar.

Nunca tinha usado uma mulher assim antes, nem mesmo Michelle. Sabia que não deveria, mas então as mãos de Catherine apertaram-se os ombros, os olhos brilhando com desejo e consciência. Era o desejo naqueles olhos que o fazia prosseguir.

Ela virou a cabeça para um dos lados, os cabelos sob o brilho do sol ao redor do pescoço. Pequenos gemidos escapavam da garganta dela enquanto Catherine o absorvia, o aceitada... o confortava.

Ele sentiu o corpo perto do clímax, mas não ia chegar lá. Não sozinho.

Usou a mão para tocá-la, encontrou o ponto mais sensível de todos e acariciou-a ali, enquanto continuava se movimentando.

Catherine mordeu o lábio inferior e ele notou o sangue.

— Vamos, Catherine — suplicou ele, porque necessitava que ela o acompanhasse ao pico.

No momento em que a tocou de novo, ela gritou, e os quadris estavam deslizando contra os dele, contra seu sexo, até que o corpo de Catherine tremeu e ele não pôde mais resistir.

Daniel a beijou com pura paixão quando o clímax os inundou.

Apenas mais um dia.

Catherine ergueu a cabeça, olhou ao redor e se deitou sobre o travesseiro novamente.

— Acho que o mundo está girando.

— Graças a Deus — disse ele, quase numa prece.

Ela aproximou-se e lhe pegou a mão, acariciando-lhe os dedos. Daniel ficou tenso porque aquilo estava errado. Deveria estar usando a aliança. Mas então se forçou a relaxar.

Gradualmente, a tensão o abandonou e ele fechou os olhos.

— O que você quer fazer hoje? — perguntou ela.

Na verdade, ele ficaria feliz em passar o dia na cama, mas não diria isso, então deu de ombros.

— Você que sabe.

— Posso desenhar você?

— É isso que quer?

Ela assentiu vigorosamente e Daniel soube que não poderia negar nem se tivesse detestado a idéia.

— Tudo bem — replicou, forçando entusiasmo na voz.

— Ótimo. — Catherine se levantou. Ele observou quando ela cobriu o corpo num robe sem forma e sentiu uma tristeza momentânea. Por sete anos, tinha evitado pensar em nudez feminina, mas agora não queria pensar em outra coisa.

Seios cheios e firmes. Pernas muito longas que se envolviam ao redor dele quando a preenchia... Daniel meneou a cabeça. Ela abriu as persianas e deixou o sol entrar.

— A luz da manhã é a melhor — disse Catherine.

Então começou a ajustá-lo, parecendo linda e exuberante, movendo-lhe um braço para um lado, a cabeça para o outro... Ele moveu-se e assumiu o controle.

— O que você está pensando em desenhar? — perguntou cuidadosamente.

— Oh — disse ela, afastando a folha dele. Instantaneamente, ele entendeu.

— Você quer me desenhar nu, é isso?

Nudez era uma coisa privada, e ficar sentado ali, totalmente nu, enquanto ela o esboçava... E o tempo todo não deveria pensar sobre sexo?

Que diabos.

— Você não precisa fazer isso. Não quero deixá-lo desconfortável. Estou muito acostumada a ver retratos de pessoas nuas e às vezes me esqueço... — murmurou Catherine, resignada.

— Tudo bem — concordou ele, abandonando qualquer senso de dignidade. A exuberância voltou aos olhos dela.

O lençol saiu e ela lhe ajustou as coxas, as nádegas, o sexo atualmente dolorido, e Daniel cerrou os dentes até Catherine lhe dizer que precisava relaxar o maxilar.

Fácil falar.

Mas finalmente, ela parou de tocá-lo e foi trabalhar, sentando-se numa cadeira diante dele, o sol às costas dela. Na verdade, aquilo não era tão ruim, pensou Daniel, porque podia observá-la enquanto ela o esboçava.

Catherine era bonita. O sol lançava mechas douradas aos cabelos, e quando ela ficava frustrada consigo, o que parecia freqüente, passava os dedos pelas mechas longas.

Às vezes olhava-o de maneira indiferente, e ele tentava não ser afetado. Infelizmente, quando uma mulher o observava nu com tanta concentração, Daniel não podia evitar. Não tinha sexo há muito tempo e... Bem, aquele era um motivo completamente lógico para um homem ficar excitado.

Dolorosamente excitado.

Catherine não parecia notar. Quando desenhava, envolvia-se num outro mundo do qual ele não fazia parte.

Ela inclinou-se para frente quando a mão desceu mais para baixo do papel e o robe se abriu um pouco, quase o suficiente...

— Oh... — murmurou ela, percebendo o próprio movimento, então, fechando o robe, e voltando a desenhar.

— Desculpe — disse ele, imaginando o que ela pensaria se ele a puxasse para cama para um intervalo.

Catherine meneou a cabeça.

— A expressão nos seus olhos. Está errada. Você não pode recuperar a tristeza?

Daniel franziu o cenho.

— Perdão?

— Comecei a desenhar o seu rosto triste, mas não acabei, e você não parece, bem... triste.

— Lamento, mas você acabou com minha tristeza.

Aquilo a tirou do estado reflexivo e a fez sorrir amplamente.

— Sério?

— Sério.

— Talvez eu não deva me preocupar com o olhar triste. Talvez eu possa desenhá-lo assim — murmurou ela, olhando mais para baixo, então perdendo o fôlego por um minuto.

Daniel sentiu a própria paciência se esvaindo, e era um homem paciente, mas aquilo tudo estava muito estranho.

— Você quer a expressão triste? Continue me olhando assim e fique a um metro de distância. Isso é triste.

— Uau!

— "Uau" não seria a palavra que eu usaria — murmurou Daniel, lutando contra a vontade de se cobrir. Certas coisas não podiam ser evitadas, e não ia se desculpar por isso.

Catherine deu um outro sorriso, desta vez, mais travesso, então deslizou o robe sobre os ombros e subiu em cima dele. Daniel lhe mostrou exatamente o quanto *não* estava triste.

Eles finalmente saíram de dentro de casa. O sol de verão brilhava, o ar estava parado, a areia quente, e a água parecia boa demais para ser ignorada. Daniel nadava tão bem quanto ela, que tinha sido campeã em St. Ignatius, até que a sra. Crawford, a enfermeira da escola, lhe dissera que nadar deixava seu corpo como o de um garoto.

Obrigada, sra. Crawford.

Mas Daniel não parecia se importar. Ele a pegou algumas vezes, puxando-a sob a superfície, tocando-a de maneiras que diziam que gostava do corpo dela como era.

Todavia, Catherine notou que ele estava evitando se expor, sempre observando os advogados da casa ao lado cuidadosamente. Daniel e Catherine pareciam ser dois banhistas no mar, não um casal de namorados na praia, mas ela decidiu não se incomodar com aquilo. Afinal, não era do tipo que se exibia, também.

Já era fim de tarde quando eles saíram da água. Daniel lhe contou mais sobre si. Falou sobre o trabalho na firma de contabilidade, sobre o bar do irmão. Perguntou onde Catherine trabalhava, e desta vez ela foi cautelosa. Normalmente, adorava falar sobre Montefiore, mas com o boato que estava acontecendo na casa de leilão, precisava tomar um cuidado extra. Então lhe disse que trabalhava numa galeria de arte no Soho, onde fazia avaliações.

Ela evitou consultar o relógio, mas finalmente o sol começou a baixar no horizonte, e sabia que a hora estava chegando.

Ele a olhou e a expressão solitária estava de volta.

— Preciso arrumar as malas.

Catherine suspirou.

— Vou chamar um táxi para você.

— Seria bom — disse ele, num tom desprovido de emoção.

Era isso. O momento quando mais nada iria acontecer, mas era esperado que todos se comportassem como adultos. Catherine deveria fingir que não entregara o corpo a praticamente um estranho, entretanto, nunca tinha sentido tamanha conexão com um desconhecido. Na verdade, nunca tivera tamanha conexão com ninguém.

Poucos homens entendiam uma mulher como Catherine. Ela passava tanto tempo da vida olhando para arte, estudando arte, desenhando arte. Vivia num mundo quieto e

inanimado, como se o mundo tivesse se transformado nela e ela tivesse se transformado no mundo. E, na verdade, era feliz naquele mundo inanimado.

Daniel, com os olhos solitários. Sentia que ele a entendia, mas cada segundo que se passava, parecia haver uma maior distância entre os dois. Sim, queria vê-lo de novo, mas não iria sugerir. Aquele tinha sido apenas um caso de fim de semana.

Ele a seguiu para dentro da casa e se dirigiu para o quarto onde estavam os pertences. Um quarto que não fora usado.

Depois que Catherine chamou o táxi, foi para a cozinha e pegou uma garrafa de água, a qual seria útil para uma viagem de trem.

Com a garrafa na mão, seguiu para o quarto. Ele não a notou de imediato, porque estava atento a outra coisa... Uma grossa aliança de ouro em cima da mochila de lona.

Uma aliança de casamento.

Certo, aquilo explicava tudo. Catherine ignorou a pontada de dor perto do coração. Entregou-lhe a garrafa de água e tentou não olhar para o pequeno círculo do ouro. Contudo, como Mona Lisa, a jóia atraía-lhe os olhos tal qual um imã.

Uma aliança de casamento.

— Não é o que você pensa — disse ele, lendo o pensamento dela.

Catherine não queria ouvir desculpas.

— Não diga nada. É melhor assim. Vou considerá-lo mais se você não tentar se desculpar.

Em silêncio, Daniel a fitou, e novamente havia a expressão solitária no rosto, mas agora tudo fazia sentido. Era necessário ser frio para fazer o que ele fizera.

Daniel assentiu.

— Você tem razão. Eu deveria ter lhe contado desde o começo.

— Deveria — concordou ela secamente, e ouviu a buzina de um carro. — O táxi chegou.

Ele colocou a aliança, pendurou a mochila sobre o ombro e lhe deu um último olhar.

— Sei que não quer ouvir isso, mas gostei de estar com você. Fazia muito tempo que eu não me sentia tão bem. Saiba disso.

Catherine cerrou os punhos atrás das costas e comprimiu os lábios. Não queria chorar. Ainda não. Não até que ele partisse. Naquele momento, detestava a si quase tanto quanto o detestava.

— Você está certo, não quero ouvir isso — disse ela, esperando que ele saísse e desaparecesse.

Depois que ouviu o barulho do táxi partindo, Catherine foi tomar um banho. Um banho longo, porque no momento precisava daquilo mais do que tudo para sentir-se limpa.

Infelizmente, sabia que o banho não ia ajudar.

CAPÍTULO CINCO

Na segunda-feira, Daniel voltou ao trabalho na firma de contabilidade onde vinha trabalhando nos últimos 13 anos. Começara como um simples contador e agora trabalhava com auditoria, e profissionalmente sentia-se realizado.

O dia estava demorando a passar. Ele terminou o relatório da auditoria da Hudson Electronics, cuidou de alguns documentos, checkou os e-mails, mas seu humor era sombrio. A aliança estava de volta no dedo e a vida continuava da mesma forma que a deixara na sexta-feira.

Exceto pelo sonho da noite anterior.

Daniel não havia esperado um sonho no qual Catherine estivera ao lado, a voz suave sussurrando-lhe no ouvido. Acordara às 2h da manhã com os lençóis molhados e a usual excitação, mas desta vez não foi por Michelle que procurou.

Não planejava ver Catherine de novo. Não lhe pedira o telefone propositadamente porque sabia que a mente não estava em condições de fazer nada normal.

Todavia, detestava lembrar-se dos últimos momentos em que a vira, das acusações não ditas, do olhar frio que ela lhe dera antes da partida.

Seria mais fácil que Catherine pensasse que ele havia traído a esposa. Estaria melhor sem ele. Mas Daniel nunca traía. Tinha sido o melhor marido que pudera ser.

Então, o que poderia ter dito a Catherine?

Talvez possamos sair juntos, dormir juntos, porque gostei dessa parte, mas amei minha esposa com desespero e não acho que algum dia poderia substituí-la em meu coração. Você não se importa se eu a usar, certo?

Daniel suspirou e tentou se concentrar nos números, e estava tendo um êxito razoável até que Gabe telefonou.

— Preciso de sua ajuda amanhã à noite.

— Não — respondeu ele, os olhos queimando por falta de sono.

— Eu não pedi.

— Estou cansado.

— Fim de semana longo? — perguntou Gabe, o tom irônico.

— Não — mentiu Daniel automaticamente. Aquele fim de semana era um segredo que levaria para o túmulo.

— Ouvi dizer que você conheceu alguém.

Era demais esperar por segredos. Advogados não sabiam manter a boca fechada?

— Moramos em Nova York. Se você analisar a população *per capita*, tenho mais chance de ser atingido por um raio do que de não conhecer pessoas.

Gabe riu, mas não insistiu no assunto.

— Preciso que você vá ao bar amanhã e trabalhe com o novo barman. Ele é um pouco lento.

— Não sou barman. Sou contador. Você faz isso.

— Não posso. Estou trabalhando na construção. Há um problema com a autorização. Estão alegando que designamos um prédio histórico.

— De certa forma, isso é verdade — apontou Daniel. Fazia mais de um ano que Gabe tinha comprado a casa ao lado do Prime, com o objetivo de restaurar o bar para o tamanho original. Desde então, os problemas não paravam. Cada vez que resolviam um problema, um outro surgia. Primeiro, foi a licença para vender bebidas alcoólicas, o que atrasou a autorização da construção. Depois, os túneis debaixo da calçada não passaram na inspeção, e enquanto reparos eram feitos, o espaço ficou parado por meses. Na primavera, tinham recebido uma conta de impostos atrasados, o que, felizmente, deveu-se a um erro do computador. E agora isso.

— Não quero que meu bar seja um prédio histórico para ser visitado por turistas. Tudo que quero é que o Prime volte a ser o que foi um dia. Estou lutando por isso há um ano. Quando recebi a permissão em maio, pensei que tivesse acabado. E agora isso. Preciso resolver a situação, Daniel. O mínimo que posso fazer é terminar a demolição da parede.

— E quanto a Sean? — Para Daniel, atender atrás do bar era a pior das torturas. Não era comunicativo como Gabe ou Sean.

— Sean tem um compromisso inadiável.

— E Cain? — perguntou Daniel, ficando desesperado.

— Ele só trabalha meio-período. No outro período trabalha como bombeiro. Você não pode passar uma noite trabalhando lá e ensinando alguém a atender no bar?

Daniel gemeu, vendo que não tinha saída.

— Tudo bem. — Agora que estava começando a entender o quanto os irmãos se preocupavam com ele, não iria decepcioná-los.

Mas não significava que tinha de gostar disso.

A casa de leilão Montefiore ficava localizada ao sul de Morningside Heights, num edifício de cinco andares que guardava tantos tesouros artísticos quanto o Louvre, o Hermitage e o MoMa combinados, ou pelo menos era isso que o avô de Catherine lhe dizia desde que era uma menina de 6 anos. Dez anos depois, quando estagiava lá, descobrira que o avô havia exagerado, mas não se importava. Para ela, as salas de Montefiore eram tão mágicas quanto qualquer circo, e tão espirituais quanto qualquer catedral.

Dentro das caixas meticulosamente catalogadas, estavam as vidas, segredos, histórias e amores dos maiores artistas do mundo. Homens e mulheres cujas criações eram destinadas a viver para sempre. Ela invejava a capacidade deles de fazer a tela tremer, a maestria com cores e luzes, os detalhes ricos que pareciam fluir sem esforço. Trezentos, quatrocentos anos depois, tudo que restava da vida deles era o trabalho em si.

Aquilo era herança.

Infelizmente, Catherine não tinha os olhos da mãe para arte contemporânea, nem a paixão do avô por vasos japoneses do século XIII, mas isso não a impedia de trabalhar para desenvolver algo que não herdara geneticamente.

Durante 13 anos, aprendera muita coisa, estudando história da arte e se infiltrando naquele lugar. Tudo ia bem até que percebera que o avô tinha expectativas em relação a ela fora do campo artístico. Deveria receber pessoas, animada, alegre. Ela, que não tinha a menor vocação para lidar com o público. No começo, havia tentado, mas então acabara entendendo que não podia se transformar na pessoa que o avô queria. Estava em paz, mas às vezes isso a magoava.

Quando o relógio antigo no saguão deu nove badaladas, os telefones começaram a tocar e Catherine não parou até que o final do expediente. Durante o dia, havia telefonemas de compradores, de negociantes de arte e de antigüidades, de avaliadores profissionais e de parentes que precisavam avaliar obras dos pais que haviam encontrado no sótão.

Talvez Catherine não tivesse o talento do avô com o público, mas era capaz, calma, e sempre conseguia muitos clientes.

Hoje, preferia o estresse de pensar nos eventos do fim de semana.

Casado.

Tinha dormido com um homem casado. Patife. Não se envolver com homens casados era uma regra que jamais violaria se tivesse consciência disso.

E por que tinha sido tão bom? Sexo infiel não deveria ser, por natureza, uma coisa sórdida e desprezível?

Felizmente o telefone tocou, e Catherine passou a hora seguinte ouvindo a duquesa de Marbury reclamar que a mesa Louis XIV não tinha sido devidamente avaliada para o leilão. Quando desligou o telefone, estava pronta para trocar a arte por algo menos irritante. Como um café.

Sybil e Brittany a encontraram na sala de descanso. O intervalo das manhãs de segunda-feira era uma tradição entre as três amigas, onde geralmente contavam sobre os finais de semana. Mas ter dormido com um homem casado era algo que Catherine não confessaria. Jamais.

— Como estava a praia? — perguntou Sybil, servindo-se de café.

Catherine forçou um sorriso.

— Tudo bem. Comecei a ler um livro ótimo.

— Oh, pensei que seu fim de semana tivesse sido mais excitante — disse Sybil, que vivia esperando que o homem certo caísse aos pés.

Então Catherine notou Brittany olhando para a lista dos itens de leilão na parede. Quando Brittany se esquivou de um contato ocular, significava apenas uma coisa: caíra mais uma vez na lábia de Michael.

Sybil, nunca tímida, imediatamente perguntou:

— Você viu Michael, não viu?

Brittany deu de ombros. Michael era às vezes o namorado dela, e o tempo todo um imbecil de quem Catherine e Sybil vinham tentando afastá-la.

— Não aconteceu nada de mais — respondeu Brittany, o que significava que eles tinham feito sexo.

Sybil suspirou, jogando os longos cabelos escuros para trás.

— Ele nunca irá respeitá-la se você não respeitar a si. Pelo menos ligou e a convidou para sair antes?

— Não.

Daniel também não tinha convidado Catherine para sair.

— Ele disse algo que indicou que você fosse mais do que uma breve distração na cama?

— Não.

Catherine franziu o cenho.

Nada. Nem uma palavra. E Daniel era casado. Michael, pelo menos, era solteiro.

Catherine olhou para Brittany com compaixão e Sybil percebeu.

— Por que você não está me apoiando nisso? — Quando Sybil não teve resposta, ergueu ambas as mãos. — Tudo bem, abandone-me quando deveríamos estar juntas nisso, e não vou lhe contar a última novidade.

O escritório de Sybil era ao lado da sala de reunião dos diretores e ela geralmente era a primeira a saber das fofocas.

— Se for algo ruim, não quero mesmo saber. — Precisava de alegria naquele dia, não de mais tristeza.

— A estrutura de comissão de Chadwick paga nos últimos seis meses se parece notavelmente com a de Montefiore.

A sala ficou mortalmente silenciosa, uma vez que aquela notícia era a pior possível. Havia três grandes casas de leilão em Nova York. Montefiore, Chadwick e Smithwick-White. A de Chadwick era a número dois, atrás da Montefiore, a principal concorrente deles, e um nome geralmente não citado, exceto de uma forma casual.

Quando duas firmas concorrentes tinham a mesma estrutura de comissão, o governo ficava irritado e exigia preços tabelados, presumindo que as duas companhias estavam inflacionando os preços artificialmente. E isso não desagradava apenas ao governo, mas aos clientes da casa de leilão, também. No alto escalão dos negócios de leilão, se os clientes estavam infelizes e não confiavam em você, era melhor fechar as portas para sempre.

— Isso é impossível! — exclamou Catherine. — Estruturas de comissão são segredos de estado e muito variáveis para serem iguais. — Era verdade. A renda da casa de leilão se dividia em duas partes: comissões cobradas em itens a ser leiloados e comissão da venda em si. Era um ato de equilíbrio delicado e sempre fluía bem.

— Foi o que eu ouvi. O quadro de diretores está completamente infeliz. Foi um cliente que lhes chamou a atenção para o problema. Um cliente capaz de começar rumores feios, que os diretores queriam anular antes que o governo interferisse e antes que a notícia se espalhasse. — Sybil deu de ombros, amassando um vestido de linho que

provavelmente custara uma fortuna. Era por isso que Catherine gostava dela. Sybil tinha dinheiro, classe e estilo, mas não era uma pessoa exibida.

— Vou falar com vovô.

Brittany, muito mais confortável em dizer às pessoas como viver, disse:

— Catherine, pense. Esta pode ser a sua chance. Você vem procurando uma maneira de impressionar seu avô. Diga-lhe que vai ajudar, que vai analisar os livros de contabilidade, e mostre a todos que estão criando uma crise por nada. Você será a heroína. Seu avô vai adorar isso.

Catherine meneou a cabeça. Levava quatro anos para se especializar em artes. Favoritismo podia acontecer em todo o país, mas não na Montefiore.

— Talvez seja melhor deixar a contabilidade para os especialistas.

— Acho que você deveria tentar. Aposto que seu avô apreciaria a preocupação.

Catherine considerou.

— Falarei com ele esta tarde — disse, soando muito mais corajosa do que se sentia.

Catherine trabalhou até a hora do almoço, então, enquanto comia um sanduíche na própria sala, ensaiou silenciosamente a conversa com o avô, até que encontrou firme resolução e otimismo.

Geralmente não ficava tão nervosa. Amava muito o avô, mas isso não mudava o fato que de ele era uma figura intimidadora. Era um pioneiro, um símbolo no mundo artístico. Com 28 anos, Catherine tinha muito o que aprender, e estava longe de ser uma pioneira ou um símbolo no mundo artístico.

E isso era mais do que pedir uma casa de praia para um fim de semana. Montefiore se esquivara de alguns escândalos no passado... O incidente dela com a pintura de Gainsborough era um dos primeiros da lista... Mas atualmente os riscos eram ainda maiores. O avô de Catherine havia vendido uma porcentagem da firma para uma companhia de capital privado, a fim de financiar a abertura de escritórios em Londres e Paris. Ambos eram lucrativos agora, mas se um erro financeiro fosse cometido, o quadro de diretores substituiria Charles Montefiore por alguém cujo nome não era Montefiore. Em tempos difíceis, as pessoas pareciam não se importar com o nome que constava no cabeçalho. Mas Catherine se importava. Ajeitou o casaco, endireitou os ombros e se olhou no espelho. Embora não fizesse isso com frequência, conseguiu assumir a expressão altiva dos Montefiore.

Uma vez na cobertura do edifício, acenou para a secretária do avô, que a mandou entrar. Catherine sentou-se enquanto esperava Charles Montefiore desligar o telefone.

O avô era alto e magro, com uma voz forte e profunda perfeita para um leilão, e cabelos grisalhos que pareciam sempre despenteados. Não usava óculos, dizendo que eles distorciam-lhe a visão e descoloriam o mundo.

Depois que ele desligou o telefone, aqueles olhos intensos a fitaram com expectativa.

— Ouvi os rumores — começou Catherine de forma deselegante.

— Esqueça o discurso, Catherine. Não há necessidade de ensaio. Sou seu avô, afinal.

Ela enrubesceu, mas tentou se lembrar da firme resolução e otimismo.

— Acho que o senhor precisa agir. Fazer alguma coisa antes de ser atacado. Pense nisso, vovô. Pode fazer uma auditoria, e então...

Ele ergueu uma das mãos, interrompendo-a.

— Eu já requisitei uma auditoria.

Catherine suspirou.

— Isso é bom. Uma auditoria vai provar que não fizemos nada de errado, e nossos clientes podem voltar a confiar em nós. E vai provar que os diretores não deveriam ter duvidado nem por um minuto. Excelente plano. — Pensar na melhor maneira de prosseguir e dizer-lhe que queria ajudar era muito mais difícil do que uma atitude otimista. — O senhor pode precisar de alguma ajuda — disse ela, como uma indireta.

— Coloquei Foster Sykes no comando. Ele virá esta tarde. Vai puxar todas as faturas das vendas e deixar os números falarem por si só. — Foster era o vice-presidente do setor de contabilidade. Capaz, inteligente, bom no trabalho e nunca enganado por um Gainsborough falso na vida.

— Oh — murmurou ela fracamente.

— Você queria falar mais alguma coisa? — perguntou ele, notando a hesitação da neta.

— Se precisar de alguma ajuda...

— Fale, menina!

— Eu poderia ajudar.

— Tem certeza sobre isso? Números altos e matemática. Não é bem a sua área.

— Não, não é — replicou Catherine, insegura.

— Então, como você poderia ajudar?

Finanças, dinheiro, matemática. Todas as áreas para as quais não podia contribuir em nada.

- Esqueça — disse ela, enfiando as mãos nos bolsos.
- Quem sabe da próxima vez...
- Você não vai ajudar?
- Eu provavelmente não deveria.
- Isso era tudo que queria me dizer?
- Sim — respondeu ela, passando uma das mãos pelos cabelos.
- Uma pena. Volte ao trabalho, então.

Catherine saiu da sala do avô, mas sentiu os olhos dele seguindo-a, observando-a. Observando-a com desapontamento.

Bem, ela também estava desapontada, não estava?

CAPÍTULO SEIS

Era uma noite quente de terça-feira e o movimento do Prime estava calmo. Felizmente.

Lloyd, Syd e E.C. estavam sentados atrás do balcão. Eles eram clientes antigos que freqüentavam o Prime desde que Daniel era criança e o tio era dono do estabelecimento.

Lloyd havia sido ferreiro durante a maior parte da vida e tinha a pele avermelhada para provar isso. E.C. fora engenheiro na MTA, mas ninguém saberia disso conversando com ele, pois falava como um professor universitário. Syd era gentil, e com 51 anos planejava continuar trabalhando como policial depois que se aposentasse.

Atrás do longo balcão do bar, Tessa trabalhava, uma figura pequena com uma língua afiada, e Daniel estava surpreso e feliz por vê-la. Embora tivesse sido uma ótima garçonete no Prime, parara para perseguir um futuro mais estável como corretora de imóveis.

— Onde está Gabe? — perguntou ele, e Tessa apontou para a lona verde que cobria metade de uma parede.

— Trabalhando atrás da lona, derrubando a parede.



Tessa estava preparando um drinque quando acidentalmente deixou o copo escorregar e quebrou-o. Ela praguejou usando uma palavra que a mãe de Daniel, Katie O'Sullivan, jamais os deixara usar sem conseqüências terríveis. O pai, Thomas O'Sullivan, nunca tinha trabalhado no bar, escolhendo trabalhar para um jornal e deixar tio Patrick dirigir o estabelecimento. Thomas faleceu quando Daniel estava no ensino médio; o irmão, Patrick, morreu dez anos depois. Só restavam três O'Sullivan agora. Daniel, Gabe e Sean. Os olhos de Daniel foram para a foto emoldurada da mãe e do tio atrás do bar. As paredes eram repletas de fotografias do lugar durante os anos. Era a história do bar consolidada em imagens de diversos tamanhos.

Quando o avô deles tinha começado o negócio, na época com o nome de O'Sullivan, eles serviam políticos e barões ladrões. Durante os anos, a clientela mudou. Serviram membros da máfia, boxeadores e até mesmo dois presidentes. Para cada momento da história do local, havia uma fotografia para provar.

— Onde está o rapaz novo? — perguntou Daniel.

— Levando um barril de chope vazio para o porão — replicou Tessa com um sorriso. — Vejo um homem forte, ponho-o para trabalhar. Conquistei independência e agora estou delegando. E aí está meu servo. — Ela inclinou a cabeça em direção a um homem que saía pela escada do porão.

— O que faço agora? — perguntou o novo barman.

Tessa sorriu.

— Ele é tão obediente. Daniel, este é Jackson.

Jackson era apenas um rapazinho, mas era musculoso e sorria nervosamente cada vez que Tessa falava seu nome.

Daniel apertou-lhe a mão.

— Daniel O'Sullivan.

Então olhou esperançoso para Tessa.

— Você está aqui. Posso ir embora, não posso?

Tessa meneou a cabeça.

— Não, você vai ficar até a hora de fechar.

Daniel lembrou-se da nova resolução de fazer os irmãos felizes e suspirou.

— Tudo bem.

— Conte-me, Daniel, você teve a chance de ver a casa que pedi? Estou procurando por uma casa classicamente grega, mas confortável. É para um casal de idade. Não

aposentado, mas pensando sobre verões mais longos fora da cidade. A iluminação é boa? Eles precisam de boa iluminação.

Oh. Daniel tinha esquecido da pequena responsabilidade no fim de semana. Se admitisse isso, teria de dar uma explicação.

— Detestei a casa — replicou ele sem encontrar-lhe os olhos.

— Muito escura?

— Definitivamente.

— E quanto à vista?

— A vista?

— Sim, as fotos do arquivo pareciam um cartão-postal, mas não se pode confiar muito nisso.

— Não notei a vista — mentiu ele, envergonhado por não ser honesto.

— Oh. — Tessa o estudou com desconfiança. Sabia que Daniel não perderia nenhum detalhe.

— Era muito tarde quando passei por lá — disse ele, esperando que aquilo bastasse.

— Certo. Gabe disse que você conheceu alguém — continuou Tessa, enquanto preparava um drinque para um cliente que chegara.

— Não — mentiu ele novamente, perguntando-se o que havia acontecido com sua ética, escrúpulos e consciência moral. Mas a idéia de ter pessoas o questionando sobre algo que nunca mais se repetiria não lhe agradava. — Li um livro. Um suspense excelente.

—Ótimo — murmurou ela, obviamente não acreditando. Daniel nunca soubera mentir.

Foi salvo de uma análise mais minuciosa quando Gabe saiu de trás da lona, segurando um pequeno objeto.

— Olhe o que eu achei dentro da parede.

Daniel aproximou-se para ver. Era um anel. Um anel de diamantes muito caro.

— Dentro da parede?

Gabe assentiu.

— Estava enfiado no velho isolante de jornal. Jornais. Acredita nisso? Não é surpreendente que este lugar seja tão quente no inverno.

— É um anel de noivado — comentou Lloyd. — Provavelmente dos anos 50 pela aparência. Minha irmã tinha um desses. Que desperdício de dinheiro, mas então o homem com quem ela se casou não era inteligente o bastante para saber.

Gabe virou o anel na mão.

— Há algumas marcas no interior. Não consigo lê-las.

Tessa pegou o anel entre os dedos e olhou dentro.

— Aposto que é roubado. Não posso entender por que alguém o enterraria na parede.

Syd deu uma olhada.

— Se foi roubado, eles deveriam ter protegido a jóia. Os criminosos estão mais estúpidos a cada dia. — Ele passou o anel para Daniel. — Consegue ler isso?

Daniel olhou cuidadosamente para a gravação interna do anel.

— Eternamente. B.T.K.S.C.H.

— Que triste — lamentou-se Tessa. — Imagine ter seu anel de noivado roubado? Espero que ele tenha comprado um novo para ela.

Daniel ergueu o anel para a luz, então olhou para Gabe.

— É uma bela jóia. Você deveria encontrar o dono.

— Discordo — palpitou Syd. — Tecnicamente, não sabemos se isso foi roubado ou não. Legalmente, pertence ao dono da propriedade na qual foi encontrado. A Gabe.

Gabe estendeu o braço, mas Daniel segurou o anel.

— E se alguém ainda estiver procurando por isso?

— Depois de sessenta anos? — protestou Gabe.

— Não sabemos disso ao certo. E se fizer apenas seis meses ou seis anos? Não é tempo o bastante para que as pessoas parem de procurar. Se fosse eu, procuraria para sempre. Um anel não pode ser substituído. Um homem procura o anel certo para a mulher que vai amar eternamente. É um símbolo para o mundo de que aquela mulher lhe pertence.

Gabe considerou por um momento, antes de falar:

— Acho que Daniel está certo.

— Daniel está sendo tolo — argumentou Syd. — Fique com a jóia. Ninguém irá procurá-la.

Gabe colocou o anel sobre o balcão e o estudou, pensativa

— E se tiver dois amantes em algum lugar, e ela estiver pensando que ele não a ama o bastante para lhe dar um anel, ou ele estiver pensando que ela o jogou no lixo? Eles nunca ficarão juntos por causa de um anel?

— Você deve achar o dono. É a coisa certa a fazer. — Daniel não gostava da idéia de saber que alguém podia estar perdido sem o anel.

Gabe lhe entregou a jóia.

— Tudo bem, você faz isso. Uma vez que tenho de cuidar de um bar, este trabalho é seu.

Daniel franziu o cenho, guardando o anel no bolso. Ninguém entendia que amor era algo insubstituível e inesquecível. Amor verdadeiro era para sempre. Mas Daniel entendia.

Ele amara Michelle, e isso era para sempre.

Sentiu-se melhor, aliviando um pouco da culpa pelo fim de semana. Tivera um caso, uma chance de queimar alguma energia, mas estava acabado.

— Então, vamos ensinar esse rapaz a trabalhar — disse ele, olhando para Jackson e respirando fundo.

Catherine soube que a situação da Casa de Leilão Montefiore era tensa quando a mãe veio do escritório de Londres. Nos últimos sete anos, Andréa Montefiore nunca tinha perdido o período prévio ao leilão britânico do outono. Era especialista mundialmente famosa em móveis ingleses, e os melhores preços eram da filial Montefiore de Londres, onde ela estava no comando.

No meio de agosto, leilões eram agendados, entregas e contratos eram assinados, catálogos eram fotografados e, em geral, não era um momento para Andréa Montefiore deixar o posto.

A situação dos negócios Montefiore era grave.

Pessoas falavam em sussurros e nem Sybil sabia de nada desta vez.

Em algumas noites durante o jantar, Catherine tentava tirar alguma informação da mãe, mas Andréa não deixava escapar nada.

O único lado bom da crise Montefiore era que Catherine quase conseguira tirar o fim de semana vergonhoso da cabeça.

Quase.

Às vezes pensava sobre ele. O apartamento minúsculo, que geralmente era organizado, estava cheios de esboços espalhados. Desenhava Daniel, olhava-o maravilhada, então, furiosa consigo mesma por estar obcecada, rabiscava o desenho até estragar a imagem. Infelizmente, exorcismo artístico não estava funcionando.

As chuvas de outono começaram, e foi num dia chuvoso que a bomba estourou.

O quadro de diretores não suspeitava de um empregado qualquer, mas de uma conspiração entre o próprio Charles Montefiore e Chadwick.

Andréa Montefiore entregou a notícia pessoalmente. Parecia calma, elegante e no total controle. Exceto pelo cigarro apagado entre os dedos. Andréa tinha parado de fumar 12 anos atrás.

O relacionamento de Catherine com a mãe era mais complicado do que a maioria. Mãe e filha compartilhavam a paixão pela arte, por bolsas e por doces.

Todavia, nas duas áreas que Catherine superava a mãe, na paixão por bolsas e doces, não eram as duas que escolheria para si se tivesse nascido com mais talento.

Independentemente das diferenças, Catherine amava a mãe e sofria ao ver as linhas de tensão ao redor da boca de Andréa.

— Os diretores mandaram fazer uma auditoria independente. Eles virão hoje e reportarão os dados em duas semanas. Devemos cooperar ao máximo — explicou a mãe, calmamente.

— Vovô não fez nada errado.

— É claro que não, e certamente iremos rir quando esse assunto tolo estiver acabado.

O cigarro apagado estava agora entre os lábios de Andréa.

Catherine se inclinou para frente, beijou-a no rosto e tirou-lhe o cigarro da boca.

— Eu ia acendê-lo — defendeu-se Andréa.

Catherine sorriu.

— Eu sei. — Mas ela o quebrou na metade e jogou as partes no cinzeiro. — Você conversou com vovô? Devo falar com ele?

Andréa lhe deu um tapinha na mão.

— Não, querida. Há quatro caixas chegando do Cairo e eu preferia que você verificasse se os documentos de trânsito estão completos. Pode fazer isso?

E então Catherine foi enviada ao cais para ajudar no inventário da mercadoria. Levou um assistente e um motorista, e tudo ocorreu sem incidentes, mas quando estavam voltando, a chuva começou a cair forte. Em Montefiore, Catherine saiu do veículo e enfrentou a chuva, ensopando o vestido e os cabelos, a despeito do guarda-chuva. Entrou no grande saguão do prédio quando o relógio deu seis badaladas.

Chamou o elevador e bateu o guarda-chuva impacientemente sobre o piso de mármore, ansiosa para vestir alguma coisa seca. As portas se abriram e, quando diversos homens saíram de dentro, ela o viu. Lá no fundo.

Daniel O'Sullivan.

Em carne e osso.

CAPÍTULO SETE

Catherine deu um passo ao lado, deixando o grupo passar, Charles Montefiore na liderança. Foster Sykes, o chefe do setor de contabilidade, o seguiu. E atrás dele...

O cretino.

Depois que todos saíram, Catherine entrou no elevador, decidida a ignorá-lo, fingir que ele nunca ocupara um segundo da vida dela.

Mas então Daniel a olhou com alguma coisa a mais do que reconhecimento, voltou-se para o grupo e murmurou:

— Acho que deixei meu celular lá em cima. — E entrou novamente no elevador.

Estava vestido num terno escuro, camisa branca e gravata azul conservadora.

Catherine desviou os olhos, agindo como se ele não estivesse lá, mas podia sentir o aroma da colônia de sândalo.

Algum dia iria esquecer aquela fragrância? O corpo dela um dia pararia de tremer com a lembrança?

Tentou chamar a raiva, a vergonha e o arrependimento enterrados no interior. Tudo que pudesse para não se comover diante da tristeza no rosto dele.

— Catherine.

— Não fale comigo — disse ela, os olhos focados no tapete do elevador.

— Você precisa me ouvir.

Ela não respondeu. O elevador parecia estar demorando uma eternidade.

— Por favor — suplicou ele.

— Não há nada a dizer.

— Eu deveria ter lhe contado.

— Sim, deveria. Eu nunca teria... Nada teria acontecido se você tivesse me contado.

— Não é isso que estou tentando dizer.

A mão de Catherine se apertou ao redor do cabo do guarda-chuva.

— Eu não quero ouvir. Nunca fiz nada assim na minha vida, e agora tenho de viver com isso.



A campainha do elevador tocou e Daniel segurou-lhe o braço. Com a mão esquerda. A mão da aliança. Ela se desvencilhou quando as portas se abriram.

— Catherine, eu sou viúvo.

Assim que disse as palavras, Daniel sentiu alguma coisa se romper dentro dele. Não as falava com frequência. Não gostava do jeito que soavam, ou do jeito que as pessoas o olhavam depois de saberem.

O jeito que Catherine o olhava agora. Ela voltou a entrar no elevador e observou-o com olhos desconfiados... Porém, não mais zangados. Graças a Deus.

— Você está me dizendo a verdade?

As portas do elevador voltaram a se fechar e ele desceu. Daniel queria muito falar com ela, necessitava disso, mas nãoalaria ali. Havia muita gente ao redor, os colegas de trabalho, as pessoas com quem estava colaborando, também. Era importante parecer distante e imparcial com todos da casa de leilão. Naquela profissão, aparência era a chave.

— Por favor, me deixe explicar. Não aqui.

A expressão dela era chocada, os cabelos molhados colados à cabeça. E agarrava o guarda-chuva como uma corda de salvamento.

— Há um parque aqui em frente — murmurou Catherine finalmente.

— Está chovendo.

— Há um coreto no centro.

Ele assentiu e pegou o guarda-chuva dela enquanto se dirigiam para o saguão.

Os funcionários da casa de leilão tinham partido. Daniel imaginou que estariam esperando por ele no restaurante. Eles sobreviveriam. Precisava esclarecer as coisas com Catherine.

— Você trabalha em Montefiore?

— Meu avô é Charles Montefiore.

E aquilo não era estranho? Daniel estava investigando o parente dela por uma possível ofensa criminosa.

Do lado de fora a chuva ainda caía, e ele abriu o guarda-chuva. Não era uma grande proteção, mas Daniel não se importou. Segurando-lhe o braço com a mão livre, atravessou a rua para o parque. Avistou o antigo coreto a alguns metros de distância.

Catherine não falara mais nada, e ele podia senti-la tremendo. O primeiro instinto foi puxá-la mais para perto, mas não queria deixar a situação pior do que já estava.

Assim que estavam debaixo do coreto, ele apoiou o guarda-chuva contra a grade. Não tinha desculpa para tocá-la mais, então liberou-lhe o braço.

— Desculpe. Eu devia ter dito alguma coisa.

Ela tirou os cabelos dos olhos, a boca se curvando na imitação de um sorriso.

— Fiquei pensando coisas horríveis e... Sim, você devia ter dito.

Daniel enfiou as mãos nos bolsos e começou a andar ao redor da pequena área.

— Catherine — começou, e ela sentou-se no banco, olhando-o nervosamente. — Não sei o que dizer.

O pequeno sorriso dela desapareceu.

— Pergunto-me por que você estava tão solitário.

— Eu queria ficar sozinho.

— Eu não sabia. Sinto muito — disse Catherine, e ele viu a mágoa na expressão dela. — Vamos lá, Daniel, extravase, me ofenda, fira todos os sentimentos da primeira mulher com quem você quis ficar desde... Bem, desde muito tempo.

Ele deu um passo em direção a ela, mas então parou.

— Eu nunca faço isso.

Ela o observou, julgando, analisando, e ele se perguntou o que Catherine via, o que pensava, como se sentia. Mas os olhos castanhos não estavam calorosos ou convidativos.

— Quando sua esposa morreu?

Daniel sentou-se ao lado dela no banco.

— Onze de setembro.

Catherine sentiu-se fraca. Aquilo não era câncer. Não era um tumor cerebral. Nem mesmo um acidente de carro. O que deveria dizer? A chuva aumentou de intensidade, quase cobrindo o barulho dentro da cabeça dela.

Felizmente, eles começaram a conversar de novo. A voz de Daniel era baixa, tranqüila.

— Nós trabalhávamos juntos no 104º andar da Torre Norte. Ela precisava se preparar para uma reunião matinal, então eu fui buscar o café. Ela insistiu que eu fosse ao Starbucks na rua Hudson. Michelle era assim, descobria um lugar favorito e não se contentava com menos, e eu não me importava. Mas naquela manhã a lanchonete estava lotada, e havia uma criança atrás do balcão. Chamava-se Marco e eu estava conversando com ele sobre times de beisebol quando ouvi o estrondo. Eu estava a 14 quadras de distância.

Ponto final. Fim da história, e a mente de Catherine voltou ao tempo. Estivera segura, sentada numa sala de aula na universidade de Columbia. Não conhecia ninguém que trabalhava nas torres. Aquele não era o mundo dela.

Queria desviar os olhos de Daniel, mas lá estava ela, presa num pesadelo que havia começado sete anos atrás. Não lidava bem com pesadelos, não era corajosa diante do sofrimento, como algumas pessoas.

— Sinto muito. — Possivelmente as duas palavras mais patéticas do mundo.

— Eu também sinto — disse ele, e a distância entre os dois aumentou infinitamente.

Catherine queria perguntar sobre a esposa dele. Apostava que era bonita e extrovertida, o tipo de mulher que um homem jamais esquecia. Mas esse tipo de pergunta pareceria insignificante e impertinente.

— Preciso ir agora. Vou encontrar seu avô e Sykes para jantar.

— Não quero prendê-lo.

Daniel a olhou por um longo momento. Ela sabia que ele iria dizer algo, mas Catherine não queria ouvir nada. Queria esquecer aquele fim de semana. Enterrá-lo num lugar que não pudesse mais ser tocado. Portanto interrompeu-o antes que ele começasse a falar.

— Podemos esquecer isso. Esquecer tudo que aconteceu. Já faz um tempo.

— Quinze dias — replicou ele.

Ela ergueu a cabeça e olhou-o intensamente.

— Eu já esqueci.

— Eu não.

Ele não deveria facilitar as coisas para ela? Catherine estava fazendo o possível para facilitar as coisas, porque sabia que, caso se apaixonasse por Daniel, a esposa dele seria lembrada para sempre em monumentos e memoriais. Talvez Daniel quisesse recomeçar a vida, ou talvez não, mas a cidade de Nova York nunca o deixaria esquecer Michelle O'Sullivan.

— Ela era bonita? — perguntou Catherine, um lembrete para ele do que perdera, um lembrete para si do que não podia ter.

Com aquilo, a expressão de pressa nos olhos dele diminuiu.

— Sim.

— Vou indo — disse ela, pegando o guarda-chuva.

— Catherine — começou Daniel, e ela o interrompeu porque não queria ouvir. Ele lhe prometeria o mundo se isso a ajudasse... Porque era esse tipo de homem... E tentaria arduamente cumprir a promessa, mas não seria capaz, e Catherine sofreria ainda mais.

— Por favor, não diga nada.

Ele assentiu.

— Mas há algo que você precisa saber. A auditoria. Estarei trabalhando aqui pelas próximas semanas.

Catherine já sabia disso. Percebera as implicações no minuto em que o avistara no elevador. Mas a idéia de vê-lo todos os dias...

Teria sido mais fácil se ele fosse casado, traindo a esposa. Agora era apenas um homem bom com olhos solitários.

Seu Odisseu, sempre procurando pelo lar.

— Posso desistir desse trabalho, Catherine.

Ela ficou em silêncio por um momento.

— Você é bom no que faz, não é?

— Sim — replicou ele, e ela sabia que era verdade. Daniel era perfeito em tudo o que fazia.

Em contabilidade. Fazendo amor. *Sofrendo pelo luto.*

— Fique — pediu ela. — Limpe o nome do meu avô.

— Ele pode estar envolvido. Então estaria com sérios problemas.

Catherine meneou a cabeça. Havia coisas no mundo das quais não podia desconfiar. Seu avô era uma delas.

— Não. Você não o conhece.

— Como auditor, não posso me envolver com você de maneira pessoal, mas apenas profissional. Eles têm regras necessárias para manter a integridade e a natureza imparcial da auditoria. Se houver alguma dúvida quanto a isso, irão jogar todo o trabalho fora e recomeçar com alguém novo. Não estou sendo rude.

— Nós já trabalhamos com auditores antes e conheço o esquema. Não se preocupe. Isso só vai facilitar as coisas, não é?

— Sinto muito — desculpou-se Daniel mais uma vez.

Catherine esboçou um sorriso educado e partiu.

Daniel bebeu água no jantar e não muito mais do que isso. Ouviu educadamente a história sobre golfe de Foster Sykes e riu nas partes apropriadas.

Deveria estar aliviado depois que falara com Catherine, mas, em vez disso, sentia-se péssimo. Por que não lhe explicara que não poderia continuar vendo-a pois isso não seria justo?

Mas ela não quisera ouvir nada.

Se aquele não fosse um jantar de negócios, Daniel teria pedido um uísque duplo. Mas tudo que podia fazer era ficar sentado lá, ouvindo Charles Montefiore, que tinha os mesmos olhos castanhos e intensos da neta.

E se Charles Montefiore estivesse determinando as comissões?

Em qualquer negócio, falar com concorrentes e conspirar para estabelecer preços artificialmente altos era ilegal. Não importava se você mantivesse o preço das comissões artificialmente alto para um item ou para dez milhões de itens. Não importava se enchia o bolso com dez milhões extras de lucro ou com um dólar extra. Era ilegal, e não apenas Charles Montefiore podia ir para a cadeia, como levaria anos para que a casa de leilão recuperasse a reputação com os clientes.

Mais uma arma com a qual Daniel poderia ferir a neta dele.

Foster contou uma outra piada, Daniel fingiu rir e, quando o garçom se aproximou, pediu um uísque duplo.

Não podia ser profissional naquele momento.

Catherine perdeu a hora na manhã seguinte porque passara a noite em frente ao computador, lendo todas as informações sobre a falecida Michelle Mitchell O'Sullivan. Até mesmo achou o anúncio do casamento deles e leu que a noiva tinha usado um vestido Vera Wang, e a recepção acontecera em um bar em West Side.

Quando se vestiu para o trabalho, escolheu o vestido preto mais bonito, o qual não se comparava a um vestido de noiva Vera Wang. Mas no momento em que se olhou no espelho, achou que estava bonita.

Não que alguém notaria.

Sybil e Brittany estavam na sala de descanso, tomando café e conversando quando ela entrou.

— Olhe só para você! — exclamou Sybil. — Você o viu, imagino?

— Quem? — perguntou Catherine, fingindo inocência.

— O sujeito da MBRC, a firma de contabilidade. Acho que estou apaixonada.

Brittany meneou a cabeça.

— Eu não. Só desejo sexual. Ele tem uma aliança.

— Vocês duas estão sendo ridículas — disse Catherine com um sorriso falso.
— Ouvi dizer que ele não é casado.
— Então, por que a aliança? — perguntou Brittany.
— Ele é viúvo — anunciou Sybil, como se aquilo fosse algo a ser desejado.
— Oh. — Então Brittany fez uma careta. — Você perguntou?
— Ouvi um dos diretores comentando — replicou Sybil. — Se ele precisa de alguém para ajudá-lo a superar a perda da esposa, estou disponível.
— Não diga bobagem — censurou Catherine.
— O que há com você? — Brittany quis saber, afinal Catherine nunca era rude.
— Desculpem. Não dormi bem. — E não dormira. Tinha sonhado a maior parte da noite, agarrando o travesseiro como se fossem ombros perfeitos, e sentido o aroma da colônia de sândalo durante o sono. — Preciso trabalhar. — Catherine ofereceu um sorriso fraco e desapareceu.

O e-mail a esperava quando voltou ao computador.

Jante comigo.

Silenciosamente, ela se levantou, fechou a porta e apoiou a cabeça sobre a mesa. Daniel a queria, queria dormir com ela... Até que estivesse pronto para seguir com a vida. Catherine seria a pessoa temporária, antes que ele conhecesse uma outra mulher. Ou pior, seria esta pessoa temporária, e ele nunca encontraria alguém que pudesse substituir a esposa.

Ela poderia fazer isso, ser esta pessoa temporária?

Não, mas também não era forte o bastante para negar o convite.

Respirou fundo, sabendo que estava prestes a cometer o maior erro da vida dela.

Sim, digitou, então esperou impacientemente até receber a resposta.

Uma única linha de texto:

Bella Cucchina, 19h30.

Passava das 19h quando Catherine trancou a porta da sala. Havia uma recepção naquela noite, uma mostra prévia dos destaques do outono, mas conseguiu sair sem ser vista. A maquiagem fez milagres para cobrir os círculos escuros sob os olhos. As mãos tremiam quando passou o batom, e continuou dizendo a si que estava sendo tola.

Era apenas um jantar. Nada mais.

Por que não podia se convencer disso?

CAPÍTULO OITO

O celular de Daniel vibrou no bolso, e ele atendeu a ligação. Era Gabe.

— Recebi seu recado. O que significa: "Vou perder o jogo de pôquer"?

O jogo de pôquer era um evento regular de quarta-feira à noite. Gabe, Daniel, Sean e Cain jogavam todas as quartas desde... sempre.

— Pensei que tivesse sido claro. Não irei jogar pôquer esta noite.

— Tem um trabalho muito importante? Porque isso é família. Onde estão suas prioridades?

Distraído, Daniel olhou para a aliança de ouro no dedo. Não poderia usá-la naquela noite. Era rude usar uma aliança num encontro. Tirou-a e guardou no bolso.

— Estarei lá na próxima semana. Prometo.

— Por que não hoje?

— Estou com um trabalho novo que está me mantendo ocupado.

— Claudia ligou no bar ontem à noite, procurando-o. Disse que deixou um recado no seu apartamento e no seu celular, mas você não retornou. Ela estava preocupada.

Daniel praguejou silenciosamente e pôs os documentos de lado. Claudia era a sogra. E era uma pessoa muito querida... Tão parecida com a filha. Normalmente, Daniel teria retornado a ligação, mas alguma coisa sobre ouvir o tom maternal de Claudia o deixara impaciente.

Desde o fim de semana em Hamptons, vinha evitando ligar, porque achava que Claudia seria capaz de ouvir a mudança na voz dele, não mais tão triste.

— Comentei com Sean que talvez você estivesse bebendo. Se precisar sentar-se num bar e se embriagar, por que não vai ao Prime? Pelo menos lá estarei de olho em você.

Em uma outra época, Gabe poderia estar certo. Nos aniversários de Michelle, nos aniversários de casamento deles, ou em quase todos os dias de setembro, Daniel tinha passado as noites bebendo. Sentado num bar sozinho porque não queria ficar em casa.

Contudo, não fazia isso ultimamente. Trancava-se no apartamento e tinha os sonhos mais eróticos de sua vida. E nenhum deles envolvia a esposa.

— Vou ligar para Claudia agora — disse ele.

— Sei que às vezes você quer ficar sozinho...

Menos do que você pensa.

— Mas estamos aqui. Se precisar conversar...

— Claro. — Daniel falou no tom mais alegre.

— Teve alguma sorte com o anel que achamos na parede?

— Ainda não. Procurei alguns arquivos no *Times* para aquelas iniciais, mas não encontrei nada.

— Você devia tentar falar com um avaliador profissional — sugeriu Gabe. — Precisa ser alguém que entenda da parte histórica de jóias.

E convenientemente, ele poderia contatar alguém da Montefiore.

— Sei o lugar exato, Gabe.

Gabe fez uma pausa, então mudou de assunto:

— Você está bem? Falta pouco mais de uma semana para o início de setembro.

Daniel olhou a data no relógio. Quase tinha esquecido. Quase.

— Pode parar de se preocupar comigo?

— Se você fizesse alguma coisa normal, eu pararia de me preocupar. Tudo que faz é beber e trabalhar. Bem, se precisar de algo...

— Adeus — disse Daniel e desligou.

O telefonema seguinte foi mais fácil do que esperava. A secretária eletrônica de Claudia atendeu e ele deixou um recado, cumprindo o dever de genro.

Após desconectar, consultou o relógio: 19h18.

Agora era tarde demais para voltar.

A cantina Bella Cucchina era toda de aço e vidro, mas assim que se passava pelo saguão vazio, era como entrar num mundo novo. O pequeno bistrô italiano tinha cadeiras de madeira, garçons com sotaque autêntico, uma garrafa de Chianti e Daniel.

Catherine não pretendia beber durante o jantar, mas a conversa estava lenta e estranha, e Daniel parecia mais fechado em si do que nunca.

Ele estava com o mesmo terno que usara no escritório, mas havia tirado o paletó, um fato que Catherine lamentou. Quando Daniel estava de terno, todo coberto e arrumado, era um homem diferente do que ela conhecera na praia. O homem que tinha desenhado, com quem fizera amor.

Na mão esquerda, uma faixa branca de pele visível onde ele geralmente usava a aliança. No momento, devia estar no criado-mudo, esperando ser recolocada quando ele chegasse em casa.

— O vinho está muito bom — comentou ela, olhando-o por sobre a borda do copo.

— Ótimo, pois não entendo muito de vinho.

Como arte, Montefiore também leiloava vinhos, e Catherine conhecia a maioria deles.

— Mas você conhece um pouco, ou não teria escolhido um Sangiovese 1997.

Ele deu de ombros.

— Deve ter sido um palpite de sorte.

— Acho que não. Quero dizer, você é dono de um bar. — Ela refletiu. — Conte-me, novamente, por que tem um bar? Todo o resto faz sentido sobre você, mas não isso.

— Obrigações familiares mais do que qualquer coisa.

— Seus pais ainda são vivos?

— Não, minha mãe morreu recentemente e meu pai faleceu quando eu estava no ensino médio. Ele nunca se interessou pelo bar, deixando meu tio dirigir o estabelecimento, enquanto trabalhava para o *The Sun*.

— Você trabalhou no bar enquanto crescia?

— Um pouco. Mas não nasci para viver cercado de pessoas, como meus irmãos. Passava a maior parte do tempo lavando pratos. Sou bom nisso.

— Eu era a cozinheira da casa — disse ela, e por um momento eles se entreolharam silenciosamente.

— Sua família não tinha uma cozinheira? — perguntou Daniel curioso, e Catherine sabia o que ele estava pensando. Após ter visto a casa de praia, as declarações financeiras de Montefiore, eles poderiam ter contratado uma.

— Eu cozinhava bem — murmurou ela. — E minha família tem idéias estranhas sobre dinheiro e responsabilidades. Mamãe foi para Woodstock. Meu avô está no topo da lista dos doadores do país.

Daniel sorriu.

— Onde está seu pai?

— Eu nunca o conheci. Ele morreu quando eu era pequena. Somos apenas eu, minha mãe e meu avô. Foi tudo o que restou dos Montefiore.

Ele a estudou em silêncio e Catherine não desviou os olhos. Também mal sentiu o gosto da comida. Depois que o garçom tirou os pratos, imaginou se Daniel passaria a noite com ela. As pernas tremeram com o pensamento.

Estava prestes a se levantar e partir com o pouco de orgulho que lhe restava quando um homem da mesa ao lado começou a falar alto.

— Chega, Nicole. Não agüento mais!

— Fale mais baixo — insistiu Nicole.

Catherine olhou para Daniel. Ele pegou um guardanapo de papel e uma caneta.

Você quer ir embora?

Catherine pegou a caneta e ia responder em afirmativa, mas o homem começou a reclamar novamente.

— Por que eu deveria? Acha que ligo para o que as pessoas pensam? Na verdade, acho que deveriam saber com o que lido quando estou com você.

Catherine olhou para Daniel e sorriu.

— Não estou pronta para partir ainda. Vamos comer sobremesa.

Ele assentiu.

Apenas diga quando.

— Fico deprimido o tempo todo ao seu lado. Quero alguém mais feliz. Você vive reclamando de tudo.

— Isso não é verdade — retrucou a mulher.

— Você não se importa comigo. E nunca me ouve, Nicole.

Posso ver por quê, Catherine escreveu. *Homem típico,* escreveu Daniel. *Peço desculpas por toda a espécie masculina.* Os olhos de Nicole brilharam com lágrimas.

— Não me importo com você? Lembra quando eu lhe disse para não comer aqueles corações de alcachofra enlatada? Salvei a sua vida.

— Eu não teria comido. Não sou estúpido.

— Acho que você deve pedir a sobremesa — sugeriu Catherine, sorrindo graciosamente para Daniel.

— Ouvi dizer que o tiramisu é maravilhoso.

— Você está me tentando — murmurou ela, mas não estava mais falando da sobremesa.

Aparentemente ele entendeu isso, porque o maxilar forte se contraiu, e ela sentiu uma umidade entre as pernas em resposta enquanto Nicole continuava discutindo:

— Você não está ouvindo uma palavra do que estou dizendo, Jack. Sou um estorvo na sua vida, não sou? Não importa quantas vezes eu o salvo. Da próxima vez, inspecione sua própria comida para ver se eu não o envenenei.

Os olhos do homem se estreitaram perigosamente.

— Agora está sendo malvada, Nicole. Ache um tolo que se sinta feliz ao seu lado.

Nicole retrucou, o tom de voz aumentando.

Ela deveria deixá-lo, escreveu Catherine.

Ela o ama, respondeu Daniel.

— Você vai fazer uma cena, não vai? — Jack olhou ao redor, percebendo que estavam chamando a atenção de todos na cantina. — Ela me deixa louco, juro.

— Jack, eu amo você. — Nicole começou a se levantar, mas Jack estava decidido.

— Tarde demais, Nicole. Pague seu próprio jantar. Perdi a fome. — Então ele se levantou e partiu. Nicole imediatamente começou a chorar.

Catherine fez uma careta para Daniel. Deveria ajudar? Mas o garçom se aproximou e deu uma taça de vinho à mulher.

Não que vinho pudesse amparar um coração partido.

Nicole pegou um guardanapo e enxugou os olhos. Então bebeu o vinho, as lágrimas escorrendo pelas faces.

Penalizada, Catherine pegou a caneta, mas então começou a desenhar. Finalmente, tinha um esboço de Jack, deitado no chão, uma lata aberta de corações de alcachofra descansando no piso de madeira.

— Posso ver? — perguntou Daniel.

— Está horrível?

— Acho que você deveria dar para ela — murmurou ele, e Catherine viu que estava sendo sincero. Aliás, Daniel nunca dizia nada que não estivesse sentindo, o que era maravilhoso.

— Não posso dar a ela. — Catherine não gostava de compartilhar sua arte. Aquilo a deixava nervosa, exposta, mas então, comparados aos sentimentos de Nicole, aqueles não pareciam tão ruins.

Daniel a olhou, a expressão encorajadora.

— Sim, você pode. Acho que ela vai guardar como um tesouro, para sempre. E assine. Será valioso um dia.

— Você acha?

Ele assentiu e Catherine enrubesceu.

— Você é bom para mim — disse ela, porque ele lhe dava coragem, a fazia acreditar em si.

Os olhos dele esfriaram.

— Eu gostaria de ser bom para você. — Então gesticulou para o desenho. — Dê a ela.

De maneira obediente, Catherine pegou o guardanapo e passou para a outra mesa.

Nicole olhou, então riu. Não era uma risada saudável, porém quase histérica, e Catherine olhou alarmada para Daniel.

— Confie em mim — sussurrou ele. — Isso é completamente normal.

Depois que Nicole recuperou a postura, conseguiu sorrir.

— Obrigada. Desculpe por interromper o jantar de vocês.

Catherine sorriu.

— Não se preocupe.

Daniel pagou a conta e Catherine notou que ele pegou a comanda de Jack e Nicole também. Foi tudo feito discretamente e ela sentiu-se comovida com tal atitude.

— Pronta? — perguntou ele.

Ele não tinha idéia de como ela estava pronta.

Do lado de fora das portas pesadas do restaurante o saguão não era tão aconchegante. Altos pilares de pedras estavam por toda parte, ecoando cada palavra, cada passo, cada batida do coração dela.

— Obrigada pelo jantar — murmurou Catherine. Não sabia se o beijava, se lhe oferecia a mão ou se simplesmente partia. Enquanto ponderava, Daniel pegou sua mão.

— Obrigado pela companhia — respondeu ele, o polegar pressionando intermitentemente contra a palma dela. Era um gesto quase nervoso, não consciente, e ela sorriu.

— O que foi? — Ele quis saber.

— Nada — replicou ela um segundo antes que ele a beijasse, a boca quente e sedenta. Puxou-a para mais perto, até que Catherine não pudesse respirar. Não queria respirar, estava se deleitando no beijo sedutor.

Daniel acariciou-lhe os quadris, a cintura, as costas. Cada parte que ele tocava parecia se derreter ao contato.

Catherine podia sentir um dos pilares de pedra que havia na área externa da cantina nas próprias costas. Em segundos, Daniel os posicionou atrás do pilar, fora do alcance da luz, onde não importava se ele era bom para ela ou não. Aquilo era bom.

Ela circulou-lhe o pescoço e se rendeu. Adorava tocá-lo e beijá-lo, e logo, aquilo não era o bastante. Ele pressionou os quadris contra os dela, fazendo-a sentir a masculinidade dele entre as pernas, até Catherine morrer de vontade de gemer. Com ousadia, Daniel deslizou as mãos para baixo do vestido, segurando-lhe o traseiro, pressionando-a mais junto a si e deixando o corpo dela em chamas.

As mãos fortes se moveram entre as pernas dela então, e ele tocou o ponto úmido. Desta vez, ela não pôde conter um gemido.

Daniel sussurrava contra o pescoço de Catherine coisas que ela entendia muito bem, a pressão insistente enlouquecendo-a. Ele continuou tocando-a no ponto mais sensível, e era como fazer sexo de roupas, mas ela não se importava. Tudo que queria era atingir o clímax. Desesperadamente.

A outra mão de Daniel ergueu a parte traseira do vestido, fazendo-a sentir a pedra fria contra a pele nua. Os músculos dele estavam tensos, enquanto continuava provocando-a, cada vez mais rápido, e ela estava perto. Muito, muito perto.

Mas no exato momento que estava prestes a explodir, quando ele estava pronto para penetrá-la, eles ouviram vozes no saguão e um choque violento a percorreu. Não, precisava atingir o clímax. Esforçou-se para respirar, as vozes aumentando de volume. Sentiu Daniel continuar pressionando o ponto de prazer entre as pernas e beijando-a.

— Chegue lá— ordenou ele contra os lábios dela, e Catherine obedeceu, tremendo quando o clímax fabuloso aconteceu.

As vozes continuaram a reclamar sobre o clima quente e outras banalidades. Catherine respirou profundamente e tentou levar oxigênio para os pulmões.

Daniel ajeitou as roupas de ambos. Então pressionou a testa contra a dela. Finalmente, as vozes desapareceram, e eles estavam sozinhos. Ele se afastou um pouco.

— Não posso fazer isso — sussurrou ela, o coração disparado no peito.

— Eu não devia ter feito isso.

Ela fitou os olhos acinzentados.

— O que você quer? — ousou perguntar. Às vezes fazia coisas que não queria fazer também.

— Eu quero você.

Palavras tão simples e tão difíceis. Se não o questionasse mais poderia interpretar aquilo da maneira que quisesse, mas não era estúpida.

— Você quer um caso? Sem comprometimento emocional, sem elos?

Daniel passou uma das mãos pelos cabelos e suspirou. A semi-escuridão do local não disfarçava a batalha dentro dele. Olhou-a então, parecendo ter resolvido o conflito.

— Isso é tudo que posso oferecer.

Não era a resposta que ela queria.

— Eu não sou assim.

— Eu sei — murmurou ele e, quando a expressão se suavizou, Catherine ergueu uma das mãos.

— Vá embora. Antes que eu mude de idéia.

O telefone estava tocando quando Daniel entrou no apartamento. Ele atendeu, querendo ouvir a voz de Catherine.

— Sei que é tarde, mas pensei que você pudesse estar acordado.

Claudia. Frustrado, ele sentou-se no sofá, o corpo ainda dolorido.

— Sempre tenho tempo para você.

— Graças a Deus Michelle se casou com você — disse a sogra.

Daniel mudou de assunto:

— Você está bem? Precisa de alguma coisa? De alguns reparos na casa? — Claudia morava numa casa velha em Long Island, a casa na qual Michelle tinha crescido, e a casa que Daniel reformara porque aquela era a família dele também. Ele e Michelle haviam trabalhado juntos por três anos, namorado por um ano e ficado casado por cinco meses, mas Claudia seria a família dele para sempre.

— Não. Eu estava conversando com Stella Mancini hoje e ela acha que devo me mudar de Nova York, mas não quero me mudar.

— Não se mude então.

— Talvez ela tenha razão. Talvez eu devesse procurar um apartamento na Flórida e sair da cidade. Stella diz que há muitas memórias tristes aqui para mim, e que enquanto viver na sombra da morte de Michelle nunca voltarei ao normal. Mas o que é normal? Diga-me, Daniel. Você enterrou uma esposa, eu enterrei uma filha. Algum dia vamos voltar ao normal?

— Não — replicou ele. Havia o céu, o inferno e o purgatório, o lugar intermediário onde nada mudava, e tudo era confortavelmente amortecido. No momento, ao purgatório era o mais perto que se podia chegar.

— Você acha que Stella está certa? Preciso me mudar?

— O que você disse a ela? — Daniel não queria que Claudia se mudasse. Ela era um elo para Michelle e eles precisavam um do outro. Claudia não tinha ninguém, exceto a ele. Michelle fora filha única.

— Eu disse a Stella que falaria com um corretor de Imóveis. Fiz isso. Sabe quanto posso conseguir por esta casa agora?

— Você vai vender a casa? — perguntou ele, o coração disparando.

— Acha que eu não deveria?

— Essa é uma decisão sua, Claudia. — Mas ele não gostava da idéia.

— Algum dia, vai se mudar de seu apartamento, Daniel?

— Não. — Aquele era o lar dele. O lar deles.

— Não sei o que fazer.

— Faça o que precisa fazer.

— Não acho que Michelle iria querer que eu deixasse Long Island. Este era o lar dela, também. Eu estava vendo fotografias ontem e não achei as fotos da formatura de Michelle.

Daniel lembrava-se daquelas fotos. Beca, chapéu, um sorriso feliz.

— Acho que estão comigo. Guardamos muita coisa no depósito, mas não toquei em nada.

— Pode pegá-las para mim?

Depósito. Ele não queria ir ao depósito. Era empoeirado, frio e intocado.

— Certo — concordou Daniel, e ela percebeu a incerteza na voz dele.

— Não precisa fazer isso se não quiser.

— Não, sem problemas. Deve ter muitas fotos lá, Claudia. Quer que eu pegue todas para você?

— Sim. Caso eu me mude, gostaria de levá-las comigo.

— Vou procurar — prometeu ele, sentindo o suor escorrer pela nuca. — No próximo sábado está bom?

— Perfeito. Você não acha que devo me mudar, acha? — perguntou ela novamente.

— Não posso tomar esta decisão por você, Claudia, — Mas sempre estaria lá quando ela precisasse.

— Eu queria... Continuo pensando que eu deveria ter netos. Tenho lembrancinhas do nascimento de um bebê sem um nome. Precisa de um nome... — Ela parou de falar e Daniel fechou os olhos. As pessoas esperavam que fosse forte.

— Vou parar de falar e deixá-lo ir para a cama. Você é um bom filho, Daniel. O melhor.

Ele desligou e olhou para a parede onde estavam as fotos de Michelle. Do casamento deles, da lua-de-mel nas cataratas do Niágara. Eles só tinham ficado casados por cinco meses. Daniel presumira que teriam todo o tempo do mundo.

Com um suspiro, foi para o quarto, recolocando cuidadosamente a aliança no dedo. E, quando acordou, procurou por uma mulher que não estava lá.

CAPÍTULO NOVE

A aliança de casamento estava de volta no lugar.

Na manhã seguinte, Catherine viu Daniel no elevador. Olhou para o tapete vermelho, os olhos se desviando uma única vez. Para as mãos dele.

Sentiu um frio na espinha. Todavia, sobreviveu ao primeiro dia.

No segundo dia, na quarta-feira, viu-o novamente. Desta vez, no quarto andar. Catherine tinha ido lá para consultar um especialista em Renascimento sobre uma escultura que seria leiloadada no fim de semana. As salas de avaliação eram espaços abertos, repletas de mesas, caixas fechadas e objetos espalhados ao redor.

Yuri estava conversando com um estagiário, então ela esperou. Enquanto manuseava um catálogo na mesa de Yuri, Daniel entrou e começou a falar com Eamon, um dos avaliadores de jóias. Catherine estava curiosa, mas não podia ouvir a conversa daquela distância.

Após alguns minutos, Daniel parou atrás dela.

— Você pode perguntar se quer saber.

— Não é da minha conta — replicou Catherine, os olhos fixos no catálogo.

Ele colocou o anel sobre a mesa.

— Meu irmão achou isso no nosso bar. Eu lhe disse que tentaria encontrar o dono.

Era um anel de noivado.

— Oh — respondeu ela casualmente, pegando a jóia, o metal ainda quente devido ao toque dele. — Parece uma peça de Oliver Cummings. Platina. O que Eamon disse?

Ele sorriu.

— Oliver Cummings.

— Você deve procurá-los. A loja fica na Park com a rua 57. Está lá desde sempre.

— Vem comigo? — perguntou ele.

Catherine meneou a cabeça.

— Tenho trabalho a fazer.

— Catherine — disse ele, e somente então ela virou-se. — Eu poderia precisar de sua ajuda. Estou tentando fazer a coisa certa e achar o dono.

Por que aquilo não podia ser mais fácil? Por que não podia se esquecer da sensação da pele dele contra a dela, dos beijos maravilhosos? Por que o coração de Catherine disparava toda vez que ele estava por perto?



— Vamos no fim da tarde — disse ela, a voz firme. — Você quer fazer a coisa certa, vou ajudar. Mas isso é tudo.

— Eu sei.

Ela sentiu os olhos dele seguindo-a quando partiu, mas Daniel não disse mais nada.

Daniel a esperou do lado de fora do edifício Montefiore, olhando para o céu acinzentado do fim de verão. Tirou o paletó, a aliança, e esperou.

Ela se movia graciosamente, os cabelos soltos e uma saia que lhe cobria muito as pernas. Como sempre, a excitação veio, mas Daniel estava preparado e a reprimiu. Controle era a chave. Então sorriu, não se importando se o tempo estava úmido, se setembro chegaria em sete dias, se o mundo estava de cabeça para baixo. Catherine estava lá.

— Preciso voltar logo — disse ela, matando qualquer expectativa que ele tivesse de estender o programa.

Ela parecia tensa e a conversa foi limitada durante o trajeto de táxi.

— Como está indo a auditoria? — perguntou Catherine.

— Bem — mentiu Daniel. Nem todas as reconciliações financeiras do mundo iriam mudar os números. Ele havia investigado todos que tinham acesso ao controle da estrutura de comissão.

A equipe de vendas que estabelecia as comissões os vice-presidentes que podiam alterá-las, Catherine e Andréa Montefiore, que poderiam lucrar com as comissões... Todos os nomes estavam limpos. Apenas um permanecia. Charles Montefiore. E os e-mails entre Charles e Walter Chadwick, o diretor-executivo da Chadwick que mapeavam a estrutura de comissão, não ajudavam.

— Você está me dizendo a verdade? — perguntou ela.

— Não acho que devemos falar sobre isso — disse Daniel, pois não queria magoá-la.

Catherine não argumentou, mas olhou pela janela e ficou silenciosa.

A joalheria Cummings possuía um estilo antigo e discreto, mas a maioria das jóias ali era moderna. O anel no bolso de Daniel tinha um design muito antigo.

Catherine estendeu a mão e ele pôs o anel ali, os dedos roçando-lhe a palma.

— E definitivamente uma peça Cummings — afirmou ela. — Talvez eles possam encontrar o dono.

— Obrigado por ajudar. Sei que não é fácil.

— Não seja tolo — murmurou Catherine, mas não sorriu.

Um vendedor bem-vestido se aproximou.

— Comprando jóias? — perguntou com um sotaque britânico.

Catherine o corrigiu:

— Queremos falar com o sr. Cummings. Sobre um anel antigo. — Ela passou a peça para o homem. — Estamos tentando achar o dono.

O vendedor pegou uma lupa de trás do balcão e estudou a peça.

— Parece um trabalho de Oliver. Todavia, tem provavelmente cinqüenta anos. No mínimo.

— Você pode verificar?

O homem meneou a cabeça.

— Muitos arquivos foram queimados nos anos setenta.

— Talvez o sr. Cummings se lembre? — perguntou Daniel, que não estava disposto a desistir. Um anel era importante. Insubstituível.

— Oliver está na Europa no momento, mas voltará na próxima semana. Por que não voltam então?

— Claro — concordou Daniel, e notou Catherine olhando curiosamente para os anéis dos mostruários. Queria provocá-la, mas não parecia certo, então observou-a. O rosto dela era fascinante. Não sorria facilmente, observando o mundo com cuidado, o que ele entendia. Em geral, o mundo merecia ser observado com cuidado.

Após alguns minutos, ela se voltou para o vendedor.

— Nós voltaremos.

Do lado de fora da joalheria, Daniel estava pronto para chamar um táxi quando viu uma garotinha chorando na calçada. Tentou localizar a mãe, pai, babá ou alguém responsável pela criança.

Não havia ninguém.

Catherine não hesitou. Correu em direção à criança e se abaixou à sua frente.

— Você perdeu alguém?

A menina não respondeu.

— Devemos chamar a polícia — sugeriu Daniel, não se aproximando muito. As vezes assustava crianças. Elas gostavam de pessoas como Gabe e Sean, com rostos amigáveis e risadas fáceis. Daniel não era assim.

Park Avenue não era o melhor lugar em Nova York para se perder uma criança. Às 18h o perigo era ainda maior. As lojas estavam fechando e as pessoas indo para casa. Daniel pegou o celular e ligou para a polícia, explicando a situação.

Os policiais chegaram em minutos, mas a menininha ainda não estava falando. Catherine e os policiais tentavam lhe tirar alguma informação, sem sucesso.

Catherine olhou para Daniel, então.

— Tente falar com ela.

Daniel meneou a cabeça.

— Se ela não fala com vocês, não vai falar comigo.

Um dos policiais o olhou com expectativa e, de repente, todos os olhos estavam focados nele, condenando-o por ser um homem sem coração. Todos os olhos, inclusive os da garotinha.

Oh, certo. Eles queriam vê-lo fracassar?

Daniel abaixou-se e sorriu. A menina não pareceu assustada. Os cabelos eram castanhos e longos, melados com algo que parecia caramelos.

— Sua mãe a levou na loja de doces?

Ela meneou a cabeça lentamente.

— Isso em seus cabelos não é doce? — Tentou ele de novo.

Desta vez ela assentiu.

— Você veio de uma loja de doces?

Ela assentiu novamente.

— Com quem você foi à loja de doces?

A menina o estudou com olhos sofridos por um longo momento.

— Papai.

— Há uma loja de doces no próximo quarteirão. Podemos levá-la lá — sugeriu um dos policiais. — Talvez o pai esteja lá e não tenha notado que ela escapou.

Daniel olhou para a garotinha.

— Você quer voltar para seu pai? — perguntou, e ela assentiu. Ele se levantou e entregou a responsabilidade aos policiais. — Certo, acho que o mistério foi solucionado.

— Você deveria ir com ela — disse Catherine.

— Tenho certeza de que eles não vão querer um estranho interferindo — respondeu ele, esperando que os policiais concordassem.

— Se você não se importa — respondeu o primeiro policial, acabando com a teoria de Daniel. Eles não entendiam que ele não podia ajudar. Suor escorria-lhe pela nuca.

Catherine o olhou, claramente esperando que ele fizesse aquilo. E como poderia recusar?

— Tudo bem. Vamos.

E os cinco andaram pela Park até a colorida loja de doces.

Havia um homem alto parado na frente, olhando ao redor.

— Kaitlyn! — gritou ele assim que a avistou. A garotinha correu para os braços do pai.

Catherine olhou para Daniel.

— Quer tomar um drinque? — ofereceu, e ele sabia que aquilo seria um interrogatório, mas concordou.

No pequeno pub da esquina, ele pediu uma cerveja, levou um copo de vinho para ela e sentou-se à frente.

— O que foi aquilo? — perguntou Catherine imediatamente.

— O quê?

— Com a menininha.

— Não estou acostumado com crianças — replicou ele, tomando um gole da cerveja e desviando o olhar.

— Tudo bem — murmurou ela, e Daniel sabia que Catherine não insistiria no assunto, mesmo querendo saber,

— Michelle queria filhos. Queria uma menina porque gostava de roupas de menina e de cor-de-rosa. Tinha escolhido o nome, Anastasia. Um nome de princesa, porque para Michelle tudo era um conto de fadas. Eu lhe disse que nós deveríamos esperar um pouco. Estraguei isso também. Parece que tomei todas as decisões erradas.

— Sinto muito — disse Catherine. — Eu não deveria ter feito você ajudar.

— Não se desculpe. Você não fez nada de errado. E não merece tudo isso.

— Você teria dado um bom pai.

— Pensei assim um dia. Sempre pensei que meus sonhos fossem muito comuns...

Uma esposa, uma família. Quais são os seus sonhos?

— Eu queria ser artista — confessou Catherine. — Não sou boa o bastante para atender às expectativas de meu avô.

— Você é boa o bastante. Seu avô não sabe tudo sobre arte.

Ela sorriu.

— E você sabe?

— Sim.

Daniel encarou-a por um longo momento, vendo os sonhos dela refletidos ali, então Catherine consultou o relógio.

— Preciso voltar.

— É claro — disse ele, porque por um segundo tinha esquecido de tudo o mais. Aquela era a melhor e a pior coisa sobre Catherine. Ela o fazia esquecer.

Catherine passou o resto da semana catalogando arte da Renascença e tentando não pensar sobre a quarta-feira. Falar sobre sonhos era algo perigoso. Sonhos eram coisas instáveis, inconstantes. Um dia, quisera ser artista. No dia seguinte, queria estar apaixonada.

Arte era algo estático. Independentemente de quantas horas você estudasse pintura, isso não mudava, não te desapontava. Arte era algo seguro, motivo pelo qual até sexta-feira, ela havia desenvolvido o hábito de subir escadas, em vez de pegar o elevador, comer no escritório, chegar atrasada, e tinha conseguido evitar Daniel por um dia e meio. Queria ser artista. Não queria estar apaixonada por um homem que provavelmente nunca corresponderia seu amor.

Naquela tarde, estava tão satisfeita por ter conseguido evitá-lo que vestiu um short e camiseta e arriscou uma caminhada ao longo do Riverside com a mãe na hora do almoço. Com o clima quente, o parque estava repleto de pessoas caminhando, ciclistas, amantes e fotógrafos. A mãe andava muito depressa e Catherine teve de se esforçar para acompanhar o ritmo. Já estava suando e ofegante.

— Vamos, Catherine — incentivou Andréa.

Catherine parou, desistindo de fingir que era capaz.

Rindo, a mãe sentou-se num banco, seguida pela filha, cansada.

— A cor de sua face está fabulosa, querida. Vibrante, saudável, como sexo bom.

— Mãe! — exclamou ela, embaraçada.

Andréa sorriu.

— Oh, não seja tão pudica. Somos ambas adultas.

— Mas você ainda é minha mãe, e há certos tópicos que nunca vai ouvir de minha boca.

— Sexo é um deles?

— E a influência artística do estilo rococó. Nunca vamos concordar nisso. — Catherine adorava o estilo, enquanto Andréa detestava.

— Você é uma boa filha.

— Você é a melhor mãe que já tive. Como está indo a auditoria?

Andréa franziu o cenho.

— Nada bem.

— Você tem de fazer algo, encontrar alguma coisa — incentivou Catherine. Andréa Montefiore era uma força a ser reconhecida. Se houvesse uma solução, ela encontraria... Pelo menos no que dizia respeito aos móveis ingleses do período regencial.

— Tenho certeza de que tudo vai dar certo.

Catherine olhou para o rio, observando o movimento lento dos barcos. Tirou os cabelos do rosto e suspirou.

A mãe a olhou, notou a camiseta verde e desbotada da filha.

— Nós vamos às compras. Você precisa de alguma coisa mais... adequada.

— Está criticando minhas roupas de ginástica?

— Na verdade, estou criticando seu guarda-roupa inteiro. Vamos, querida. Vai ser divertido.

Divertido? Catherine duvidava disso.

— Não sei, mãe.

— Considere isso um presente adiantado de aniversário.

— Roupas? De presente de aniversário? Oh, não, mãe. Você não vai escapar disso tão facilmente. — Havia um único dia do ano que Catherine exigia atenção total. No aniversário dela.

— Seu aniversário está perto, não é? — disse Andréa sorrindo.

— Três de setembro. Caso tenha se esquecido.

— Como se eu pudesse. Trinta e seis horas em trabalho de parto não podem ser esquecidas. Certo, não de presente de aniversário, mas faça isso por mim. Amanhã cedo. E levaremos Sybil. Ela tem um gosto excelente para moda.

Catherine fez uma careta.

— Vou comprar uma bolsa nova para você — prometeu a mãe. — Hermes, Prada. Nomeie seu design.

— Suborno?

— Suborno de Chinatown — replicou Andréa.

Catherine sempre adorara Chinatown, principalmente porque a mãe a levava lá quando era criança... Para se divertir, para ver o mundo.

— Contra meu melhor julgamento, concordo.

Andréa sorriu.

— Excelente. Agora vamos acelerar o passo!

Catherine secou o suor dos olhos. Alegria.

Naquela tarde, após uma rápida parada no apartamento para tomar um banho e trocar de roupa, Catherine foi para a cobertura de Montefiore falar com o avô sobre a auditoria.

Ele havia adiado, se esquivado, debatido até não poder mais.

Charles estava sentado atrás da mesa, tomando chá.

— Como vai? — perguntou ele, servindo uma xícara e entregando-lhe.

— Bem — respondeu ela, tentando controlar o nervosismo.

— Você vai ao leilão e à recepção esta noite?

A recepção precedia o leilão de arte da Renascença Italiana. Este ano, Montefiore tinha um piso repleto de itens para vender, do século XI ao século XIV, a maior parte, pinturas em óleo, esculturas em bronze e mármore, e algumas tapeçarias. Gente muito rica que precisava ser mimada.

— Não tenho certeza — começou ela, mas viu a expressão nos olhos dele. — Sim, estarei lá.

— Ótimo. Preciso de você lá.

— Como vai a auditoria, vovô?

— Não como eu esperava. — Charles se levantou e fechou a porta.

— O que houve?

— O sistema diz que nossa estrutura de comissão é igual a de Chadwick.

Só fazia uma semana. Quanto Daniel podia descobrir em uma semana?

— Há um engano.

— Eu mesmo vi as declarações. Droga de computadores. Eu deveria ter aprendido a usá-los anos atrás quando sua mãe tentou me ensinar.

— Uma outra pessoa está fazendo isso — afirmou Catherine com lealdade.

— Acho que as declarações estão erradas.

Charles não "achava", ele sabia. Não havia espaço para incerteza. Um cliente podia sentir o cheiro de incerteza a quilômetros de distância, ele sempre lhe dissera isso.

— Eu quero ajudar — disse ela, o tom de voz seguro.

— É gentileza sua oferecer, mas não acho...

— Pare. Eu vou ajudar.

— Você não é boa com números.

— Conheço a estrutura de comissão. Posso não ser tão boa quanto Foster com o sistema de contabilidade, mas sei como funciona. E também há as velhas faturas...

— Aquelas no depósito?

— Sim. É preciso comparar os números com alguma coisa, certo?

— Tem certeza disso? — indagou ele, olhando-a com a mesma intensidade que fizera quando lhe contara que o Gainsborough era falso.

Ela assentiu.

— Vou checar as caixas amanhã. — Catherine fechou os olhos por um segundo. Sem espaço para incerteza. — O senhor quer que eu faça isso? Acha que eu sou capaz?

— Talvez.

Ela o encarou.

— Isso não é bom o bastante.

— Acho que você é capaz.

Catherine sorriu.

— E agora que penso nisso, nem preciso ir ao depósito. Há imagens digitais de todas as faturas. Posso usá-las. Ainda não sei o que está acontecendo, mas vamos descobrir.

— Você acha que é capaz?

Desta vez, ela o fitou diretamente nos olhos.

— Sim, sou capaz.

CAPÍTULO DEZ

Daniel não pretendia ir à recepção de arte da Renascença Italiana daquela noite, mas Charles Montefiore insistira. Queria que Daniel entendesse todos os aspectos do negócio, financeiros, sociais e artísticos. O homem mais velho tinha orgulho dos negócios que a família construía. Se não fosse pelos e-mails incriminadores entre os dois donos de casas de leilões, Daniel teria considerado tal orgulho merecido.

Entrar no hall de recepção da Montefiore foi como visitar um museu. Para todo lado que olhava havia um quadro, uma escultura. Uma camponesa com uma criança, coberta numa túnica vermelha. Um soldado montado num cavalo, resplandecente em

armadura prateada. Uma estátua de bronze de dois amantes abraçados que ia quase até o teto.

Garçons de terno preto andavam pelo piso de mármore. As grandes damas da sociedade estavam vestidas em grande estilo. Daniel olhou para o próprio terno, e decidiu que tinha de servir.

Após alguns minutos, a viu entrando no hall. Tinha se preparado para isso, mas, mesmo assim, o coração disparou. E a excitação surgiu imediatamente.

Ela estava maravilhosa. Com vestido clássico preto cujo decote expunha parte da pele que ele sonhava em tocar. Os cabelos estavam presos num bonito penteado.

A sensualidade inata de Catherine o fez perder o equilíbrio. Ela parecia esconder isso de todos, mas Daniel sabia. Provara de tal sensualidade.

Enquanto fantasiava com memórias sensuais, ela não olhou na direção dele, e ele sabia que era de propósito. Estava sendo inteligente e cuidadosa.

Ele não circulou ao redor, mas ficou parado em um canto, até que Charles Montefiore se aproximou.

— Está se divertindo?

— Não entendo muito de arte, mas está muito bonito.

— Pedirei que Catherine sente com você durante o leilão. Ela pode lhe explicar como as coisas funcionam.

— Catherine? — perguntou ele, porque deveria fingir que não sabia quem ela era.

— Minha neta. Ali — disse ele, então acenou para chamá-la. — Recentemente, ela começou a ter um interesse ativo na parte financeira do negócio.

Começou?

— Catherine, quero lhe apresentar Daniel O'Sullivan. Ele está fazendo a auditoria para nós.

Ela estendeu a mão. Daniel a segurou por um momento, então relutantemente liberou-a.

— Muito prazer.

— Catherine irá ajudá-lo com a auditoria.

Daniel a estudou, imaginando se o avô a teria colocado naquilo. Ela não trabalharia com ele por livre e espontânea vontade. *Trabalharia?*

Charles passou um braço ao redor da neta.

— Pode sentar-se com ele durante o leilão? Tudo isso é novo para Daniel.

Embora tensa, ela assentiu.

— É claro.

— Cuide bem dele — disse Charles Montefiore antes de partir e deixar Catherine com Daniel.

— Por que você decidiu trabalhar na auditoria?

Ela deu de ombros.

— Meu avô precisa de mim agora. Precisa que alguém lute por ele e o defenda. Pensei que mamãe fosse fazer isso, mas está muito concentrada na arte para se focar em outra coisa. Embora vovô não acredite muito em mim, posso fazer isso.

— Sim, você pode.

Ela o olhou, calma e composta.

— Você não está nervoso, está?

Aquela sofisticação fria era algo novo em Catherine. Ali, ela era profissional.

— Lidaremos com a situação — respondeu ele, o controle de volta.

— Vamos. Se nos sentarmos na parte superior, você pode me perguntar o que precisa saber.

Ele a seguiu para fora do hall, então para a escadaria acarpetada de vermelho, notando as pinturas na parede, tentando não olhar para Catherine, as curvas feitas para as mãos de um homem.

— Isto parece um teatro — comentou ele quando ela o conduziu para uma das fileiras, acomodando-se em um assento de veludo.

— Um leilão é teatro. A atmosfera faz parte do show.

— Os leilões são sempre formais?

— Os grandes, sim. Os pequenos são para negociantes locais e colecionadores. — Ela se inclinou para frente, o vestido se abrindo um pouco para expor o vale entre os seios. O sexo de Daniel pulsou instantaneamente. Deus, aquele vestido era muito sedutor.

— Os itens de um leilão vêm de diversos fornecedores?

— Geralmente. Mas este em particular é das peças de Drexels. Vovô tem cobiçado os itens de Drexels por anos. Assim como Chadwick e Smithwick-White.

Duas mulheres desceram o corredor, sentando-se ao lado de Catherine, e ele a viu ficar tensa. Uma delas não esperou ser apresentada.

— Olá. Sybil Aston. É um grande prazer conhecê-lo.

A outra garota acenou.

— Brittany.

Ele acenou de volta.

— Daniel.

Sybil sussurrou alguma coisa no ouvido de Catherine, e ela apertou a própria coxa. Ele não precisava olhar para as coxas dela. Estavam cobertas por um tecido preto opaco e, embora ele não pudesse ver nada, a memória dele sabia. O sexo pulsou novamente. Discretamente, Daniel uniu as mãos sobre o colo.

Felizmente, Charles Montefiore apareceu no púlpito. Apresentou o leiloeiro da noite e o primeiro item foi exibido. Uma escultura de um casal apaixonado se abraçando. A excitação de Daniel aumentou. Aquilo não era justo.

— O sistema de contabilidade mostra todas as transações combinando às de Chadwick — disse ele, a fim de recuperar o foco.

— O sistema está errado — replicou ela friamente.

— Você acha que alguém inseriu dados errados? — perguntou Daniel, sentindo o perfume dela e, mais uma vez, pensando em sexo.

— Olhe as faturas e veja você mesmo. — Catherine cruzou as pernas e uniu as mãos na frente do corpo.

A linguagem corporal indicava que não havia sexo na mente dela.

— Foster diz que as únicas faturas que restam estão em cópias digitais.

— Ele está errado. As originais estão no depósito.

— Você pode me mostrar as originais? — sussurrou ele com a voz tão rouca que sentiu despertar sexo na mente dela quando Catherine fechou os olhos por um instante e movimentou-se irrequieta.

— Vou falar com Foster. As caixas estão em arquivos do outro lado do rio. Ele pode apanhá-las.

— Não precisa falar com Foster. Você me mostra — sussurrou ele, os lábios tocando-lhe a orelha de leve.

— Não vou fazer isso.

— Por que não? — Daniel curvou a mão no braço da cadeira porque queria desesperadamente tocá-la, e aquele não era o momento certo.

— Isso é algo profissional ou pessoal para você?

Ele a fitou.

— Ambos. Confio em você. A maioria das pessoas mente para um auditor. Você aprende a escolher com quem trabalha. — Aquilo era verdade. Confiava em Catherine mais do que confiava em alguém há muito tempo, e sabia que não mentiria para ele.

Ela lhe encontrou os olhos sem piscar.

— Nós vamos pegar as faturas.

— Obrigado.

— Não mudei de idéia sobre você — murmurou ela ao ouvido dele, e Daniel fechou os olhos, lutando para controlar o desejo intenso.

— Certo, essa decisão é sua. Podemos começar na segunda-feira.

— Você pode trabalhar amanhã à tarde?

Sim, ele podia. Podia trabalhar naquela noite, naquele exato momento.

— Ansiosa?

— Quero limpar o nome de meu avô — disse Catherine, e ele não pôde ver dúvida nos olhos dela. Esperava que o nome Charles Montefiore pudesse ser limpo, mas não estava tão certo disso.

Ele tocou-lhe a mão.

— Eu sei.

Depois que o leilão acabou e Daniel partiu, Catherine recusou um convite para acompanhar Sybil e Brittany a um bar no fim da rua, alegando que tinha trabalho a fazer.

Sybil meneou a cabeça.

— Não sei o que está acontecendo com você ultimamente, Catherine. Está ficando chata. Se eu não soubesse de seu hobby de desenhar homens nus, estaria preocupada. *Continua* desenhando, não? Por favor, diga que não desistiu de seu único vício.

Ela riu.

— Não desisti.

Catherine andou o único quarteirão até o apartamento. Precisava de ar fresco, precisava se livrar dos efeitos que Daniel lhe causara.

Ele nunca tinha flertado antes e, naquela noite, obviamente flertara. Tocando-a, sussurrando-lhe no ouvido, devorando-a com aqueles olhos sedentos.

Isso não estava certo. Ela havia decidido que não ia ter um caso passageiro com ele, e Daniel não estava respeitando tal decisão.

E para lembrar-se do quanto ele fora cruel, passou a noite em casa desenhando-o nu. Não ajudou. Finalmente, foi para a cama, tocando-se embaixo dos lençóis, fingindo que era ele. Isso ajudou, mas não o bastante.

Depois do leilão, Daniel foi para casa e tomou um banho quente e longo. Normalmente, optaria por um banho frio, mas necessitava do calor. Ficou debaixo do jato,

olhos fechados, ainda sentindo o perfume de Catherine. A água queimava sobre o peito, e podia senti-la acariciando-o. Colocou uma das mãos contra o azulejo, grato pelo vapor que escondia tantas fraquezas. A boca sensual de Catherine roçava-lhe o pescoço, e ele gemeu, baixo e alto, porque ali estava escondido de todos.

As mãos dela eram como veludo contra a pele, e ele podia sentir o sangue pulsando no corpo. Sentimentos. Tantos sentimentos, tantas sensações o percorriam. Era quase como se Catherine estivesse lá, a água caindo sobre os seios ricos, sobre os quadris arredondados.

Ele queria...

Daniel abriu os olhos, água quente banhando-lhe o rosto. Independentemente de quanto tentasse, ainda estava sozinho, tocando-se numa imitação degradante de contato humano.

Quando atingiu o orgasmo, o grito foi longo e angustiado.

CAPÍTULO ONZE

Na manhã seguinte, Daniel acordou, estendeu o braço para tocá-la e imediatamente se lembrou da promessa. Enterrou as mãos firmemente embaixo do travesseiro.

Após se vestir, foi para o depósito no Queens, onde as fotografias de Michelle estavam. Fazia quase nove anos desde que estivera lá com Michelle pela última vez. A esposa adorava o Natal e possuía muitas caixas de enfeites que não caberiam num apartamento de um dormitório.

Daniel abriu a porta do depósito, sentindo a poeira no ar.

As caixas estavam exatamente onde eles a haviam deixado, entre os móveis extras. Ele viu uma caixa com a árvore de Natal, três caixas de enfeites, uma outra de papéis de presente e a fantasia de Halloween de Michelle. Pegou as caixas necessárias, carregou-as na caminhonete de Cain que pegara emprestada e dirigiu de volta para Manhattan.

Daniel passou as duas horas seguintes separando fotografias em duas pilhas organizadas. Uma para Claudia, outra para si. A pilha de Claudia estava cada vez maior, até que ele percebeu o que estava fazendo. Então, cuidadosamente, pegou algumas da pilha maior e colocou na dele. Fotos de Michelle na noite de Ano Novo, do dia que tentara

servir drinques no bar. Fotos nas quais ela o olhava como se ele fosse o único homem do mundo.

Finalmente, as duas pilhas ficaram iguais e tudo voltou ao equilíbrio.

Catherine passou a manhã fazendo compras com a mãe e Sybil.

Andrea Montefiore, quando encorajada, podia comprar como uma mulher possuída. Sybil não era muito diferente. Elas empilharam os braços de Catherine com sacolas de suéteres, saias, calças e sapatos.

Finalmente, Andrea estudou a filha.

— Acho que é isso.

— Obrigada. Meus braços aumentaram um quilômetro.

Sybil riu.

— Estou ficando com fome.

— Chinatown — declarou Catherine com firmeza. Então consultou o relógio. Deveria encontrar Daniel às 14h, mas provavelmente daria tempo de sobra.

— Chinatown? — Sybil fez uma careta de desgosto.

Andrea deu de ombros, olhou para Sybil.

— Eu prometi.

Catherine assentiu.

— Sim, e estou contando com isso.

Elas comeram um lanche rápido, depois foram às lojas coloridas de Chinatown.

A dona da primeira loja as levou para os fundos, onde ficavam os artigos bons... Bolsas Prada, Hermès e Gucci falsas.

Sybil reclamou.

— Não vamos demorar — disse Andrea, pegando um cigarro da bolsa e colocando-o entre os lábios.

— É proibido fumar aqui — murmurou a dona.

— Sem problemas — disse Catherine, defendendo a mãe. — Ela não fuma realmente. Nervos — sussurrou como se aquilo explicasse tudo. Então passou a mão pela imitação de couro, estudou os compartimentos internos e externos das bolsas. Quando se cresce numa casa de leilão, falsificação torna-se um dos sete pecados capitais.

Estava se decidindo entre a Gucci falsa e a Chanel falsa quando o grito veio. A mulher mais velha correu para fora da loja, batendo o portão de metal e deixando Catherine, Andréa e Sybil trancadas lá.

— O que... — começou Sybil.

— Acho que é por causa da polícia — disse Catherine, agindo calmamente, porque sabia como aquilo funcionava. Os portões eram fechados até que os policiais desaparecessem, então se abriam de novo, e toda a loucura de compra e venda recomeçava.

Os olhos de Sybil estavam arregalados de pavor.

— Nós vamos ser presas.

— Oh, por favor — murmurou Catherine com confiança. — Estamos seguras enquanto os portões estiverem fechados. Aproximadamente dez minutos.

Vinte minutos se passaram e não havia sinal da dona da loja. O charme de ficar presa numa pequena loja nos últimos dias de agosto estava evaporando.

Andréa se abanava, a maquiagem perfeita começando a se derreter.

— Acho que vou desmaiar.

Enquanto a mãe se derretia, Catherine ponderava os benefícios da bolsa Prada contra a Chanel, ambas falsas.

— Só vai levar mais alguns minutos.

— Talvez não seja a polícia. Acho que devemos chamá-los — sugeriu Sybil. — Ou chamar alguém.

— Chamar a polícia é má idéia — falou Catherine. — Aposto que daria uma boa manchete de jornal: "Membros da Montefiore pegos com mercadoria falsa. Novamente."

Sybil fez uma careta.

— Você é a única que está querendo mercadoria falsa.

— Eu não estou. — Catherine largou as bolsas. Sybil provavelmente tinha razão. — Podemos ligar para vovô. Ele viria nos tirar daqui. — Ela olhou para a mãe.

— Você quer explicar isso para seu avô?

— Não — replicou Catherine. Olhou para Sybil. — E quanto à sua família?

Sybil arqueou as sobrancelhas.

— Ninguém pode saber que estive aqui. Jamais. Vocês têm de me jurar isso.

Mais meia hora se passou e Catherine começou a ficar preocupada. Deveria encontrar Daniel em uma hora e, se a mulher não aparecesse logo, chegaria atrasada.

Poderia ligar para ele em Montefiore, mas não queria que Sybil ouvisse a conversa e bisbilhotasse. Decidiu esperar.

— Você acha que a dona vai voltar logo? — perguntou Sybil, que também já estava suando, os cabelos levemente úmidos. — Sinto que minha pressão está caindo.

Catherine olhou para o relógio. Duas horas em ponto, listavam lá há uma hora e meia. Teria de ligar para Daniel. Pelo menos para dar alguma satisfação.

Pegou o celular.

— Marquei um encontro com o auditor esta tarde. Agora, na verdade. Vou ligar e avisar que me atrasarei.

Ela discou e pediu para falar com Daniel O'Sullivan, tentando não enrubescer com a observação atenciosa de Sybil.

— Ele é lindo — sussurrou Sybil para Andréa no momento em que Daniel atendeu.

— O'Sullivan.

— Ahn, aqui é Catherine Montefiore.

— Sim, eu sei.

— Tive um contratempo...

— Perdeu a coragem?

— Não! — exclamou ela com veemência. — Estou presa.

— No trânsito?

— Hã-hã.

— Eu posso esperar.

— Não há necessidade disso. Pode demorar um tempo...

— Onde você está? — perguntou ele, percebendo o nervosismo na voz dela.

— Chinatown. Houve um pequeno problema.

— Você precisa de ajuda?

Sybil, obviamente ouvindo a conversa, assentiu com um gesto de cabeça veemente.

Catherine meneou a cabeça para a amiga.

— Não, não há necessidade. De verdade — acrescentou com ênfase desnecessária.

— Catherine, o que está acontecendo? Você está machucada? Eu posso ir aí.

— Todos estão bem.

— Todos, exceto sua mãe, que vai desmaiar a qual quer momento — acrescentou Sybil.

— Quem é esta?

— Sybil Aston. Você a conheceu ontem no leilão. Podemos marcar em outra hora mais conveniente — murmurou Catherine em tom profissional.

— É claro... Presumindo que você queira marcar uma outra hora — disse ele sedosamente, e ela mordiscou o lábio. Agora Daniel queria flertar? Por que agora?

— A auditoria é muito importante para mim e para a companhia.

Ele ficou silencioso por um momento.

— Eu sei. — Então lhe deu o número do celular. — Tem certeza de que não posso ajudar?

— Absoluta.

Depois disso, ela deu um suspiro de alívio. Missão cumprida, e Sybil não tinha percebido nada.

— Você gosta dele? — indagou Andréa.

Despreparada para a pergunta, Catherine agarrou a bolsa Chanel contra o peito como um escudo e olhou para a mãe.

— Ele é uma boa pessoa. Muito profissional. Bem-educado. — *E tem um corpo que nem mesmo Michelangelo poderia ter esculpido.*

Sybil afastou os cabelos úmidos do rosto.

— Eu dormiria com ele.

Catherine ficou boquiaberta. *Chocada.*

— Faria isso sem se importar como ele se sente em relação a você?

A amiga sorriu.

— Claro.

Catherine olhou para a mãe.

— O que acha disso?

Andréa Montefiore tirou o cigarro dos lábios.

— Eu dormiria com ele também.

Oh, meu Deus.

— Mãe!

— Desculpe, Catherine, mas está muito quente aqui e acho que podemos ser honestas.

— Mas ele é... — *Fiel à memória da esposa e obsessivamente teimoso...* — Gentil.

— Estamos falando de sexo aqui — apontou Sybil. — O que gentileza tem a ver com tudo isso? É tão errado ter uma experiência sexual maravilhosa sem estar envolvida emocionalmente?

— Eu acho que sim — respondeu Catherine com fraqueza. — As pessoas se magoam dessa maneira.

— Catherine, Catherine — começou a mãe, meneando a cabeça, e Catherine sabia que ela ia falar sobre sexo.

— Não quero ouvir isso. Nem uma palavra!

— Cresça, Catherine — murmurou Andréa.

Antes que Catherine pudesse responder, a conversa foi interrompida por duas batidas no metal, então, abençoadamente, o portão foi aberto e a dona da loja apareceu.

— Finalmente! — exclamou Sybil, levantando-se e tirando o pó do vestido.

A mulher mais velha olhou para Catherine.

— Vai levar a Chanel?

Catherine olhou para a bolsa, voltou-se para a mulher e sorriu.

— Mãe, você me deve uma bolsa. Pague.

Daniel manuseou uma pilha papéis, mas não importava como organizasse as pilhas. O resultado era o mesmo. Três meses de faturas indicavam exatamente a mesma coisa que o sistema de contabilidade tinha indicado, e, a menos que uma prova contrária surgisse, Montefiore e Chadwick seriam presos por conspiração.

Aquilo iria arrasar Catherine, e ele sabia disso.

Com um suspiro, arrumou a mesa, guardou alguns papéis de volta na pasta, e se levantou. Em uma hora deveria trabalhar no Prime. O dia não poderia ficar pior.

Nas noites de sábado, o bar era irritantemente lotado. Cain estava atendendo no balcão lateral, e Sean, no bar principal, que ficava nos fundos. A primeira coisa que Daniel viu quando entrou foi que a lona ainda cobria boa parte da parede de trás. Não era um bom sinal. Sean estava servindo chopes enquanto jogava charme para diversas mulheres.

— Pensei que você fosse resolver o problema da autorização, para que Gabe pudesse consertar a parede — Daniel gritou acima da multidão.

— Ainda somos oficialmente um prédio histórico — replicou Sean.

— Estarei lá embaixo — avisou Daniel, querendo escapar do trabalho atrás do bar.

Desceu os degraus de dois em dois e encontrou Gabe saindo do escritório do sótão.

— Tudo bem? Como vai o trabalho?

Daniel franziu o cenho, tentando entender por que Gabe estava preocupado com o trabalho dele.

— Por quê?

— Você anda ocupado.

— É uma auditoria — replicou ele, desconfortável com a maneira com a qual Gabe o olhava. — Sean diz que ainda somos um prédio histórico.

— Sim. Mas tudo vai dar certo. Vou subir, antes que Sean decida ir embora.

— Ele vai sair mais cedo hoje? — indagou Daniel. Não queria fechar o bar. Não queria ficar num buraco escuro olhando para um computador até às 4h da manhã.

— Não entre em pânico. Preciso que você cubra o bar dos fundos depois que Cain partir, mas isso é somente das 23h à 01h. Pode agüentar duas horas, certo? — perguntou Gabe, fazendo Daniel se sentir um carrasco novamente.

— Claro. Vou fazer a folha de pagamento, depois subo.

Estava trabalhando no computador quando o celular tocou.

— O'Sullivan.

— Daniel?

Era Catherine.

— O que você está fazendo? — perguntou ela.

— Nada.

— Mudei de idéia. Quero ver você.

— Quando? — Ele ficou instantaneamente alerta. — Agora? — A voz dela não passava de um sussurro.

— Algum problema?

— Não. Nenhum problema... Oh... — acrescentou ele, lembrando-se de onde estava, do que deveria estar fazendo.

— Há um problema. Esqueça — disse ela, e Daniel detestou desapontá-la.

— Não. Espere. Não é um problema. Juro.

— Se você tem planos...

— Nenhum plano. Estou sentado aqui, sem fazer nada. Vendo tevê. Sério.

Gabe entenderia, ou entenderia se Daniel lhe contasse a verdade, o que não tinha intenção de fazer, porque eles não compreenderiam sobre Catherine. Pensariam... Bem, não sabia o que pensariam, mas não estava pronto para compartilhar sentimentos que nem ele entendia ainda.

Catherine precisava dele. Era tudo que importava agora.

— Você vem para cá?

— Sim, dê-me o endereço.

Após desligar, Daniel olhou para a tela do computador e se sentiu confuso diante dos números. Tirou a aliança do dedo e guardou-a no bolso. Estava ficando cada vez mais fácil tirá-la, e não queria pensar no que aquilo significava, não queria pensar nos sentimentos que um dia tivera... ainda tinha... pela esposa.

Catherine precisava dele. Iria tomar um banho antes. Talvez passar colônia. Não, colônia era demais. Então subiu os degraus apressadamente e viu Gabe trabalhando com Sean. Tessa estava sentada ao bar, brincando com os dois.

— Preciso ir — anunciou ele.

Os dois irmãos o olharam.

— Agora? — perguntou Gabe. Daniel olhou ao redor do bar cheio.

— Sim.

— Por quê? — A expressão de Sean era desconfiada. Desta vez, Daniel teria de dar uma resposta.

— Trabalho.

Gabe o fitou com ceticismo.

— É sábado à noite. Que tipo de crise pode ocorrer na área contábil num sábado à noite?

— Crises ruins, muito ruins.

Gabe suspirou.

— Vá. Tessa pode cobrir o seu lugar.

— Você vai ficar me devendo favores significantes por esta — murmurou ela para o namorado.

Gabe riu e eles trocaram um olhar.

— E você vai adorar cada minuto deles.

Por um segundo, Daniel ficou parado, incapaz de se mover, observando os dois, tão juntos, tão unidos. E pensou que estava cansado de ser sozinho.

CAPÍTULO DOZE

Levou uma hora, 27 minutos e 33 segundos para o interfone tocar, e durante aquele tempo Catherine não fez nada, exceto olhar para a porta, o coração batendo descompassado no peito.

Apertou o botão para que ele subisse e fechou os olhos, rezando para que aquilo fosse a coisa certa. Um momento depois, Daniel estava à porta, segurando uma pasta e usando um terno escuro. Talvez ela não tivesse sido clara, não especificando sobre o que mudara de idéia. Talvez ele achasse que aquilo se tratava de negócios. O olhar de Daniel a percorreu, descendo do vestido para as sandálias brancas nos pés dela.

— Entre — convidou ela.

— Você quer sair? — Ele ficou parado atrás da soleira, o maxilar obviamente tenso.

Catherine meneou a cabeça e observou o peito dele se expandir quando exalou o ar. Daniel entrou e fechou a porta. O que fazer agora? Ele era homem, mas ela era a anfitriã. Devia lhe oferecer um drinque? Tudo que tinha era suco de tomate e leite. Oh, Deus, não poderia oferecer isso.

— Eu... — Começou e não terminou. — Obrigada, Daniel.

Ele a abraçou, pressionou-a contra a porta e a estava beijando como se não houvesse o amanhã, o que pareceu um ótimo plano para Catherine. Não estava pronta para pensar no amanhã, então se entregou ao momento.

Daniel começou a acariciá-la com desespero, deslizando as mãos para baixo do vestido, levantando-lhe a saia e erguendo-lhe o corpo, até que ela entrelaçou as pernas ao redor dele, sentindo a masculinidade poderosa contra si.

Dias, fazia apenas dias, mas parecia que anos, séculos haviam passado. Como ela sentira falta daquilo.

— Catherine — sussurrou ele contra o pescoço dela, e, em resposta, ela se agarrou mais contra o corpo poderoso, fazendo-o gemer. — Eu trouxe preservativos. Espere.

Daniel a circulou com os braços e os quadris dela se moveram automaticamente, a fricção enlouquecendo-o de prazer. Estava tremendo. Sentia frio e calor ao mesmo tempo. Parecia que o coração ia explodir.

Catherine ouviu o barulho do zíper se abrindo, o deslizar do tecido da calça, e então...

Por um segundo, ele congelou. Ela parou também, a boca ainda entreaberta. Eles se entreolharam com intensidade.

Então Daniel estava no interior dela.

Ele começou a se mover, enquanto as mãos acariciavam outras partes do corpo dela. Catherine gemeu, ofegou, saboreou.

Ouviu as sandálias caírem no chão.

Eles estavam tão próximos que nada os separava. Nem o ar, nem a pele, e Daniel enterrou o rosto nos cabelos de Catherine, no pescoço. Estava suspirando, sussurrando, gemendo.

As investidas estavam mais rápidas, mais profundas. E ela queria ainda mais, e disse isso a ele.

Daniel produziu um som rouco, uma risada, mas sabendo o que ela queria, o que precisava, deu-lhe exatamente isso.

No momento em que o clímax a abalou com força total, as pernas de Catherine deslizaram pelas coxas dele e Daniel a segurou quando ela começou a cair. Pegou-a nos braços e carregou-a para a cama.

Ela começou a ajeitar o vestido no corpo, mas ele sentou-se ao seu lado.

— Não — murmurou e abriu o zíper do vestido, as mãos maravilhosamente carinhosas, e ela ainda estava tremendo. Ele a despiu, devagar, tocando-a, acariciando-a, e Catherine ficou grata que estava escuro. Era tão mais fácil quando não podia ver, apenas sentir.

Daniel lhe removeu o sutiã, então usou a boca para provocar um dos seios, depois o outro. Ela sorriu para si. Oh, aquilo era tão bom. Tão prazeroso e fácil. Mãos fortes deslizaram a calcinha pelas coxas, fazendo-a gemer. Em todos os lugares que as mãos dele tocavam, nos quadris, joelhos, nos pés, era uma bênção.

Ele a beijou demoradamente, a gravata roçando nos seios. Ainda estava de gravata, pensou Catherine, rindo baixinho, enquanto a boca sensual brincava com o pescoço, a orelha e a curva do pescoço dela. Depois, ele beijou-lhe a barriga, lambeu-lhe o umbigo e ela se sentiu tão... tão pronta.

Mas Daniel continuou descendo, então a estava provocando entre as coxas, e Catherine teve um sobressalto. Ele não devia estar fazendo aquilo...

Oh...

A língua tocou-lhe o ponto mais sensível e ela arqueou os quadris num movimento descontrolado.

Ele riu e continuou provocando-a, com a boca, com a língua, com os dedos, e enviando-a diretamente para o paraíso, até que ela explodiu numa experiência tão magnífica que nem mesmo parecia real. O corpo que estivera tenso e arqueado relaxou contra o colchão, mas...

— Oh, não, não, não.

Daniel endireitou o corpo.

— O que houve?

— Cãibra na perna — disse ela com dentes cerrados. — Na panturrilha direita.

Os dedos fortes de Daniel massagearam a área e, por um segundo, a dor foi alucinante, mas logo começou a desaparecer, e Catherine vislumbrou o rosto preocupado dele.

Poderia amá-lo tão facilmente.

Como poderia não amá-lo? Nunca conhecera alguém como Daniel. Alguém que acreditasse nela, que a apoiasse, a desejasse, que a entendesse.

Se o coração dele já não estivesse tomado... Em outra época, Catherine não teria tido confiança em si para acreditar que poderia conquistá-lo. Todavia, ele lhe dera essa confiança, e provavelmente nem sabia.

Se eles estivessem começando do zero, ela sabia que o coração de Daniel seria dela. Infelizmente, o que amava sobre ele... A fidelidade... Era exatamente o que estava no caminho. Ele não era um homem que poderia esquecer a esposa. Nunca.

A dor da perna havia desaparecido completamente e Catherine sentiu lágrimas nos olhos.

Daniel se deitou ao lado, acariciando-lhe os cabelos, beijando-lhe as lágrimas.

— Lamento que isso doa — sussurrou ele, acreditando que ela chorava por causa da cãibra muscular. Ela o deixou pensar assim, mas esboçou um sorriso para ele.

— Você pode tirar a gravata, se quiser.

Ele olhou para a própria camisa e gravata amassadas.

— Oh, desculpe.

Catherine riu. Em segundos, Daniel estava rindo também. Ela nunca o ouvira rir antes e adorou o som rouco e profundo.

Ele tirou a gravata e a camisa, e ela foi mais uma vez exposta à perfeição daquele peito. Estendeu o braço para locá-lo, então percebeu o que estava fazendo e deixou a mão cair na lateral do corpo. Ele lhe pegou a mão de volta.

— Tudo bem.

— Desculpe.

— Você não precisa se desculpar.

— Ótimo. — As mãos dela começaram a agir. — Porque agora precisamos falar sobre a calça.

Daniel riu e se despiu e, desta vez, quando a penetrou, foi incrível. E enquanto o corpo se movia, fitou-a nos olhos. Não era fácil ficar desse jeito, e Catherine desviou os seus, mas ele lhe segurou o queixo e a forçou a encará-lo. Observando o rosto de Daniel, ela soube que ele estava lhe roubando coisas, e transformando todos os sonhos em realidade.

Quando Catherine atingiu o clímax, aninhou-se ao corpo poderoso e ouviu as batidas do coração dele, imaginando se aquele coração um dia seria dela.

Daniel a aninhou nos braços.

— Por que você mudou de idéia? Não pensei que mudaria.

— Ouvi algumas pessoas em quem confio e percebi que eu estava com medo. Não sei o que vai acontecer, mas não sentirei medo novamente.

— Preciso falar uma coisa.

— Não, não precisa — disse ela. Não queria que nada estragasse aquele momento.

— Sim, preciso. — E Catherine soube que ele seria teimoso e arrumaria tudo. Ele era um homem de honra, afinal. Ela saiu dos braços aconchegantes.

Ele se virou de lado e olhou-a.

— Sei que você pensa que isso é sobre sexo, e o sexo é maravilhoso, mas quando estou ao seu lado quero coisas que nunca pensei ser capaz de querer novamente.

Aquilo não era justo. Podia ser nobre, mas lhe dava esperança, e Catherine não queria ter esperança, porque esperança era uma paisagem de Gainsborough que ainda era falsa, independentemente do quanto ela quisesse que fosse verdadeira. Torceu as mãos nas cobertas. Iria ouvir aquilo, porque era o preço por ter experiências sexuais fantásticas com o homem que possuía o coração dela.

Daniel a perscrutou.

— Você não vai perguntar nada?

Ela meneou a cabeça.

‘— Não. Porque então vou querer coisas também, e não posso querer.

Eles se entreolharam e ele não teve de forçá-la a sustentar o olhar. Poderia ter dito tantas coisas, mas não o fez. Em vez disso, procurou por mais sexo.

Daniel tomou-lhe a boca, como se precisasse dela Catherine sabia que precisava, mas não da maneira que gostaria. Eles fizeram amor novamente e ele lhe roubou o coração mais uma vez.

O celular de Daniel estava tocando. Podia ouvir, mas não tinha idéia de onde estava o aparelho. Não sabia onde ele se encontrava. Estava numa cama estranha, com uma mulher. E, sem roupas.

Olhou para Catherine e sorriu.

O celular continuava tocando.

Atenda.

Não, ignore.

O telefone continuou tocando e Catherine se mexeu, um sorriso sonolento quando ele sentou na cama, observando-a estender as pernas, os braços, acordar.

Daniel sorriu.

Então o telefone voltou a tocar, fazendo-o praguejar.

Ele achou a calça aos pés da cama e pegou o celular.

— *Onde você está?*

Era Sean. Seu irmão advogado. Ele se levantou e foi para a sala, a fim de não perturbá-la.

— Em casa, por quê?

— Gabe está preocupado. Achou que você ainda podia estar bebendo em algum bar. Ontem foi 28 de agosto e não é uma data na qual você bebe, portanto eu sabia que não devia ser isso. Então aqui estou, no meio de seu apartamento e, imagine só, você não está aqui. Qual é o nome dela, Daniel? Gabe pode ter caído na sua conversa de trabalho, mas sou advogado e lido com mentirosos o tempo todo, irmão.

— Não quero falar sobre isso agora — replicou Daniel, e Catherine apareceu à porta. Nua. Ele engoliu em seco, sentando-se em uma cadeira, fascinado. — Realmente não quero falar sobre isso agora.

— Quando quer falar sobre isso, Daniel? Você está dormindo com uma mulher... Depois de sete loucos anos... E não quer nos contar?

Cautelosamente, ele a observou. Ela estava andando na direção dele, os quadris balançando de leve, o sol banhando-lhe o corpo, e oh, como ele amava aquele corpo.

A boca começou a aguar e, obviamente, ela podia ver o que estava acontecendo com a anatomia dele.

— Não é nada que deva preocupá-los, Sean. Eu... — Então, Catherine se ajoelhou à frente, os cabelos caindo sobre as coxas dele e a boca se fechando sobre o membro. — Ahh... ahh... ahh. Preciso desligar.

— Amanhã. Encontre comigo amanhã no clube.

— Sim — sussurrou ele, apertando o botão de desligar e deixando o telefone cair no chão.

Muito tempo depois, eles chegaram aos escritórios Montefiore com os documentos. Ambos haviam tomado banho, trocado de roupa e ido ao depósito, onde recolheram 43 caixas de faturas. A Montefiore vendia muita coisa.

Abriram as caixas na sala de avaliação de arte, onde havia espaço para trabalhar, embora fosse domingo e não houvesse ninguém ao redor. Daniel continuou manuseando papéis, mas levou alguns minutos para se lembrar do que devia estar fazendo.

Estava distraído. Completamente compreensível. Catherine tinha vestido jeans e uma blusa de botões. De vez em quando se ajoelhava sobre as caixas, olhando as faturas, passava as mãos pelos cabelos deixando as mechas deslizarem pelos dedos como água. Era a coisa mais fascinante que ele já vira.

— O que aconteceu ontem? — perguntou Daniel. Catherine contou a história de Chinatown do sábado de manhã e ele se encontrou rindo novamente.

— Eu teria ido tirar vocês de lá.

— Eu sei — disse ela, olhando-o por um segundo antes de voltar a se concentrar nas faturas.

— Por que você não pediu? — Talvez não pudesse lhe dar tudo, mas poderia resgatá-la de Chinatown. Diante de tudo o que estava acontecendo, aquilo era insignificante.

— Eu não queria presumir coisas — murmurou ela, de cabeça baixa.

E por que não o olhava, também? Daniel suspirou e voltou a fitar os documentos. Independentemente do que fizesse, ele iria perder. Sabia disso, assim como ela. Por isso Catherine não o olhava.

Desta vez foi muito mais fácil se concentrar nos documentos.

— Separe as de maio do ano passado. Foi quando a estrutura de comissão começou a se equipar à de Chadwick. Catherine colocou uma pilha grossa de papéis sobre a mesa e suspirou.

— Está tudo bem, Catherine. Não é tão difícil quanto parece.

Por duas horas eles vasculharam documentos e Daniel trabalhou em silêncio, completamente focado na tarefa. Catherine nem tanto, até que achou o primeiro sinal positivo.

— Aqui — disse ela, pondo o papel na frente dele, o dedo apontando para as últimas linhas. — É do lote de prata de McCory. Se minha conta estiver certa, os preços não são os mesmos.

Ele pegou o papel, estudou-o, então a olhou.

— O número da fatura original é mais baixo. Por que inflacionar os números ao registrá-los nos livros?

— Somos uma empresa privada, então isso não é para agradar os acionistas. Tudo que faz é para dar a impressão de que vovô está inflando lucros.

— A estrutura de porcentagem de seu avô é baseada nos números de lucro. Lucros altos, ele ganha mais. — Havia uma tristeza nos olhos de Daniel e Catherine imaginou se ele achava que o avô dela era culpado.

— Meu avô não roubaria da companhia que sustenta o nome da família — defendeu ela, querendo detestá-lo por desconfiar, querendo detestá-lo pela indiferença passiva a tudo no mundo. Mas às vezes indiferença era o melhor elixir para a dor. Isso Catherine entendia.

— Só estou aqui procurando dados — respondeu ele friamente.

— Há outras pessoas que têm estrutura de porcentagem similar — apontou ela com a mesma objetividade.

— Sim, há outros empregados na mesma estrutura, alguns dos vice-presidentes, alguns avaliadores, mas ninguém faz os números de seu avô. — Na expressão dele, ela viu verdades que não queria enxergar.

— Não quero que coisas ruins aconteçam ao meu avô — murmurou baixinho, olhando para o papel à frente.

— Eu sei. — Aquilo foi o máximo que Daniel pôde falar. Então puxou uma outra fatura. — E aqui tem outra. Móveis Anderson. Trinta e cinco mil dólares por uma cadeira? Nossa, essas pessoas são loucas.

— A fatura? — perguntou ela, pacientemente.

— Lamento, mas é a mesma coisa. A comissão original listada é mais baixa do que o sistema e a fatura mostram — declarou ele, e colocou o papel sobre o topo da pilha "errado".

Catherine olhou para as caixas e suspirou.

— Teremos de ver todas as caixas, não é?

Daniel assentiu.

— Mas não se preocupe. O tempo voa quando estamos nos divertindo.

Eles trabalharam durante a maior parte da noite e ainda estavam olhando os documentos do mês de junho. Dez horas e tinham feito exatamente dois meses. Os olhos de Catherine começavam a embaçar. Estava exausta.

— Não posso mais fazer isso.

Daniel estava sentado no chão de parquete, cercado por pilhas organizadas, a camisa parcialmente desabotoada, as mangas dobradas, o maxilar coberto de pêlos curtos dando-lhe uma aparência sexy.

— Por que você não vai para casa? — Sugeriu ele, o cansaço evidente na voz. Ergueu a cabeça, fitou-a nos olhos e Catherine tremeu, um arrepio lhe percorrendo a coluna, uma tensão surgindo entre as pernas. Movimentou-se desconfortavelmente.

— Você vai ficar?

— Quero ver as faturas de mais um mês — replicou ele, pegando um papel, estudando-o, então colocando-o de lado.

— Quando você vai dormir?

— Mais tarde.

Catherine meneou a cabeça. Daniel precisava descansar, dormir... E ela precisava... De algo que não envolvia dormir. Sentindo as pernas tremerem, começou a sorrir.

Podia fazer isso? Estudou-o por sob os cílios e ele eslava totalmente concentrado nos números. Sim, podia.

Desabotoou alguns botões da blusa e foi se sentar ao lado dele.

— Vou ficar também — declarou, e observou os olhos de Daniel irem para o peito dela.

— Certo. — E ele voltou a olhar para os papéis. Difícil, pensou ela, mas não impossível.

— Está quente aqui ou sou eu? — perguntou Catherine abrindo mais um botão.

Daniel lentamente abaixou a pilha de faturas.

— Está definitivamente esquentando — concordou. — O que você está fazendo?

Ela fez uma careta.

— Esta é minha grande tentativa de sedução.

Ele sorriu lindamente.

— Catherine, você não precisa se esforçar para me seduzir. Tudo que tem de fazer é respirar, e estou bem aqui.

— Verdade? — perguntou ela satisfeita, e as mãos de Daniel foram para a frente da blusa, abrindo os últimos botões. Então rolou-a para baixo de si, fazendo-a suspirar.

— Oh, sim — sussurrou ele, e prosseguiu para prová-la.

CAPÍTULO TREZE

No começo da noite de segunda-feira, Daniel não estava ansioso para jogar tênis com Sean, mas havia uma penitência para tudo. Por mentir para os irmãos e, de acordo com Sean, por esconder segredos.

Então jogou por uma hora e ganhou a partida. Depois os dois irmãos relaxaram nas espreguiçadeiras do clube, Sean assumindo a postura de advogado.

— Quem é ela? Você a conheceu no Prime?

— Por que é da sua conta se estou saindo com alguém?

— Então você está saindo com alguém.

Daniel esfregou a aliança no dedo e considerou a resposta cuidadosamente.

— Talvez.

Sean lhe bateu forte nas costas.

— Muito bem, Daniel! Depois de sete anos. Isso é sério, passageiro ou puramente recreativo? Pode ser qualquer uma das coisas e ainda fico feliz.

— Não é nenhuma das alternativas — respondeu Daniel. Não podia categorizar Catherine. Ela não era um caso passageiro ou recreativo, e ele nunca teria um relacionamento sério com alguém novamente.

— Posso contar para Gabe?

— Não.

— Acho que ele sabe, de qualquer forma. Desde que você faltou ao jogo de pôquer, ele achou que algo estranho estava acontecendo. E as bebedeiras ocasionais estão desaparecendo. Você perdeu o aniversário de Michelle ontem e ambos achamos que esse foi um grande passo.

Aniversário de Michelle? Ele tinha se esquecido do aniversário dela? Dia 28 de agosto. Oh, Deus, dormira com Catherine no aniversário de Michelle. Aquilo parecia tão errado. Claudia devia ter deixado um recado na secretária eletrônica. Deveria ligar para ela e levá-la para jantar ou algo assim.

Sean notou a expressão no rosto do irmão.

— Isso é bom, Daniel. — Ele pediu dois copos de água com gás. — Significa que você está deixando o passado.

— Amar alguém não é algo que você deixa para trás, Sean. É para sempre.

— Ela não vai voltar, Daniel. Vai ficar sozinho pelo resto da vida? Por mais cinquenta anos? É isso realmente que você quer? Pode ser um solitário, mas ainda está respirando.

Daniel esfregou a toalha sobre o rosto, enxugando o suor, mas não se livrando da raiva. O irmão caçula não tinha o direito de interferir em coisas que nunca entenderia. Sean não entendia sobre amor.

— Realmente não quero ouvir isso hoje, Sean.

— Então, cale-se e ouça de qualquer modo. Você é meu irmão. Quero que seja feliz.

— Cale-se você. Eu serei feliz.

— Bobagem.

Daniel se levantou. Não ouviria um sermão do irmão irresponsável.

— Eu não vim aqui para isso.

— Não estrague tudo, Daniel.

Aquilo não era irônico?

— É você que vai me dizer o que é certo ou errado?

Sean o olhou, a expressão séria.

— Sim, sou eu. Conheço você. Acha que tudo deve ser equacionado e fazer sentido, e sente medo quando não faz. Amor não é como apertar os botões certos de uma máquina de lavar.

— Amo minha esposa — disse Daniel, e partiu. Tomou banho, tirou a aliança e ligou para Catherine.

Para Catherine, os dias que se seguiram foram estranhos e felizes. Em Montefiore, eles trabalharam com as faturas, encontrando mais itens com preços abaixo da comissão, o que não ajudou em nada para limpar o nome do avô dela ou da companhia.

Havia definitivamente alguma coisa errada com os livros. Mas uma comissão inflada não tinha sido cobrada dos clientes. As faturas combinadas indicavam que os clientes pagaram o valor normal, e então o sistema de contabilidade tinha sido alterado para dar a impressão de que um crime fora cometido.

Alguém estava armando uma cilada para Charles.

Contudo, ainda havia discrepâncias contábeis e o quadro de diretores continuava desconfiando de Charles Montefiore porque talvez ele não tivesse cometido um crime, mas lucrara com os valores de comissão alterados. Assim como todos que recebiam uma porcentagem.

Era tudo muito estranho e Catherine não era contadora. Daniel era o contador e não expressava opiniões sobre todo o quebra-cabeça.

Daniel teve uma reunião com Foster e Charles quando os questionou, mas ninguém tinha respostas, então eles voltaram às faturas originais.

Depois do trabalho na segunda-feira, Daniel a levou para jantar e eles passaram a maior parte do tempo conversando sobre assuntos gerais, e ele lhe contou histórias sobre o bar.

Após o jantar, Catherine o convidou para ir à casa dela, onde Daniel passou a noite, então acordou muito cedo a fim de ir até o próprio apartamento para trocar de roupa antes do trabalho. Ela considerou sugerir que ele levasse algumas roupas quando dormisse lá, mas não queria dar a impressão de que estava pressionando.

Na quinta-feira, eles foram à joalheria Cummings, pois Oliver Cummings havia retornado da Europa.

Oliver tinha olhos azuis e um sorriso amigável. Analisou o anel por um segundo e suspirou.

— Brianna Taylor Kelley, uma linda mulher da alta sociedade. É muito bonito, não é? Não sei por que todos gostam de jóias contemporâneas quando as antigas são muito mais elegantes. — Ele olhou para Catherine. — Não concorda?

— Com certeza. Simplicidade é incrivelmente subestimada. Todos querem o maior, o melhor.

Daniel voltou-se para Cummings.

— Tem idéia de como entrar em contato com a sra. Kelley? Eu gostaria de devolver o anel.

— Não sei se ela ainda está viva. Deixe-me ver o que tenho arquivado.

Cummings saiu e voltou alguns minutos depois, abanando uma folha de papel.

— Não tenho idéia se ela está viva, mas aqui está o endereço e telefone de Brianna Kelley.

Daniel pegou o papel e agradeceu. Então levou Catherine para almoçar e, à noite, para jantar. Quando eles chegaram ao apartamento dela, Catherine decidiu que era hora de conversar sobre o que estava acontecendo entre os dois.

— Você não tem de continuar me alimentando, Daniel. Na verdade, estou levemente insultada.

Ele a olhou, chocado, então percebeu que aquilo não seria fácil.

— Oh, eu só queria levá-la para sair, e isso era conveniente... — Assim que formou a sentença se arrependeu. — Não foi uma boa escolha de palavras. Vamos recomeçar. O que você quer?

O que ela queria?

Queria o mesmo que quase todas as mulheres. Queria ser amada pelo homem que amava... Simples, trivial.

Foi necessário coragem para encará-lo e não desviar os olhos.

— Gostaria mesmo saber o que quero? E se eu lhe disser, o que você vai fazer, Daniel?

Ela podia ver que ele estava surpreso com a pergunta e com o tom. Não era a mesma Catherine que Daniel conhecera na praia. Ele lhe dera coragem e confiança, e agora teria de encarar as conseqüências deste presente.

— Sinto muito — murmurou Daniel, desviando os olhos.

No dia seguinte, era o aniversário de Catherine. Queria lhe contar, mas como poderia contar isso a um homem que não a fitava nos olhos?

Então, no dia seguinte, eles saíram para jantar, voltariam para o apartamento dela, fariam um sexo arrasador, depois ela ficaria olhando para o teto, porque era a única vez na vida que tinha com quem compartilhar o aniversário, mas não podia contar-lhe.

— Esqueça o que falei. Tive um longo dia — murmurou ele.

— Eu não deveria ter levantado esse assunto.

Daniel pareceu aliviado por eles não discutirem a relação. Em vez disso, tomaram vinho e fizeram amor.

A manhã do aniversário de Catherine chegou e ela acordou como sempre, aninhada ao corpo quente, com as mãos de Daniel sobre seus seios.

Passara a adorar aquele momento, quando os primeiros raios de sol entravam pela janela, porque Daniel parecia diferente então... Com uma intensidade quase desesperada

que lutava tanto para esconder. As manhãs eram os únicos momentos em que Catherine sentia como se fossem mais do que duas pessoas fazendo sexo. Toda a ansiedade e dúvidas desapareciam ali, fazendo-a acreditar que tudo daria certo.

Naquela manhã, quando Daniel a abraçou, ela quase lhe contou que dia era, porque quando ele estava tão próximo, ela via os sonhos nos olhos dele, e quase acreditava que existia um relacionamento verdadeiro entre os dois... Elos, todo o pacote emocional... Mas Daniel nunca disse uma palavra, então Catherine fechou os olhos aninhou-se contra o peito largo e ficou calada. Às vezes, palavras não eram necessárias.

Aquele não era exatamente seu melhor aniversário. Catherine estava na sala de avaliação, silenciosamente examinando documentos e comparando números. Eles trabalhavam calados. O aroma de sândalo de Daniel mexia com os sentidos dela e fazia seu corpo doer em lugares que não podia satisfazer em público.

— Feliz aniversário, querida — disse a mãe alegremente, aproximando-se para lhe dar um abraço.

Catherine viu quando Daniel levantou a cabeça, observando-a, os olhos tempestuosos.

— Vamos seqüestrar você e levá-la para almoçar. Sybil e Brittany estão esperando lá embaixo. Fiz reserva no Lever House.

Lever House. Aquilo não seria bom? Catherine sorriu, como se fosse o lugar favorito dela.

— Volto depois do almoço — disse para Daniel. Aquela era uma forma de se vingar. *Você transformou isso em algo ruim, não eu, então, se está infeliz por não compartilhar esse momento comigo, a culpa é sua.*

Daniel inclinou a cabeça.

— Eu não sabia que hoje era seu aniversário. Parabéns — murmurou com uma voz perfeitamente controlada. Se não fosse pelo brilho nos olhos acinzentados, ela nunca saberia que Daniel estava furioso.

Problema dele.

O almoço foi fabuloso. O restaurante era aconchegante e projetado para deixar a luz do sol entrar pelas janelas. Catherine comeu um salmão maravilhoso e seu bolo favorito de sobremesa, que Andréa tinha encomendado. Após 27 aniversários celebrados, a mãe nunca a desapontara.

— Então, o que você vai fazer hoje? — perguntou Sybil. — Se não tiver planos, vamos a um novo pub perto da faculdade.

Catherine olhou para o prato vazio.

— Não estou com vontade de comemorar. Talvez no fim de semana.

— Tem certeza? — perguntou Sybil.

— Absoluta. Preciso trabalhar.

Quando Sybil e Brittany pediram licença e partiram, Catherine ficou com a mãe, bebendo o segundo martíni.

— Como vão as coisas? — perguntou Andréa.

— A auditoria está indo bem. Já estamos no mês de novembro.

Andréa a estudou.

— A auditoria está realmente indo bem?

— Não sei. Às vezes acho que tudo vai dar certo, em outras, não sei o que pensar.

— Fico feliz que você esteja fazendo isso. Assim como Charles.

— Por que vovô não me diz isso?

— Ele dirá quando estiver pronto. Dê-lhe tempo. Seu avô levou 35 anos para dizer que me amava. — Ela olhou para a filha com intensidade. — Eu amo você.

— Eu também a amo, mãe.

— O que mais está acontecendo? — perguntou Andréa.

— Nada. — Ela desviou os olhos.

— Por isso minha filha tem uma marca no ombro? Catherine olhou para baixo, viu que uma das alças da blusa tinha escorregado para o lado e recolocou-o no lugar rapidamente.

— Eu me queimei com chapinha de cabelo — replicou automaticamente.

A mulher riu.

— Boa tentativa. Se eu não a conhecesse e não soubesse que você não usa essas coisas, poderia acreditar. Vai me contar ou não?

— Não.

— É por isso que não quer sair esta noite? Tem outros planos?

— Não.

— Eu gostaria que você confiasse em mim o bastante para compartilhar coisas que filhas compartilham com as mães.

— Eu compartilho — disse Catherine, mas sempre gostara de privacidade, discrição.

— Mas não vai compartilhar a história por trás da marca na pele?

Catherine deu um gole no martíni e não respondeu.

— Quer que eu adivinhe? — perguntou Andréa. — Eu poderia — insistiu sua mãe.

Em outras circunstâncias, Catherine teria cedido àquele ponto, ciente de que a mãe dela sabia da verdade. Teria lhe contado o quanto amava Daniel e quanta confiança ele lhe dava. Mas era muito cedo ainda.

— Não tente adivinhar, mãe.

— Cuidado para que ninguém mais note. Fofocas se espalham rapidamente e as pessoas enxergam mais do que parece.

— Não quero falar sobre isso — disse ela. Hoje era seu aniversário.

— Se precisar conversar...

Não estava acontecendo nada. Catherine sabia que a relação era só sexo para Daniel, que o caso dos dois não chegaria a lugar algum, independentemente de quanto ela quisesse isso, e aquela era uma humilhação que não queria compartilhar com a mãe... Ou com qualquer pessoa.

Andréa pagou a conta e elas foram embora, sem tocar no assunto de Daniel.

Daniel claramente não entendia a natureza disfuncional de Catherine.

— Por que você não me contou?

Aquela foi a primeira coisa que ele lhe disse quando ela entrou na sala de trabalho.

— Isso não é algo que você sai anunciando — replicou Catherine.

— Você poderia ter me contado. — Ele parecia magoado, desapontado.

— Não quero que pense que estou esperando alguma coisa de você, porque estou tentando arduamente não fazer isso. — Ela achou que aquela era uma boa oportunidade para Daniel dizer que repensara sobre situação, e esperou.

Ele passou uma das mãos pelos cabelos.

— Aniversário é uma data muito importante para mim — continuou Catherine. — E preferi que você não soubesse, caso contrário se sentiria na obrigação de tornar este dia especial, e eu não queria isso.

Ele comprimiu os lábios.

— Você poderia ter me contado, especialmente se é importante para você. Devo saber dessas coisas.

Catherine suspirou. Era o aniversário *dela*, e ele estava magoado? Onde estava a justiça nisso?

— É meu aniversário. Pronto.

— Nós estamos nesta coisa...

— Neste caso — disse ela, escolhendo esclarecer as palavras dele.

— Relacionamento — corrigiu Daniel.

Relacionamento? Catherine franziu o cenho.

— Você está mudando o contexto desse relacionamento *agora!* — perguntou ela diretamente.

E esperou. Aquele era o um grande momento. A oportunidade de Daniel lhe dizer que as coisas haviam mudado e que, sim, queria alguma coisa a mais. Mas quando ele a olhou com indecisão, Catherine soube que nada tinha mudado.

Eles estavam tendo sexo. Muito sexo. Sexo maravilhoso, mas não existia comprometimento emocional de nenhum tipo, porque Daniel ainda estava envolvido com uma outra pessoa. Ela continuou a trabalhar, analisando uma fatura de cada vez. Oh, sim, aquele era o melhor aniversário dela.

Naquela noite, Daniel a levou para sair. Teria sido melhor se a tivesse convidado educadamente, com um sorriso no rosto, mas, em vez disso, apenas informou-a, as feições sérias, a voz tensa.

Culpa era um motivador poderoso.

Durante o jantar, ele lhe deu uma caixa. Pequena, embrulhada para presente, e Catherine sentiu-se ainda pior.

— Não quero que você faça isso — murmurou ela, devolvendo-lhe o presente embrulhado, porque não queria saber o conteúdo. Se soubesse iria querer mantê-lo consigo para sempre, como queria manter Daniel ao seu lado, também.

— Se eu soubesse... Se você tivesse me contado... Era isso que eu teria feito. Por favor — acrescentou ele, e ambos olharam para a caixinha sobre a mesa.

Finalmente, Catherine não pôde lhe negar aquilo... Nunca conseguia lhe negar nada, o que era parte do problema... Então abriu a caixa. Era uma gargantilha da loja de Oliver Cummings, uma lágrima de diamante pendurada em uma corrente de ouro delicada. Era a jóia mais linda que ela já tinha visto, e, vinda de alguém que avaliara o anel de noivado da princesa Maria Luisa de Roma, era dizer muita coisa.

— Não foi difícil escolher uma jóia para você — murmurou ele, quase orgulhoso. — Oliver nem me ajudou. Escolhi sozinho.

— Eu amei — disse ela, não tirando os olhos da pedra. A lágrima era tão incrível... A representação artística tanto de água... Significando vida... Quanto de lágrimas, o símbolo de dor e de humanidade. Não era fria, como esmeraldas e brilhantes, e tinha profundezas que refletiam além da superfície. Era perfeita.

— Você gosta? — perguntou Daniel, e ela ergueu os olhos, sorrindo.

— É maravilhosa — sussurrou. Queria dizer mais, queria lhe dizer o quanto a jóia significava, mas não tinha certeza se deveria.

— Você pode colocar, se quiser.

Com dedos nervosos, Catherine ergueu a gargantilha e tentou lidar com o fecho, mas ele a observava e as mãos dela tremiam.

— Precisa de ajuda?

— Você se importa?

— É claro que não. — Daniel andou para trás dela ergueu-lhe os cabelos e fechou o colar, demorando-se ali, até que o garçom interrompeu, fazendo-o retornar ao assento.

— Obrigada — murmurou ela, tocando a jóia, sentindo a corrente frágil, temendo que pudesse quebrar de alguma maneira.

Após o jantar, ele a levou para uma boate no centro da cidade. Não um lugar barulhento, mas romântico, com vários cantos escuros para privacidade dos casais. Um pianista acompanhava uma cantora de voz grave e profunda.

Eles pediram vinho e conversaram sobre a auditoria, mas enquanto ele falava, os dedos de Daniel roçavam os de Catherine através da mesa, até que ele lhe pegou a mão, acariciando-a gentilmente.

Um casal bonito e animado apareceu à mesa.

— Daniel?

Daniel estava segurando a mão dela e soltou-a abruptamente, como se tivesse sido queimado.

— O que vocês estão fazendo aqui? — perguntou ele. — Pensei que tivessem filhos. Ouvi dizer que isso acaba com a vida social.

O homem riu.

— Eles estão em casa com a babá. Lara e eu estamos comemorando dez anos de casados.

Lara sorriu, pegando a mão do marido.

— É tão raro sairmos hoje em dia. Quem é ela? — perguntou, forçando a apresentação.

— Catherine. — Ele a fitou. — Catherine, Lara e Eric Dowling.

Nada mais. Nem "minha namorada", "minha amiga", nem mesmo a "neta de meu cliente". Tantos rótulos para escolher e ele escolhera nenhum, o que era uma escolha por si.

Lara a olhou curiosamente e Catherine imaginou se eles a estavam comparando a Michelle.

— Ainda trabalhando no centro? — indagou Eric.

— Sim — replicou Daniel, não acrescentando mais nada.

Lara segurou o braço do marido.

— Foi bom conhecer você, Catherine — murmurou ela educadamente, e os dois partiram.

Catherine notou a tensão de Daniel, mas quando ele a levou para dançar, preferiu não questionar e deixar as coisas como estavam.

— Nós costumávamos sair com eles. — Daniel explicou enquanto dançavam.

— Imaginei isso. — Ela se aconchegou ao corpo forte, sabendo que ele a desejava. Dando-lhe um rótulo ou não, o fato é que Daniel a queria.

Eles dançaram, movendo-se em círculos, enquanto a música tocava suavemente e o aroma de sândalo a tranqüilizava. Catherine descansou a cabeça no ombro largo, imaginando se existiria algum outro ombro no qual se encaixaria com tanta perfeição.

Sem chance. Amava-o com desespero. Amava aquele homem que fazia amor como se a vida dele dependesse disso, que a aninhava nos braços após o ato de amor, como se não pudesse respirar sem isso.

As pessoas podiam se apaixonar duas vezes? Queria acreditar que sim, mas ao mesmo tempo sabia que jamais poderia amar outro homem. A música romântica lançava a magia... A magia designada para pessoas apaixonadas. Ela sentiu a boca de Daniel no pescoço e soube que ele estava sob o efeito da mesma magia.

— Feliz aniversário — sussurrou Daniel, beijando-lhe os lábios e fazendo-a se esquecer de Lara, Eric, Michelle e o resto do mundo. Naquele momento, só existiam os dois.

CAPÍTULO CATORZE

Eram 4h da manhã e um homem não estaria dormindo. Não Daniel. O nó que mantinha sua sanidade parecia se afrouxar lentamente. Estava se acostumando a sair sem aliança. A marca da pele clara ao redor do dedo quase já desaparecera, como se nunca tivesse existido.

Olhou para Catherine, dormindo profundamente.

Catherine, que adorava aniversários. Tudo que queria era um dia especial, repleto de alegria. Ele podia entender aquilo, e a noite a levaria para um encontro amoroso.

Antes disso, pudera justificar os jantares com ela, mas não esta noite, que tinha sido de flores, romance e uma jóia brilhante.

Na verdade, se quisesse lhe fazer bem, deveria se afastar dela. Eles não tinham encontrado nenhuma evidência para provar que Charles Montefiore não estava falsificando os livros de contabilidade para aumentar a própria renda. Em breve, Catherine provavelmente não iria querer mais vê-lo. Se Daniel partisse agora, facilitaria a vida dela, limparia a própria consciência e tudo voltaria a ser simples como antes.

Mas não podia partir. Estava ligado a ela de um modo que não queria analisar. Gostava de conversar com Catherine, assistir à televisão ao lado dela, caminhar na companhia dela. Gostava de ser feliz.

Pensou em convidá-la para ir ao apartamento dele, mas isso seria estranho de muitas maneiras. Havia fotografias lá...

Por que estava sentado na cama, às 4h da manhã, observando-a dormir, pensando em ser feliz, quando deveria estar contemplando a caixa de fotos guardada no fundo do armário? Fotos que não tinha onde colocar, mas que parecia estupidez retornar ao depósito.

Então, onde deveria colocá-las? Nas paredes? Deus, não. Aquilo enlouqueceria Sean e Gabe. Mas não sentia-se confortável em mantê-las escondidas no armário também. Olhou para fora, notou que o sol logo nasceria e que deveria ir embora. Mesmo que fosse sábado?

Afinal, não iria resolver o problema das fotos naquela noite. Não haveria tempo suficiente. Algum dia haveria tempo?

Catherine estendeu o braço, procurando-o.

Não, nunca haveria tempo suficiente. Assim era a vida.



Daniel deitou-se e puxou-a para seus braços, até que ela acordou, suave, sonolenta e tão viva.

A casa de Brianna Taylor Kelley era uma das mais antigas ao longo do Central Park. Catherine estava curiosa sobre a mulher que possivelmente era dona do anel e Daniel parecia ansioso para resolver aquela história.

Um mordomo os levou para a sala de estar e Catherine imediatamente notou que a casa da sra. Kelley era uma mina de ouro. Havia dois vasos Sevres sobre uma mesa Luís XVI no canto. O tapete era Aubusson, de 1750 ou 1760. Uma das pinturas na parede era de Gainsborough, um retrato de uma moça com face corada e amor nos olhos. Quando se olhara no espelho naquela manhã, tinha visto a própria face corada e o brilho de amor nos olhos.

— Você gosta das minhas coisas?

Catherine olhou em direção ao som da voz suave, a qual combinava com a aparência da mulher mais velha... Cabelos brancos graciosos e uma elegância inata. O sorriso da sra. Kelley era genuíno e ela os conduziu para um sofá bonito e antigo, onde Catherine se sentou.

— Vou ficar em pé, se não se importa — murmurou Daniel educadamente. — Creio que isso não vá demorar. Achamos um anel que acredito que lhe pertence. — Ele o estendeu e colocou-o na palma da sra. Kelley, cujos olhos se encheram de lágrimas.

— Onde você achou isto?

Daniel sorriu.

— Nós temos um bar. O'Sullivan. Quando meu irmão derrubou uma das paredes, encontrou-o.

— O'Sullivan. E você o trouxe para mim? — perguntou ela, olhando para o anel.

— Sim, senhora.

— É seu? — quis saber Catherine.

— Oh, sim. As iniciais SCH são de Samuel Coleridge Hollowell. Ele recebeu o nome do poeta, embora não tivesse nenhum parentesco.

Catherine estava intrigada.

— A senhora foi noiva dele?

Ela ergueu o anel para a luz.

— Nós éramos casados.

— Casados? — Daniel sentou-se ao lado de Catherine. — Como o anel foi parar no O'Sullivan?

A sra. Kelley, ou melhor, a sra. Hallowell, meneou a cabeça.

— Samuel era bombeiro, como o pai e o avô. Tão grande, forte... e heróico. — Ela sorriu com as memórias. — Sempre que havia um incêndio, ele era o primeiro a chegar lá. Foi um incêndio que o matou. Estávamos casados somente há um ano, mas era como se eu o tivesse amado para sempre. Deveríamos ter ficado juntos por mais tempo.

— Sinto muito. Sei que isso é doloroso — disse Daniel, e Catherine ouviu o sofrimento na voz dele.

A mulher analisou o anel na mão.

— Às vezes eu quase me esquecia de tal fato, mas não queria me esquecer. Tivemos dias tão bons, porém não dias suficientes.

A sala esfriou e os pêlos do braço de Catherine se arrepiaram. Havia um fantasma naquele cômodo. Talvez dois.

Por favor, faça com que esta conversa acabe logo.

— A senhora não se casou de novo, não é?

— Não. Todos querem substituir coisas, substituir pessoas, mas esta casa é repleta de coisas insubstituíveis, e Samuel era insubstituível também.

Daniel emudeceu com aquilo. Catherine sabia que ele concordava.

— Onde foi o incêndio? — perguntou ela, precisando mudar de assunto. — Como o anel foi parar no bar?

A sra. Kelley a fitou com olhos amáveis.

— Foi na Décima Avenida.

— Isso é perto do bar — explicou Daniel.

— Houve uma explosão.

— Lamento — murmurou Catherine, e lamentava mesmo. Não era justo que as pessoas tivessem de perder aqueles que amavam. Não era justo para a sra. Kelley, para Daniel e nem para Catherine.

— Vamos indo agora — disse Daniel, levantando-se.

— Obrigada pelo anel. Devo lhe dar uma recompensa.

Daniel meneou a cabeça.

— Não, por favor.

Ela colocou o anel no dedo. Sessenta anos depois e ainda servia perfeitamente.

Daniel empalideceu, Catherine esfregou os braços arrepiados. Não importava o quanto ela tentasse, algumas coisas nunca desapareceriam.

Naquela noite, Daniel trabalhou no Prime. Fez inventário de quatro meses, criou projetos de orçamento e analisou o código de impostos de Nova York.

Qualquer coisa era melhor do que pensar sobre aquela tarde.

Sean desceu por volta da meia-noite e o encontrou no escritório do porão.

— Ainda está aqui? Você deveria ter ido embora.

— Pensei em compensar pelo tempo que me ausentei — replicou Daniel.

— Você a dispensou, não foi? Nós nem a conhecemos, mas você não pôde lidar com isso, não é?

— Sean, você não tem trabalho lá em cima?

— Cain está no bar. Assim como Gabe e Tessa. — Ele pegou uma cerveja da geladeira e sentou-se, cruzando os braços sobre o peito. — Vamos conversar.

Daniel praguejou baixinho.

— O que você quer saber? — Já passava da meia-noite. Ele estava exausto. Queria ver Catherine, mas um homem não ia ao apartamento de uma mulher àquela hora se a respeitasse. Além disso, aprendera algo com a sra. Kelley: se uma senhora de 70 anos podia passar a vida com um único amor, por que Daniel não poderia?

— Vamos começar com os fatos básicos. Nome.

— Catherine.

— Sobrenome.

Daniel não respondeu.

— Certo. Próxima pergunta: onde você a conheceu?

— Não é da sua conta.

— Tudo bem. Próxima. Você a dispensou?

— Não.

— Então, qual é o seu problema? Vá para casa. Vá para ela. Relaxe um pouco.

— Já passa da meia-noite, Sean.

— E daí?

Daniel olhou para o teto e suspirou.

— Não apareço na casa de ninguém tão tarde da noite.

— Mas vocês não terminaram. Certo?

— Certo.

— O que você vai fazer no próximo fim de semana?

— Não sei e não lhe interessa. — Na verdade, segunda era o feriado do Dia do Trabalho e ele estava pensando em levar Catherine para Hamptons.

— Sabe que dia será o próximo sábado?

Então Daniel percebeu que Sean não estava falando sobre o Dia do Trabalho. Estava falando sobre 11 de setembro.

Praguejou novamente.

— Não a perca, Daniel. Se ela é capaz de fazê-lo esquecer essa data maldita, então não me importo quem seja ou que aparência tenha.

— Eu não tinha me esquecido — retrucou Daniel, porque era verdade. — De qualquer forma, Catherine não vai gostar muito de mim em algumas semanas.

— Por que não? Ela chegou até este ponto, afinal. Talvez o entenda. Você não é tão complicado assim, Daniel.

— É uma outra coisa.

Sean suspirou e se levantou. Daniel ouviu os passos de Gabe na escada. Maravilhoso.

— Sean, suba. — Gabe olhou para Daniel, surpreso. — Por que você ainda está aqui?

— Todos se esqueceram de que trabalho aqui?

— Nem sempre — respondeu Gabe. — Obrigado por ter encontrado a dona do anel.

— Não foi difícil.

Então Gabe olhou de um irmão para o outro.

— Sobre o que vocês estavam conversando?

— Nada de importante — replicou Daniel, e guardou a papelada rapidamente. — Estou indo embora — anunciou e partiu, antes que tivesse de se submeter a um outro interrogatório.

Quando deixou o bar, sentia-se estranhamente melhor. Mas não o bastante para bater à porta de Catherine. Deixaria isso para o dia seguinte. Talvez pudessem tomar o café-da-manhã juntos. Não. Ela achava que ele sempre a estava alimentando. Suspirou. Namorar era difícil.

Catherine estava acordando quando ouviu o interfone. Vestiu um robe e foi atender.

— Daniel O'Sullivan está aqui, srta. Montefiore.

Catherine consultou o relógio. Domingo, 8h da manhã. Ele nunca dormia? Olhou para o pijama de flanela e fez uma careta. Dois segundos depois, ele estava à porta.

— Entre.

— Sinto muito por ter vindo tão cedo. — Ele não parecia sentir. Parecia alegre. E desejoso. Ela, por outro lado, ainda estava sonolenta.

— Alguma coisa errada?

— Oh, não. Pensei que você estivesse ansiosa para trabalhar nos arquivos. Mas posso voltar mais tarde.

Catherine meneou a cabeça.

— Fique. Vou fazer um café. Acordar. Talvez tomar um banho.

Ele notou diversos desenhos dela sobre a mesa.

— Posso dar uma olhada?

Catherine enrubesceu, mas decidiu que, uma vez que ele a vira nua, ela não deveria ter vergonha de sua arte.

— Não me fale se achar muito ruim.

Ele estudou os esboços cuidadosamente.

— Não acho que são ruins em absoluto. Acho que são muito bons. Excelentes, na verdade. Melhor do que os quadros do museu MoMa. Não entendo a arte moderna.

Ela deu de ombros.

— É preciso se acostumar à arte moderna.

Daniel pegou uma das folhas, virando-a.

— Este sou eu?

Catherine tirou o desenho da mão dele.

— Não.

— Quem mais você está desenhando?

— Quase tudo que desenho é de uma escultura ou um quadro. Não costumo pedir que homens estranhos posem nus para mim.

— Foi um pouco divertido.

— Então, você faria isso de novo? — provocou ela.

— Sob coação, apenas.

— Obrigada.

— Posso levar um para mim? Este da moça sentada olhando pela janela. É muito bonito.

— Eu adoraria que você levasse. Sei compartilhar.

Eles se entreolharam por um momento e Catherine percebeu o que tinham feito. Compartilhado. Ela sorriu.

— Senti sua falta ontem à noite. — Mais uma troca. Oh, ela estava gostando daquilo. Então Daniel a beijou, pressionando o corpo já excitado contra o dela. Após um momento, ergueu a cabeça.

— Café ou banho?

Catherine não hesitou.

— Banho.

— Posso esfregar suas costas — disse ele, porque era esse tipo de homem.

— Pensei que nunca fosse oferecer.

Duas horas depois, eles estavam deitados na cama e Daniel analisava os desenhos de Catherine.

— Estes são realmente bons. Já mostrou para seu avô, para sua mãe ou para alguém que entende de arte?

— Não. Eles sabem que desenho, mas fico nervosa em mostrar.

— Não há motivo para isso — murmurou ele com carinho.

O telefone tocou. Relutantemente, Catherine saiu dos braços de Daniel e da cama.

Era Sybil.

— Este é o fim de semana do Dia do Trabalho! O que vamos fazer? Podemos ir para Jones Beach ou para Hamptons. O que você acha?

— Oh... — E Catherine olhou para Daniel. — Acho que vou trabalhar hoje — murmurou, e ele assentiu.

— Então, você está sabendo?

— Sabendo do quê?

— Sobre os e-mails de Charles para Chadwick. Houve uma apresentação para os diretores na segunda passada. O relatório da auditoria final é na próxima sexta. Não lhe contei porque não queria deprimi-la, mas ainda não acredito nisso sobre seu avô.

— Obrigada por me contar — murmurou Catherine. Ela observou quando Daniel saiu da cama e vestiu o jeans enquanto evitava o olhar dela.

— Sinto muito, Catherine. Se precisar de mim, estou aqui.

— Obrigada. — Ela desligou, vestiu um robe e o encarou. — Por que você não me falou?

— Não fui capaz. Sabia que você ficaria furiosa, mas não quis magoá-la.

Catherine andou pelo quarto, e não adiantou que os lençóis estivessem emaranhados e que ele cheirasse a sândalo e a sexo.

— Bem, é tarde demais para isso.

— Sinto muito.

— Quando você achou estes e-mails? — Catherine sentou na cama e Daniel se acomodou ao lado, mas quando tentou tocá-la, ela recuou. Não agora.

— Quando Steve, o gerente de informática, me colocou no sistema.

— Meu avô detesta e-mails e não os usa.

— Mas aparentemente usou, mais de uma vez.

— Você também está ciente de que o nome de usuário e senha de meu avô constam na agenda dele sobre a mesa, e de que a maioria dos empregados de Montefiore sabe exatamente onde estão?

Daniel franziu o cenho.

— Isso não parece muito seguro.

— Somos uma casa de leilão, não um banco. Segurança é gasta em arte, não no sistema de e-mail.

— Você não acredita que ele enviou os e-mails?

— Não.

— Então, quem poderia ter enviado, Catherine?

— Alguém que quer destruir a reputação de meu avô — disse ela, franzindo o cenho.

— Isso vem de dentro da companhia. Não de fora.

— Então é um funcionário rancoroso.

— Talvez alguém esteja tentando ganhar um dinheiro extra — sugeriu Daniel cuidadosamente.

— Poucas pessoas lá dentro ganham dinheiro aumentando os lucros.

— Seu avô, sua mãe e você.

Catherine sentiu-se congelar. Então apontou para a porta.

— Saia daqui agora.

— Eu não acredito nisso — declarou ele, a expressão impassível.

— Mas vai derrubar meu avô, mesmo achando que ele não fez nada? O que você vai dizer na sexta-feira?

— Vou reportar os fatos que encontrei. Sou um auditor, Catherine. Nada mais.

Ela voltou a andar, pensando, tentando descobrir o que fazer.

— Sou alguma coisa mais.

— Sim, você é — concordou Daniel.

— Nós vamos fazer alguma coisa. Vasculharemos cada caixa até que eu encontre algo que prove a inocência de meu avô.

— Tudo bem — murmurou ele, mas as feições diziam claramente que não acreditava na inocência de Charles. Estava meramente querendo animá-la.

— Farei isso sozinha.

— Eu quero ajudar — insistiu ele.

— Não preciso de alguém que está tentando mandar meu avô para a cadeira.

— Não sou um policial, Catherine.

— Por que não vai embora, Daniel? Tenho um longo dia pela frente.

— Não. — O maxilar forte enrijeceu com teimosia. — Eu não vou embora. Não assim. Você precisa de mim.

— Não preciso.

— Quantas auditorias já fez, Catherine? — Daniel vestiu a camisa.

Ela não respondeu, uma vez que não queria que ele estivesse certo. Não queria precisar de Daniel. Não para a auditoria, para coisa alguma.

— Vá se vestir.

— Não vou — replicou ela, ainda zangada.

— Vai para Montefiore vestida assim? Está charmosa, mas...

Ela não queria sorrir. Não ia sorrir. Ela sorriu. Deus, amava aquele homem.

— E se não encontrarmos nada? — questionou temerosa.

Daniel a puxou para os braços. Braços fortes e seguros.

— Se alguém está armando para seu avô, eles terão cometido algum erro. Todos os patifes desonestos acabam cometendo algum erro.

Os escritórios Montefiore estavam quase vazios, todos de folga para o fim de semana do feriado. No domingo, ela e Daniel trabalharam o dia inteiro e encontraram mais trinta faturas que não combinavam com os livros de contabilidade, porém, nada mais.

Catherine não queria pensar que o avô fizera algo errado, mas, tarde da noite, quando os olhos dela doíam após infinitos números, as dúvidas vieram.

— Não acho que ele enviou os e-mails, Daniel. Vovô abomina computadores. Ele não faria isso.

Daniel pôs a fatura que estava analisando de lado.

— Então vamos tentar descobrir quem pode ter enviado.

— Todo mundo. Qualquer pessoa.

— Talvez possamos falar com o gerente de informática. É possível que eles tenham sido descuidados e usado os próprios computadores, e não o do seu avô.

— Você pode checar isso?

— Claro. Ligaremos para Steve e veremos se ele nos deixa entrar nos sistemas de comunicações.

— Pensei que você fizesse somente auditorias.

— Sou um homem de muitos talentos — respondeu Daniel com um sorriso. — Ademais, esse é um procedimento padrão.

Ele estava compartilhando mais uma vez, e uma pequena esperança brotou no coração de Catherine, mas ela não disse nada.

— Você está cansada? — perguntou ele.

— Sim.

Daniel se levantou e puxou-a pela mão.

— Amanhã é um outro dia. Vamos para casa.

A manhã seguinte foi praticamente a mesma coisa e Catherine sentia tensão a consumindo a cada segundo que passava, os quais a aproximavam de sexta-feira.

— Steve já retornou a ligação? — perguntou, e naquele exato momento o celular de Daniel tocou.

— O'Sullivan. Sim... Sim... Sim.

A ansiedade a estava consumindo. Se ele falasse mais um "sim", enlouqueceria. Daniel desligou.

— Era Steve. Estará aqui em uma hora.

Catherine consultou o relógio.

— Uma hora? Tudo isso?

Ele se aproximou e sentou-se na extremidade da mesa ao lado dela.

— Vai dar tudo certo, Catherine.

— Não tenho certeza disso. Não há nada além de dois conjuntos de faturas, e nem mesmo sabemos quais estão corretas.

— Claro que sabemos.

Ela o olhou com curiosidade.

— O que você descobriu?

— As originais estão corretas. Chequei isso. Seus clientes têm registros do que pagaram. Fomos discretos e, sim, as originais são as corretas, não as cópias digitais. Estas foram alteradas.

— O que isso prova?

— Não tenho certeza.

— E se não houver nada no registro de e-mails do computador também?

— Não sei.

— Detesto essa situação.

Daniel pegou a mão dela.

— Eu gostaria de poder tirar esse sofrimento de você.

E então ela se sentiu mal porque estava agindo como uma criança. Mas nunca sofrera tanta pressão. Parecia que ia explodir.

— Quer fazer um intervalo? — sugeriu ele, preocupado.

— Precisamos trabalhar.

— Temos uma hora até que Steve chegue aqui.

— Podemos fazer muita coisa em uma hora. — Catherine usou o olhar sedutor similar ao da mãe. E funcionou.

Ele sorriu, os olhos se tornando ardentes, puxou-a pela blusa e a beijou apaixonadamente. Catherine se rendeu sem hesitação porque agora entendia que não ficava graciosa sob pressão, e sim excitada, e, aparentemente, Daniel sabia bem como lidar com isso. Com desejo crescente, ela lhe tirou a camisa de dentro da calça.

— Desculpem. Estou interrompendo?

Catherine saltou da mesa e Daniel foi parar do outro lado da sala.

Foster Sykes olhou para os dois e ela enrubescceu.

— Não, imagine.

— O que você quer? — perguntou Daniel.

— Notei as luzes acesas e vim ver se vocês precisavam de alguma coisa, mas suponho que não.

— Steve Keating está vindo para verificarmos alguns e-mails — explicou Daniel.

— Ótimo — disse Foster. — Com licença.

Depois que ele saiu da sala, Catherine suspirou.

— Certo, de volta ao trabalho.

— Sim.

Steve chegou uma hora depois, como prometera. Ele trabalhava com os computadores em Montefiore por quase dez anos e parecia mais um surfista do que qualquer outra coisa.

— Do que vocês precisam? — perguntou, vestido de short e camiseta regata, como se tivesse vindo diretamente da praia.

— Obrigado por ter vindo no feriado — murmurou Daniel. — Eu gostaria de checar os e-mails de todos os funcionários. Que tipo de sistema de rastreamento você tem?

Eles conversaram sobre servidores, permissões e registros de e-mails, deixando Catherine meio zonha.

— Posso ver os e-mails, então? — pediu Daniel.

Steve riu.

— Sem problemas, amigo. Mas é uma tarefa chata. — Ele os conduziu para a sala de computadores e a temperatura caiu cinco graus.

— É muito frio aqui — comentou ela, esfregando as mãos.

— Você se acostuma. — Steve foi para uma das máquinas, apertou uma tecla e começou a trabalhar. — Aqui está o que vocês precisam.

Daniel estava parado atrás dele, observando.

— O que mais temos?

— Quase tudo. Telefones, e-mails, nomes, endereços. — Ele apontou para a tela. — Aqui estão os dias que vocês estão procurando — acrescentou e mandou imprimir o arquivo.

— Posso levar isso? — indagou Daniel.

— Claro. Não há segredos aqui.

Quatro horas depois, eles tinham olhado mais de 12 meses de e-mails, com Catherine lendo sobre o ombro de Daniel.

— Não há nada aqui, há?

— Não. Os e-mails entre Montefiore e Chadwick vêm do computador de seu avô.

Ela passou uma das mãos pelos cabelos.

— O que vai acontecer com a companhia?

— Não sei. Vamos sair daqui.

— Mas talvez haja alguma coisa...

Ele meneou a cabeça.

— O visual de surfista de Steve me deu uma idéia. Vamos para a praia.

Agora ele estava agindo como se eles fossem namorados.

Quando chegaram em Hamptons, estava quase escuro, mas Catherine não se importou. Escuro era maravilhoso, era romântico e a fazia esquecer.

Ela pegou uma garrafa de vinho e eles sentaram no deque, ouvindo o delicioso barulho das ondas.

— É tão bom aqui.

Daniel olhou para a longa extensão da praia.

— Acho que somos as únicas duas pessoas em Long Island no *fim* do feriado.

Catherine bateu o copo no dele.

— Fugimos do trânsito.

Ele estendeu o braço e acariciou-lhe os cabelos.

— Você parece melhor.

— Sinto-me melhor.

— Catherine — começou Daniel, mas ela pôs uma das mãos nos lábios dele porque não queria ouvir nada. Queria sua noite perfeita na praia com o homem que amava. O homem que merecia. Pegou-o pela mão e o conduziu para dentro da casa e para a cama. Ele lhe segurou o rosto nas mãos e a beijou carinhosamente, quase como se ela fosse a mais rara das porcelanas. Então lhe removeu o short, e Catherine não estava nervosa ou tímida. Deslizou a camisa dele pelos ombros e ambos se entreolharam. Haviam chegado tão longe em tão pouco tempo.

As mãos de Daniel eram gentis e reverentes, traçando-lhe as curvas, acariciando-lhe a pele, e Catherine sorriu-lhe, sorriu para o luar que entrava pela janela como música. Esta noite, ele estava diferente, sussurrando o quanto ela era linda, o quanto significava estar ao lado dela.

Beijou-lhe o pescoço até que ela estivesse rendida, provocou-lhe os mamilos até fazê-la gemer, e então entre as coxas, até que os músculos de Catherine tremessem com deleite. Tudo era lento naquela noite, não havia urgência, e Daniel a beijava com doçura. Ela quase disse que o amava. Quase. Mas não estava na hora de compartilhar isso ainda. Ele deslizou para o interior dela, preenchendo-a, os corpos de ambos se movendo juntos, cada movimento se unindo ao próximo com uma beleza que nenhum artista jamais poderia recriar.

Catherine abaixou os olhos porque não queria que ele soubesse, mas Daniel lhe segurou o queixo entre os dedos e a fez encará-lo. Havia tanto sentimento nos olhos dele. Carinho e paixão, e tudo que uma mulher pudesse desejar.

Tudo, exceto amor.

CAPÍTULO QUINZE

Daniel voltou ao, próprio apartamento antes do dia amanhecer. Tinha acabado de sair do banho quando o telefone tocou.

— Daniel, Timothy Lockhart aqui.

Seu chefe.

— Sim, senhor.

— Pode vir ao centro da cidade? Precisamos conversar.

Daniel saiu do escritório de Lockhart e suspirou. Certo, não tinha sido despedido, embora se Lockhart tivesse feito isso, estaria agindo de acordo com os direitos dele.

Ter um caso com alguém ligada diretamente ao cliente.

Não fora isso que ouvira? De algum jeito, era pior ouvir tais palavras do chefe de Michelle. Michelle e Daniel haviam jantado com Timothy e a esposa. Daniel mandara um presente para o filho dele quando o rapaz se formara em Harvard. Ora, ele ainda estava na lista de presentes de Natal.

Provavelmente não mais.

Continuava tentando abandonar o passado, mas não podia. Para todo lugar que olhava, havia um lembrete de que nunca poderia escapar do passado.

Aquilo não era justo com Catherine e não era justo com Michelle. Assim como não era justo consigo mesmo.

Vinha fingindo há muito tempo. Fingindo que podia dormir com Catherine e que isso não lhe traria problema algum. Sim, como se fosse possível.

Eles haviam chamado um novo auditor, que iria entregar o relatório de Daniel exatamente como ele escrevera. Havia um padrão de conspiração com Chadwick, e todas as evidências indicavam que Charles Montefiore era o homem envolvido.

Hora de encarar os fatos e lidar com eles.

Daniel ligou para Catherine, pedindo que ela o encontrasse no coreto do parque. Ela percebeu o tom grave da voz dele.

— O que há de errado?

— Eu lhe digo quando chegar lá — respondeu ele, não negando que havia alguma coisa errada.

O vento estava forte e gelado, por causa de uma frente fria. Quando Daniel chegou ao local, foi direto ao assunto:

— Fui tirado da auditoria.

— Por quê?

— Por estar dormindo com você.

Então aquilo explicava o tom sério.

— Seu emprego corre risco?

— O fato coloca uma mancha negra no meu registro, mas eles não gostam de propagar os fracassos, portanto manterão em segredo.

As feições dele pareciam rígidas e tristes. Como naquele primeiro dia na praia, e Catherine entendeu o que estava errado. A solidão voltará à tona.

— Desculpe.

— Você não fez nada de errado, Catherine. Eu que estraguei tudo.

— Como eles souberam?

— Um dos gerentes recebeu um telefonema anônimo, dizendo que minha credibilidade estava comprometida por causa do nosso relacionamento.

— Sinto muito. Foster Sykes deve ter falado com alguém.

— Pare de se desculpar, Catherine. Não é um grande problema. — Mas os olhos dele diziam que existia um problema ainda maior.

— Há mais alguma coisa?

— Eles vão usar meu relatório.

— O que há no relatório, Daniel?

— Nada que a deixará feliz. Lamento.

— Pensei que você fosse eficiente e metódico.

— Eu sou. Às vezes isso não muda o resultado.

Daniel sentou no banco à frente dela, esfregando as mãos na calça. Foi quando Catherine notou a aliança. Estava de volta.

— O que mais? — questionou ela, mas já sabia. Era o fim. Não havia mais razão para que continuassem se vendo. A tentação pelas experiências sexuais fantásticas passaria.

Todavia, hoje ela o faria dizer aquilo porque sabia que Daniel detestaria falar, mas estava com raiva, nutrindo sentimentos de vingança que nem sabia possuir.

— Não fui realista e magoei você. Pensei que pudesse lidar com um relacionamento, mas não posso. Adorei o tempo que passamos juntos e não existe outra mulher com quem eu gostaria de estar mais do que com você. Mas isso não é justo para nenhum de nós e não posso continuar.

Catherine o olhou, de cabeça erguida, e desta vez foi ele que desviou o olhar.

— Você não vai falar nada? — perguntou Daniel.

— Não — replicou ela friamente, tão friamente que o viu estremecer. Então se levantou para partir.

Não havia nada que pudesse dizer, nada que pudesse fazer. No fundo, sempre soubera que acabaria assim. Com um gesto floreado, pendurou a bolsa Chanel falsa sobre o ombro e pensou que ouvia o ruído da costura se abrindo. E chegou à conclusão de que havia algumas coisas em um relacionamento que não podiam ser falsificadas.

CAPÍTULO DEZESSEIS

O jogo de pôquer na quarta-feira foi no apartamento de Sean, e Daniel estava calado. Jogava as cartas com mais agressividade e blefava com ousadia. Gabe o olhou curiosamente.

— Isso é novo.

— Não, é velho — disse ele, dobrando a aposta de Gabe, embora não tivesse absolutamente nada na mão. Mas esta noite sentia vontade de jogar só por diversão.

Gabe contou as fichas, então se voltou para o irmão.

— Sem bares desconhecidos? Tenho de dizer que prefiro assim. Você pode deitar no sofá de Sean e não temos de ir a lugar nenhum. Apenas acordá-lo pela manhã e mandá-lo embora. Então, qual é o plano para 11 de setembro este ano? Yonkers? The Bronx ou

Putnam? Nem sei como você chegou lá. Como um homem sem carro chega ao município de Putnam?

— Por que não o deixa em paz, Gabe?

Aquilo veio de Sean, que nunca o defendera na vida. Mais tarde, quando estivesse sóbrio, poderia apreciar o gesto, mas o álcool o estava entorpecendo, e queria sentir-se entorpecido.

— Por que eu deveria deixá-lo em paz? Ele merece isso. Todos os anos, começa a se embriagar dias antes de 11 de setembro. Não deveríamos mais buscá-lo nos bares. Talvez assim ele aprenda.

— Não acho que o problema seja 11 de setembro desta vez — murmurou Sean suavemente.

Daniel serviu-se de outro uísque.

— Podem parar de falar como se eu não estivesse aqui?

— Estou aqui para jogar cartas — palpitou Cain. — Talvez beber. Isso parece um problema familiar. Não tem nada a ver comigo.

— Obrigado.

Seis drinques depois, Daniel perdera duzentos dólares para Sean. Quando a garrafa de uísque acabou, ele foi para a cozinha pegar outra, e Sean o seguiu.

— Como vai a auditoria?

— Peguei um outro trabalho.

Gabe franziu o cenho e Daniel piscou. Gabe estava lá? Oh, sim.

— Por causa de Catherine? — perguntou Sean.

Daniel não respondeu. Não queria falar sobre Catherine. Não queria falar sobre as noites solitárias na cama novamente. Sobre jantares congelados ou sobre a falta de companhia para rir e conversar.

Sean fez uma careta.

— Você não está mais saindo com ela, está?

— Quem? — Ele bebeu mais uma dose.

— A garota passageira.

— Ela não era uma garota passageira — protestou Daniel.

— Então por que não está mais saindo com ela? — Sean afastou o copo de Daniel.

— Deixe-me em paz — reclamou Daniel, e pegou o copo de volta.

Sean assentiu.

— Tudo bem, vou deixá-lo em paz. Mas Gabe está certo. Não devemos mais resgatá-lo. De agora em diante, não me ligue quando estiver num bar e não souber o caminho de casa. Não irei buscá-lo.

Daniel deu de ombros.

— Preciso ir agora.

— Para onde? — questionou Sean.

— É uma emergência.

— Que tipo de emergência? — Gabe quis saber.

— Contabilidade. Que dia é hoje?

— Quarta-feira, 8 de setembro.

— Ótimo, não é sexta-feira. Ainda tenho tempo.

— O que tem sexta-feira, Daniel?

Mas Daniel já estava a meio caminho da porta.

Era quase meia-noite quando o interfone de Catherine tocou.

— Pode me deixar entrar no prédio? — Soou a voz de Daniel do outro lado.

— No meu prédio?

— No prédio da Montefiore. Preciso entrar lá.

— Agora?

— É importante — disse Daniel, e ela percebeu que ele tinha bebido. Terminara o relacionamento dos dois e agora estava se embriagando. Catherine não devia se sentir feliz com isso, mas sentiu, e esperou que ele tivesse uma terrível ressaca também.

— Porquê?

— Você quer limpar o nome do seu avô?

— Sim.

— Ele é realmente um sujeito que prefere o telefone? Havia um método na loucura da embriaguez. Ela precisava segui-lo.

— Ele detesta computadores. Não os usaria. Confie em mim. É um homem que usa o telefone, papel e caneta.

— Pode me deixar entrar no edifício? Quando Steve entrou no sistema de e-mail, pude ver os registros dos telefonemas também. Estamos na era digital. Não é tão fácil quanto rastrear os e-mails, mas acho que podemos descobrir alguma coisa.

— Por que você está fazendo isso? — questionou ela, finalmente, desejando que pudesse ver-lhe a expressão.

— Porque sou um tolo eficiente e meticoloso.

— Estou descendo.

Dez minutos depois, eles estavam andando em direção ao prédio da Montefiore. Daniel estava desalinhado, a gravata frouxa e a camisa para fora da calça, mas seu olhar era perspicaz. Uma vez dentro do edifício, Catherine subornou o segurança para deixá-la entrar na sala dos computadores, onde ficaram parados diante das máquinas por um longo tempo.

— Não sei a senha dele.

Daniel sorriu e ela detestou a maneira que o próprio coração disparou. Aquele era o homem que a dispensara e que estava prestes a derrubar o avô dela. Não deveria sentir absolutamente nada por ele.

— Você não daria uma boa auditora — murmurou ele. Então puxou o compartimento do teclado e começou a digitar.

— Como você sabia a senha?

— Eu o observei digitar — admitiu Daniel, e o coração de Catherine disparou de novo. Onde estava a frieza e a indiferença? Para isso, estava preparada. Mas bêbado e heróico? Aquilo não era justo.

Ele olhou para a tela, franziu o cenho e começou a falar sozinho.

— Não, não, não, sim, não, não, sim, não... Oh, olhe isso!

Catherine se aproximou.

— O que é isso?

— Alguém tem falado ao telefone com Chadwick.

— Quem?

— Não sei. Você reconhece a extensão?

— Não. Há mais de cem funcionários aqui.

— Essa extensão é de seu avô, de sua mãe ou sua?

— Não, não e não.

— Excelente.

Daniel se levantou, um sorriso satisfeito no rosto.

— Pronto. Caso encerrado — declarou e saiu da sala de computadores.

Catherine o seguiu.

— Espere!

Daniel se virou.

— Aonde você vai?

O sorriso dele desapareceu.

— Não sei. Talvez para o Bronx. Talvez para o município de Orange. Não estive lá ainda. Imagino que eles tenham bares decentes.

— Por que você está fazendo isso?

Ele a fitou como se ela fosse um fantasma.

— Porque eu amo você.

Então desapareceu na noite escura.

Às 9h da manhã seguinte, Catherine convocou uma reunião de emergência com as amigas.

— Preciso conversar.

— Sobre o seu caso? — disse Sybil.

— Que caso? — sussurrou Brittany.

— Com Daniel.

— Daniel O'Sullivan? — exclamou Brittany. — Oh, não acredito. Ele é bom?

— Preciso de ajuda.

— Acho que não — murmurou Sybil, servindo-se de café. — Se quisesse ajuda, você teria dito alguma coisa quando estávamos presas naquela loja em Chinatown.

Brittany olhou para Sybil, boquiaberta.

— Você esteve em Chinatown? Vejo que as duas estão guardando segredos de mim e isso não é justo.

— Ele falou que me ama. — Catherine havia repetido as palavras para si a noite inteira, mas necessitava dize-las para mais alguém, de modo que parecessem reais.

— Ótimo. Mande-me o convite de casamento — provocou Sybil.

— Ele estava bêbado.

— Imagino que foi dito no meio de um sexo ardente — concluiu Brittany. Catherine meneou a cabeça.

— Não. Foi ele quem descobriu que Steve estava falando com Chadwick e armando para meu avô.

— Espere. Estou perdida aqui — admitiu Brittany.

— Por que Steve estava falando com Chadwick?

— Smithwick-White estava pagando Steve — disse Catherine.

— Meu Deus! Verdade?

Sybil assentiu.

— Eles queriam o leilão das peças de Drexels, mas tinham poucas chances, então armaram uma cilada para destruir a reputação tanto da Chadwick como da Montefiore. Steve estava aceitando subornos, assim como um dos vice-presidentes da Chadwick, e ambos manipularam o sistema para fazer parecer que havia uma conspiração.

— Minha nossa!

Sybil olhou para Catherine e sugeriu:

— Vamos almoçar agora e você nos conta tudo sobre seu caso com Daniel, certo?

Catherine assentiu.

— Sim, estou precisando disso.

Daniel encontrou tempo para levar as fotos de Michelle para a mãe dela. Não foi fácil ficar sentado lá observando Claudia ver as imagens da filha com tanto amor nos olhos, enquanto contava histórias que Daniel já ouvira diversas vezes, mas sempre fingia ser a primeira vez.

Finalmente, Claudia pôs a caixa de lado e voltou a atenção para ele.

— Não o vejo com estas olheiras profundas há sete anos. Talvez seja hora de você deixar Nova York, não eu.

Tantas vezes ele pensara em partir. Ir para uma cidade nova, recomeçar a vida, mas Nova York era seu lar. Seus irmãos estavam lá. Era tudo que lhe restava.

— Não.

Claudia o perscrutou e Daniel se sentiu desconfortável. Não queria que a sogra soubesse que ele fora infiel a Michelle, mas ela sabia.

— Isto não é sobre Michelle.

Ele pensou em mentir, mas de que adiantava?

— Não.

Daniel olhou para a aliança no dedo e lembrou-se do dia em que Michelle a colocara ali. Não era para sair nunca mais.

— Fiz uma promessa para sua filha. Eu tinha nossa vida tão bem planejada. Ela não merecia isso.

Claudia se inclinou e pegou-lhe a mão.

— Ela não merecia isso, e nem você, Daniel. Você não pode viver assim para sempre. Michelle não gostaria disso.

— Pensei que você fosse ficar furiosa. Sei que Michelle ficaria. Ela tinha horror a traição. Nunca pensei que fosse traí-la. Jamais.

Claudia o fitou e ele viu lágrimas nos olhos dela.

— Michelle se foi e não posso mudar isso, assim como você não pode. Eu não deveria ter enterrado uma filha e você não deveria ter enterrado uma esposa, mas fizemos isso. E você é tão jovem ainda. Eu o amo, Daniel. É o filho que eu sempre quis, e quero que seja feliz. Esta nova garota o faz feliz?

Daniel assentiu.

— Não pensei que pudesse me sentir assim novamente. Havia um buraco dentro de mim. E desapareceu.

— Então você precisa ficar com ela. Não deixe a felicidade escapar. Não acontece todos os dias. Vocês terão filhos, certo?

— No momento ela está zangada comigo.

— Você precisa consertar isso e, quando tiverem filhos, vai trazê-los para mim? Quero muitos netos e você é minha única esperança.

— Se você quiser — disse Daniel, fazendo promessas que não sabia se poderia cumprir.

— Posso ver você com uma garotinha.

Daniel fechou os olhos. Não queria pensar sobre famílias, filhos e viagens de verão na praia. Um dia, compartilhara tais sonhos com Michelle, mas agora ela se fora, e a única mulher que podia imaginar ao lado dele era Catherine.

— Não sei se posso fazer isso.

— Não espere muito tempo, Daniel. Fiquei casada com meu Bernard por 43 anos e não me casei de novo porque estava muito velha para isso. Mas você ainda é jovem.

— Você não vai se mudar para a Flórida?

— Este tem sido o meu lar há sessenta anos. Há memórias aqui, boas memórias, e não quero perdê-las, mas posso ser feliz também.

— Acho que você pode ser feliz.

— Traga-me meus netos e serei feliz.

Daniel saiu e olhou para o céu. Estava uma linda manhã de setembro. Ele tirou a aliança do dedo, levou aos lábios e depois a guardou.

Estava na hora.

Catherine estava saindo para o trabalho quando o celular tocou.

— Preciso ver você.

Daniel.

— É sobre a auditoria? — perguntou ela cuidadosamente.

— Não, quero que venha aqui, Catherine.

— Onde é aqui?

— Virá ao meu apartamento?

Ela não queria ir ao apartamento dele. Era provavelmente um santuário com centenas de fotos nas paredes, pequenas bugigangas que eles haviam ganhado de presente de casamento, entre outras recordações.

— Seria mais fácil se você viesse ao meu apartamento.

— Por favor. É importante.

Catherine endireitou-se.

— Qual é o endereço?

Quarenta minutos depois, estava parada à porta dele, o coração disparado e o estômago se revolvendo de nervoso. Daniel abriu a porta, bem-vestido, cheirando a sândalo, e convidou-a para entrar.

Catherine olhou ao redor.

Era um apartamento típico de Manhattan. Não havia fotos nas paredes. O sofá de couro era simples, mas de bom gosto. O local era espaçoso... E então ela viu um quadro pendurado num canto. Não era uma fotografia de casamento ou uma foto de Michelle e Daniel juntos. Era o desenho de Catherine. Emoldurado, e parecendo pertencer àquele lugar.

Catherine se aproximou do quadro e o vislumbrou, viu a própria assinatura no canto inferior e começou a chorar. Não gostava de chorar perto de ninguém. Chorar era algo pessoal e implicava elos, mas não foi capaz de conter as lágrimas.

Daniel se colocou atrás dela, muito perto, mas não a tocou.

— Eu não pretendia magoar você — disse ele, e ela sabia o rumo que a conversa tomaria. Enxugou o rosto e foi para a porta, mas Daniel a segurou. — Eu não queria amar você. Não queria amar ninguém. Você nunca pediu nada, nunca exigiu, apenas deu, e era eu quem a estava usando, sugando, e tinha consciência disso. Mas você não reclamou. Acho que por isso me apaixonei tanto.

Catherine fungou.

— Você me faz parecer um capacho.

— Sou ruim com palavras. Acho que por isso sou contador. Você não é um capacho, Catherine. Não tem idéia do quanto é forte, talentosa, e do quanto é especial para mim.

Ela deu um passo para trás, até que houvesse uma distância segura entre os dois.

— O que você está fazendo?

— Não sei o que estou fazendo, mas estou cansado de ser sozinho, e não sabia disso até conhecer você.

— Apenas eu?

— Sim, apenas você. Quando eu a vi na praia, soube que não tinha nada a temer. Você era tão parecida comigo, tranqüila, solitária. Mas não aceitaria estar com qualquer pessoa. Teria de encontrar o homem certo e, felizmente, acho que sou eu.

— Não sei — murmurou ela, porque era inteligente e cautelosa.

— Eu a amo, Catherine.

Ele estava esperando que ela dissesse o mesmo, mas aquelas palavras eram sérias e eternas para Catherine, e ainda não se sentia pronta para confessar o seu amor.

— Você não vai falar nada? — incentivou ele, parecendo nervoso.

— Não tenho certeza sobre isso.

— Você vai tentar? Eu mereço uma chance. Sei disso agora, Catherine.

Surpreendeu-a o fato de Daniel esperar que ela cedesse tão facilmente, mas Catherine aprendera muita coisa durante a convivência deles. Era mais forte agora.

— Talvez isso seja temporário.

— Catherine, você me conhece?

— Sim.

— Acha que sou do tipo que tem uma relação temporária?

— Não. Mas eu não sou Michelle.

— Sei disso.

— E se você conhecer alguém, vamos dizer, mais parecida com ela?

Daniel sorriu.

— Se eu conhecer alguém parecida com Michelle, sorrirei educadamente, depois virei para casa fazer amor com a mulher que amo, pensando no quanto sou afortunado por ter alguém como você.

Sentindo que Daniel acreditava piamente no que estava dizendo, Catherine decidiu admitir que talvez valesse a pena tentar.

— Vamos tentar — concordou ela, secando uma lágrima no rosto.

Ele estendeu os braços.

— Ótimo.

Ela o abraçou, desajeitada no começo, porque estava com muito medo. Embora acreditasse em Daniel, não estava pronta para acreditar no relacionamento dos dois. Mas

quando ele a olhou intensamente, Catherine podia jurar que havia amor naqueles olhos. Quando viu o desenho dela na parede, pensou... Talvez.

E entregou-se a ele, entregou o coração, mas ainda conteve um pedacinho da alma.

Na sexta-feira, Catherine avisou que não ia trabalhar, alegando estar doente. Meia hora depois, Andréa telefonou no celular, querendo saber o que estava errado.

— Estou bem, mãe.

— Então por que não veio trabalhar?

— Estou tirando um dia de folga.

— Mas não vai me contar o que está fazendo, certo?

Catherine olhou para Daniel e sorriu.

— Estou com Daniel, mãe. Está tudo bem.

— Obrigada, filha. Oh, e seu avô a quer no escritório dele na segunda-feira de manhã. Parece que deseja expandir seu papel na Montefiore, dada a sua ajuda com a auditoria. Acha que você está pronta para responsabilidades adicionais.

— Verdade?

— Verdade. Ele ama você. E eu também a amo, Catherine.

— Amo você, mãe.

Depois que ela desligou, Daniel perguntou:

— O que você quer fazer hoje?

Catherine queria ficar na cama e observar o sol do outono reluzir no peito dele, então ver os próprios dedos trilhando o peito poderoso.

— Podemos ficar aqui? Não quero sair.

O sorriso dele começou lento, então se ampliou.

— Você não quer me desenhar novamente, quer?

— Não hoje — sussurrou ela, quando ele a envolveu nos braços. — Isso só amanhã.

Na sexta-feira à noite, eles foram ao Prime, porque Daniel queria que ela conhecesse o bar e a família dele. Era estranho ver os três irmãos juntos. Havia muitas similaridades, mas diversas diferenças também. Gabe, com o sorriso pronto, e Sean, que parecia questionar tudo e todos.

Gabe serviu o vinho e olhou para Daniel.

— Tire folga amanhã à noite.

Daniel sorriu para ela.

— Isso não acontece com frequência, portanto amanhã vamos aproveitar do romantismo de meu irmão. O que você quer fazer?

— Pensaremos em alguma coisa — disse Catherine com um sorriso doce.

No final, eles não foram a lugar algum no sábado. Dormiram até mais tarde, então Daniel lhe mostrou a coleção de álbuns dos Rolling Stones e Catherine passou a tarde ouvindo música e desenhando-o... nu.

— Quero mostrar um desenho para sua mãe.

— De você? — Catherine riu.

— Não de mim. Um dos outros. Você tem muitos desenhos bons.

— Talvez. — Ela pensaria no assunto. Daniel a fazia pensar em coisas que não teria cogitado antes.

No domingo, Daniel acordou na própria cama, as mãos impacientes procurando.

E lá estava ela.

Sorriu para si, antecipando o dia, antecipando o momento em que Catherine acordaria. Adorava vê-la acordar.

Catherine estendeu a mão e deslizou-a pelas costas dele, os lábios se curvando no que tinha de ser o sorriso mais sexy do mundo. Um sorriso designado a ele.

Quando Daniel a puxou para os braços, beijou-a longa e demoradamente.

Os olhos castanhos dela se abriram, piscando sonolentos, a pele nua suave.

— Eu poderia me acostumar com isso.

— Eu já me acostumei.

— Eu amo você — sussurrou ela, e Daniel fez uma prece silenciosa.

— Você vai se casar comigo? Diga que aceita.

Ele podia ver a hesitação de Catherine, e censurou-se por ser tão precipitado, mas não queria perder um segundo com ela.

— Não sei.

Não era a resposta que ele queria, mas estivera preparado para isso.

— Então esperamos. E todo dia vou perguntar de novo. Até que você esteja certa.

— Você está realmente falando sério, Daniel?

— Claro. Hoje é o Dia Um. Vai se casar comigo?

— Não sei. — Mas ela estava sorrindo. Naquele momento, o despertador tocou, e quando Daniel se virou para desligá-lo, notou a data: 12 de setembro.

O sorriso dele se ampliou e o coração se expandiu um pouco mais.

Honestamente, a vida não podia ficar melhor.

EPÍLOGO

Dia 1 04

Catherine acordou da mesma maneira que sempre acordava. As mãos de Daniel estavam sobre os seios dela, as pernas entrelaçadas nas dela, e ela se sentia contente. Estava ficando mais fácil acreditar neles agora.

Ela o olhou, o analisou... seu Odisseu... E sorriu. A solidão havia desaparecido dos olhos dele, os braços fortes não estavam mais vazios. Ela fizera isso. Catherine Montefiore.

Posicionou-se sobre ele e Daniel a preencheu tão facilmente, com tanta segurança. Conhecia aquele corpo, sabia como tocá-la, como lhe dar prazer... Sabia como fazê-la feliz.

Depois que fizeram amor e se aconchegaram confortavelmente, Daniel murmurou:

— Tenho uma coisa a lhe dizer.

— O quê?

— Hoje é meu aniversário.

Catherine se apoiou em um dos cotovelos e perscrutou as feições dele.

Estava completamente sério.

— Vai me fazer pagar, não é?

Daniel assentiu.

— Você não vai recusar o pedido de casamento de um homem no dia do aniversário dele, vai?

— Você planejou tudo isso?

— Não opinei na data de meu nascimento.

Catherine traçou-lhe o rosto com a mão.

— Eu amo você.

Ele suspirou.

— Mesmo assim não vai se casar comigo?

Ela sorriu. Estava na hora. Inclinou-se para beijá-lo, deixando a boca se demorar, deixando o coração amar.

— Na verdade, Daniel, acho que finalmente vou aceitar seu pedido.





FIM